

JORGE

o homem que
sabia demais

MANUEL DIMAS
MANOEL PIMENTA

MEDAUAR
o homem que sabia demais
emanuel dimas de melo pimenta

2003
Primeira edição, 2008 PT
artes finais - ASA Art and Technology, UK, Londres
capa - Emanuel Dimas de Melo Pimenta, ASA Art and Technology (UK)

www.emanuelpimenta.net

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida, em qualquer forma, sem prévia autorização escrita da ASA Art and Technology (UK) London.

Fundada em 1988, ASA Art and Technology é uma entidade Britânica, com sede em Londres, dedicada a projectos de arte, cultura e tecnologia. Ela também está orientada para a coordenação de projectos de alto repertório em diversas áreas, tais como arquitectura, música, filosofia e fotografia, sempre sob uma abordagem transmediática e transdisciplinar.

ASA Art and Technology
Sovereign House
212-214 Shaftersbug Ave
London WC2H 8HQ
England
www.asa-art.com

Copyrights dos textos de Emanuel Pimenta: ASA Art and Technology UK London, 2003, 2008
Copyrights dos textos Personagens Árabes na Obra de Jorge Amado e Crónica de Paris sem Julio Cortázar, espólio da família Jorge Medauar.
Copyright do texto de Jorge Emílio Medauar Jr., do autor.
Copyright da fotografia de Jorge Medauar: Emanuel Dimas de Melo Pimenta, ASA Art and Technology UK
Copyright da fotografia da NASA: domínio público

*para Dona Odete, Jorge Emílio e Maria Matilde
e, como sempre, também para Luciana e Laura*

ÍNDICE GERAL

Páginas

5	Introdução, Emanuel Pimenta (2008)
7	Introdução, Emanuel Pimenta (2003)
10	Jorge Medauar – o homem que sabia demais
182	A poesia é mais importante que o poema, Jorge Medauar
185	Personagens Árabes na Obra de Jorge Amado (fragmento), Jorge Medauar
190	O Incêndio, Emanuel Pimenta
198	Breves comentários sobre O Incêndio, Emanuel Pimenta
199	Crónica de Paris sem Julio Cortázar, Jorge Medauar
200	Algumas obras de Jorge Medauar
202	A vida não pode ser uma ponte sem rio, Jorge Medauar Jr.
205	breve bio de Emanuel Pimenta
206	créditos
207	Índice onomástico
209	Índice temático

Jorge Medauar foi um grande e querido amigo, de muitos anos.

Quando morreu, em 2003, tratei de escrever este pequeno livro reunindo memórias e cartas – que para além de ser em sua homenagem são o retrato de uma época.

Ele amava o Brasil e amava Portugal.

Infelizmente, Brasil e Portugal não têm tido – enquanto sociedades – grande atenção no sentido da preservação da memória.

Tornam-se, assim, num e noutro lado do Atlântico, povos relativamente ociosos, privilegiando o aqui e agora.

Mas, não há futuro sem passado, tal como não há revolução sem história.

Assim, durante os últimos cinco anos nenhuma editora ou instituição no Brasil ou em Portugal se interessou pela edição em papel deste pequeno livro.

Por outro lado, seguramente, a publicação electrónica deste trabalho, de livre acesso para todos, sem barreiras de tempo ou espaço, teria sido, sempre, a melhor forma de edição para algo sobre alguém como Jorge Medauar.

Em 2008, tal como meu pai, Jorge Medauar celebraria os seus noventa anos.

Nos dez anos de desaparecimento do meu pai – cujo destino se cruzou com o do Jorge Medauar – também de forma totalmente independente, lancei o Museu do Desenho do Tempo.

Agora, este texto escrito em Lisboa, em 2003, para o Jorge Medauar, grande e inesquecível amigo, surge como se das suas palavras emergissem magicamente aquelas de Abu Zaid Ad’ul-Rahman, também conhecido como Ibn Khaldun, sábio que viveu entre 1332 e 1406: *para se poder aprender qualquer arte, um mestre é sempre necessário.*

Emanuel Dimas de Melo Pimenta
Locarno, Suíça. 2008

O espírito é acaso. Quer dizer, o sentido da palavra espírito contém, entre outras coisas, todas as significações da palavra acaso. As leis são jogadas, imitadas por esse acaso. Mas, ele é mais profundo, mais estável, mais íntimo que qualquer lei conhecida – consciente. Toda a lei que eu penso é instável, limitada, reduzida.

Paul Valéry

Ainda faltava um ser, que fosse marcado do selo divino, depositário mais qualificado de uma inteligência penetrante, e que, assim, pudesse exercer o seu domínio sobre o restante da criação. O ser humano nasce, quer consideremos que o deus criador, autor de um mundo melhor, o tenha formado da sua semente divina; quer tenha sido a terra, na sua novidade, então recentemente liberta dos profundos abismos do éter, a conservar qualquer germe do seu irmão, o céu, e que aquela terra, o filho de Prometeu a tenha misturando com água da chuva, modelando-a à imagem dos deuses, moderadores de todas as coisas. E, enquanto que os outros animais inclinam-se para o solo, tendo os olhos sido feitos para isso, ao ser humano ele deu uma visão voltada para o céu, propondo a contemplação, convidando-o a levar aos astros os seus olhares. E é assim que a terra, há pouco ainda massa grosseira e indistinta, dá forma e modela em novas figuras os seres humanos.

Ovídeo

Para alguém que é sábio, todas as terras são o seu lugar; porque a pátria de um sábio é o Universo.

Demócrito

Daqui, do alto, vejo o castelo.
Mais de dois mil anos nos separam das suas fundações.
Mas, também vejo o rio e o mar.
Agora, são as estrelas e a lua que brilham e, como se reflectissem as luzes da cidade, mancham tudo de prata.
Mas, de dia, é o estuário que se torna prata com a luz do Sol.
Lisboa.
O doce ar da noite.
Perfume.
Este era o sonho do meu velho e querido amigo Jorge Medauar.
Eu estou aqui, agora, em Lisboa, e seguramente ele também – vendo tudo pelos meus olhos.
Anatole France pedia aos críticos que nunca se esquecessem de que sempre falamos de nós mesmos, ainda quando acreditamos dizer de outra pessoa.
«A verdade é que nunca se sai de si mesmo» – dizia.
A verdade de Anatole France é a realidade deste momento, como de todos os outros.
Não pretendo e não teria como pretender falar de Jorge Medauar sem falar de mim mesmo.
De uma ou de outra forma, estamos sempre falando de nós mesmos e do mundo que nos forma.
Pois bem, meu caro e querido Jorge.
Eu nunca esqueci de você.
Nunca esquecerei.
Este pequeno texto, este pequeno mergulho numa vida, é uma singela celebração da sua luz, que está aqui e agora.

Para sempre, neste exacto momento.
Aqui, não me importam as regras, nem a rígida régua da memória precisa, dos dados cartoriais.

O que importa, aqui, é o vento – a Natureza, e a vida e o tempo.
Natureza que é o humano, antes de qualquer outra coisa – e humano que é tudo.
Linguagem.
Invenção.
Livre, com todos os erros, mistérios, imprecisões.
Enigmático fenómeno que somos todos nós.

Quando eu era menino, todas as semanas, havia um mágico encontro na casa do Jorge Medauar.

Lá, conheci um sem número de pessoas.
Dona Odete preparava as mais deliciosas iguarias.
E a noite era vencida, mergulhando, todos, nos desígnios traçados por Camões, Machado de Assis, Emanuel Kant, Claude Debussy, James Joyce, Guimarães Rosa, Villa-Lobos, Gershwin, Kennedy ou Churchill, a mágica Suméria, Egipto, Japão, Sócrates ou Bashô.
Lá todas as nações, todas as raças e todas as crenças eram uma só.
Então, todas as almas estavam mais que vivas.
Sempre.
Éramos todos nós.

Até que o céu manchava de luz os copos, pratos, livros e mais livros, quadros, e lembrávamos que, infelizmente, chegava a hora de ir para casa.

De lá para cá, durante mais de trinta anos, o Jorge me ensinou a escrever, a pensar, penetrar pelas sendas de um vinho *honesto* e conhecer a estranha e misteriosa textura de vida guardada pelos antigos Gregos, como um bom livro, ler, ouvir, olhar e ver, respirar.

Economia.
Dizer tudo isso ao reafirmar, vezes sem fim, o carinho e o amor por um querido irmão.

Emanuel Dimas de Melo Pimenta
Lisboa, Portugal. 2003



1973.

Eu tinha dezasseis anos de idade.

Boa parte dos dois anos anteriores tinham sido dedicados ao trabalho como operário na fábrica do meu pai – que me obrigara a isso, por temer que um dia eu me tornasse artista.

Começava ali, depois de cerca de dois anos mergulhado nas engrenagens, graxas negras, cortes nos dedos e mãos, parafusos, tornos e fresas, ainda muito jovem, agora transferido para o departamento de publicidade e marketing, uma carreira – que mais tarde seria definitivamente trocada pela arquitectura, pela música, pela fotografia e pelos livros.

Mas, o que vivemos nunca nos abandona.

Naqueles novos ares de uma nova trajectória, aconteceu, então, a reunião mais importante da semana – o encontro com o responsável pela agência de publicidade que atendia a empresa.

Tratava-se de um grande e misterioso personagem.

Lá fora o céu era azul molhado pela humidade do ar, mas com poucas nuvens.

Olhei para o meu corpo, extremamente magro, corpo de menino, sandálias nos pés, negros cabelos lisos e longos, *t-shirt* desbotada e colorida, calças de ganga, quase imberbe – uns fios aqui e ali, que insistiam crescer longos e ondulados, provocando, teimando desenhar o rosto.

Tremi.

Aquele célebre personagem, reverenciado por todos, com nome estampado em tantos lugares, iria fazer uma entrevista comigo!

Era, naturalmente, um teste.

Eu não percebia o que poderia acontecer a partir dali, o que seria desencadeado por aquela reunião.

A única coisa que sabia era ser muito novo e excessivamente inexperiente para aquele tipo de acontecimento.

Eu tinha dezasseis anos de idade...

De toda a forma, seguramente, somos todos sempre muito novos para essas coisas.

A tensão dos momentos que antecederam a reunião fazia imaginar a iminente explosão de uma batalha mítica, a chegada de algum mágico personagem do antigo mundo Grego.

Sabia, intimamente, que algo aconteceria e que esse algo mudaria radicalmente a minha vida.

Apenas não sabia o mais importante – o que, em termos concretos, iria acontecer a partir daquele exacto momento.

Era como se eu estivesse à espera de um grande acidente, de uma revolução, cega e surda, imaterial como é sempre a expectativa do presente.

Da porta que conduzia às escadas, ao elevador e à sala do presidente, que ficava no andar superior, veio caminhando um homem baixo, muito baixo, passos seguros e rectos, corpo quase redondo, mas nem tanto, expressão séria, muito grave, vestido a rigor, com uma belíssima gravata, como se eu pudesse ver a intensa áurea de perfume Francês que o envolvia.

Chamava-se Jorge Medauar.

Vinha acompanhado de outra pessoa, já não lembro quem – alguém da empresa, destacado para indicar o caminho até onde eu estava.

Quando finalmente alcançaram a minha mesa – eu já em pé atrás dela – o Jorge Medauar lançou um olhar tão indignado como surpreso.

Cumprimentamo-nos cordial e rapidamente.

Notei como a mão dele era pequena e quase curva, como se fosse uma concha, quase, mas firme, muito firme.

Sorriso ainda mais rápido, involuntário movimento.

Lance de canto de olho.

Embora rápidos olhares, foi uma varredura profunda, como o médico que toma o pulso ao paciente.

Dentes pequenos, rangendo, quase invisíveis.

Voltou-se bruscamente e puxou pelo braço a pessoa que o acompanhava, afastando-se como que para esbravejar em silêncio uma séria e indignada confiança que, naturalmente, não escapou aos meus ouvidos.

- É esse rapaz? – perguntou como se quisesse ter a certeza de que estava errado.
- Sim, é ele...
- Mas! É muito novo! Você tem certeza de que é mesmo esse rapaz?...

Desconcertado, o sujeito abaixou a cabeça, indicando – em tom meio envergonhado – que sim.

Envergonhado!

Foi minha a indignação diante daquela pequena e covarde vergonha do sujeito que o acompanhava.

Um verme!

Aquilo que insistiam dizer ser a *minha sala* era, na verdade, um pequeno quadrado cercado de velhos e horrorosos balcões forrados a fórmica, imitando grosseiramente algo que presumivelmente deveria ser parecido com madeira.

Tudo naquele edifício era pobre, intencionalmente pobre, deprimente, esteticamente medíocre, decadente e, como se costumava dizer, tudo tinha *jeito de repartição pública*, sem o ser.

A porta para a entrada da *minha sala* era baixa, era da mesma altura do balcão e tinha molas, como se imitassem, tão precárias como todo aquele lugar, as de um bar de faroeste.

Assim, eu tinha uma sala sem paredes, mas com uma espécie de cerca, que naquele lugar parecia ter a função de provocar uma leve e insistente asfixia.

Um cenário pesadamente *kafkiano*.

Tal como a precariedade geral, também a existência daquelas salas sem paredes era algo intencional: todos podiam ser permanentemente controlados.

Medauar voltou, largando o sujeito à sua sorte, desprezando-o ao seu inevitável destino, daqueles que não permitem o susto do livre arbítrio.

Arrumou a cadeira para que pudesse sentar exactamente à minha frente.

Cruzou as pequenas pernas e permaneceu longos segundos saboreando o meu constrangimento, sem dizer uma única palavra.

Silêncio.

Eu estava literalmente entalado pela sua imobilidade, pela seriedade que os seus olhos despejavam em abundância.

Tudo parecia ter sido subitamente absorvido pelo silêncio, por uma gravidade sem explicações.

Mas eu lia nos seus espertos, pequenos e muito brilhantes olhos, que também ele estava desconsertado.

Afinal, ele nunca poderia imaginar que o seu interlocutor fosse um menino com apenas dezasseis anos de idade.

«Manobra da família para *queimar* o rapaz?» – pensou, como confessaria anos depois.

E acontecer uma situação dessas justamente com ele, o famoso e respeitado Jorge Medauar, reconhecido em diversos países, autor de vários livros, poeta, jornalista...

Só faltava essa...

Sorriu fino, para dentro, não contendo a estupefacção.

Perguntou, sem esconder o sarcasmo, se eu tinha alguma experiência “no ramo”.

Diante do meu inevitável silêncio seguiu adiante, querendo saber se eu já tinha trabalhado com comunicação, com criação, mídia, redacção, artes finais, contacto... qualquer coisa do género – e todas as respostas foram rápidas, nuas e cruas negações.

Perguntou, então, o que eu gostava de fazer, quais eram os meus sonhos – como quem pergunta a um menino, com um leve toque de ironia, já não controlando o descaso que lhe avivava a alma...

Mergulhei nos seus olhos e, num voo rasante e directo, fui dizendo quase como escrita automática, sem tempo para o pensamento, que amava literatura, poesia, fotografia, filosofia, física, cinema, artes plásticas, música, arquitectura, teatro, astronomia, arqueologia... e nas voltas da alma, tratei de trocar a ordem de tudo e voltei a distribuir os meus sonhos de outra forma.

Afinal, não havia ordem nos sonhos – nem era necessária.

Eu amava sinceramente tudo aquilo.

Soltou o ar dos pulmões e, parecendo um pouco mais confortável, perguntou-me qual o livro que eu estava lendo naquele momento.

- Kafka! – respondi directo na sua fala. Creio que era *O Processo*, ou terá sido *A Metamorfose*?

Magnífica coincidência com aquele pesado ambiente militar, cheio de controlos e repressão.

O que eu já tinha lido?

James Joyce, Hegel, Edgar Allan Poe, Marcel Proust, Manuel Bandeira, Fernando Pessoa, Jorge Luis Borges, Guimarães Rosa, Julio Cortazar, Oscar Wilde, Flaubert, Baudelaire, e assim por diante.

Subitamente, os seus pequenos olhos ficaram mais rápidos e ainda mais brilhantes.

- Você sabia que o Guimarães Rosa foi meu mestre não somente em poesia, mas também em medicina, para além de ter sido um grande amigo durante anos?

Quando o Jorge Medauar disse aquilo, fiquei sem palavras.

Minha alma vibrou.

Devo ter ficado de boca aberta.

Senti o sangue correr pelas palmas das minhas mãos.

Guimarães Rosa era um daqueles inalcançáveis personagens mágicos que povoava a minha alma. Ele dizia que gostaria de ter “sido um crocodilo vivendo no rio São Francisco. Gostaria de ser crocodilo porque amo os grandes rios, pois são profundos como a alma do ser humano”. Foi nomeado para o prémio Nobel em 1967, e não o recebeu, garantem, porque morreu. Desapareceu deste mundo, quando o Jorge Medauar tinha quase cinquenta anos de idade, apenas seis anos antes do nosso primeiro encontro. Ao longo dos anos, Jorge Medauar repetiria sempre a afirmação do seu grande amigo e mestre: *a gente morre é para provar que viveu...*

Tive a súbita noção de como eu nada conhecia da sua vida.

Sabia apenas aquilo que todos insistiam repetir – que ele era uma pessoa importante. Muito importante. Um símbolo. Mas, até então, tinha sido de um uma importância superficial, sem história.

Até então, um símbolo vazio, de certa forma como todo aquele cenário que nos circundava.

Agora, acompanhado da figura de Guimarães Rosa, ele se tornara alguém em profundidade.

Um símbolo que revelava as suas misteriosas raízes.

A minha reacção não ficou escondida.

À lista, apressado, tratei de acrescentar Juan Rulfo.

Ainda vivo, o misterioso cavalo de *Pedro Páramo* vagava vigorosamente pelos meus sonhos.

- Você conhece a obra dele?

Jorge tinha estado pessoalmente com Rulfo, pouco antes da prematura morte do escritor Mexicano, ainda na década de 1970, quando passou por São Paulo.

E Max Erlich, que também pertencia à minha mágica constelação de sonhos, para não deixar de referir Hermann Hesse e, entre tantos, o seu encantador *Jogo das Contas de Vidro*.

Algumas semanas mais tarde eu lhe ofereci *A Reencarnação de Peter Proud*, de Max Erlich, que ele ainda não tinha lido.

Aquele ar que respirávamos me impediu de esquecer a *Arte Cavalheiresca do Arqueiro Zen*, de Eugen Herrigel...

Emergiu a grata sensação de que, afinal, não tínhamos uma grande diferença de idade. Éramos de um mesmo universo, como se nos conhecêssemos há séculos.

- Basta!... não diga mais qualquer coisa.

Levantou-se bruscamente e disse apenas que eu deveria me dedicar ao trabalho, que eu teria um bom futuro... coisas que se diz vulgarmente em momentos de despedida.

Ainda, quase saindo, acrescentou que alguém entraria em contacto comigo.

E ponto final.

O contacto, naturalmente, seria outra pessoa. Algum funcionário da sua agência.

Despediu-se.

Deu outro pequeno sorriso, torcendo ligeiramente o canto da boca.

Quando fazia isso – eu viria a aprender mais tarde – era porque estava feliz.

Foi embora, como chegara, como um relâmpago.

Restou um vazio.

Mas era um vazio cheio.

Fiquei ali, confuso, sem saber com segurança o que realmente tinha acontecido.

Teria sido arrogante com ele?

Seguramente.

Teria sido aquele rápido e inusitado encontro, sem rodeios, planos ou requerimentos burocráticos, a tão esperada entrevista?

Não poderia ter sido outra coisa.

Tudo pareceu ter acontecido vertiginosamente, como se nada tivesse tido, afinal, uma importância real.

Tal como é a vida.

Assim aconteceu o meu primeiro encontro com Jorge Medauar.

Com o passar do tempo, ao longo de mais de trinta anos, nós construiríamos uma profunda relação de amizade, como se fôssemos verdadeiros irmãos, apesar da grande diferença de idade.

Ele já tinha quase quarenta anos quando eu nasci.

Era alguns meses mais velho que o meu pai.

O Jorge foi um homem livre da rigidez das convenções. Mas, há sempre um *preço* que se paga para ser livre.

Ele sempre pagou esse *preço*.

A liberdade, como a herdamos dos nossos pais Gregos, faz com que possamos sempre questionar a mudança. Apenas a mudança gera a consciência, e é o seu permanente questionamento que nos possibilita estabelecer os nossos próprios limites, isto é, sermos livres.

Toda a vida do Jorge Medauar foi um contínuo questionamento sobre as mudanças. Não apenas as mudanças sociais ou tecnológicas, mas aquelas que vivemos intimamente.

Aquele encontro foi, certamente, uma das minhas primeiras lições sobre a mudança e a liberdade.

Nas semanas seguintes, passei a ter um contacto regular com alguma pessoa da sua agência.

Telefonavam para saber isto ou aquilo. Fui aprendendo cada passo de um mundo que também tinha as suas rotinas.

Naqueles primeiros tempos, conheci a sua assistente principal – era uma moça magra, quase tão nova como eu.

Creio que ela era, naqueles tempos, a única pessoa que sabia sempre, com precisão, onde ele estava.

Chamava-se Lúcia Marques.

Naqueles tempos, ninguém gostava de confiar em pessoas com mais de trinta anos.

Mas, isso não se aplicava ao Jorge Medauar.

Ele via nas pessoas mais novas uma explosão de energia que o alimentava. E aqueles que ainda não tinham alcançado os trinta, viam nele uma fonte de sabedoria, de iluminação.

Onze anos depois daquele nosso primeiro encontro, começamos uma troca de correspondência que se projectaria com certa regularidade ao longo dos vinte anos seguintes.

São Paulo. Maio 21. 1984

*Caro Jorge,
Sexta Feira tivemos um rápido encontro.*

Não pudemos falar muito. O tempo de hoje modifica o espaço, e anda difícil estarmos tranquilamente juntos.

E também porque a linguagem escrita é diferente da oral; ainda, a minha admiração e carinho sempre, por você. Estou escrevendo.

Há, nesse último trabalho – que está agora nas suas mãos – três elementos distintos de linguagem.*

Um verbal, com todo o aparato semântico da escrita. Dois não verbais: as ilustrações e a tipologia das letras.

A adopção desses três elementos básicos acontece como referência à arquitectura japonesa.

Como você pode ver no diagrama anexo, que foi o projecto do trabalho, há cinco gráficos simultâneos – são mapas, partituras.

O primeiro e o segundo se referem ao factor semântico embutido no significado das ilustrações, que contamina o significado geral através das suas mutações iconológicas.

O terceiro, pensado através dos processos de estruturação estética Zen, produz uma forma relativa – pela condensação ou não de certas ocorrências, através de tendências probabilísticas.

O quarto emerge enquanto montagem dos textos.

E, finalmente, o quinto – onde surgem as famílias de tipos com as quais o texto é editado.

*Tudo ocorre simultaneamente.
A leitura não pode ser feita num traço linear.
A montagem vertical altera a significação desse espaço.
Na verdade, trata-se de um laboratório-pensamento electrónico, onde tudo é uma
contínua explosão.
Nem a música, nem a literatura ou mesmo a arquitectura atuais obedecem aos
sistemas anteriores.
Mas, os incorporam.
O analógico restituído através de um novo pensamento lógico. A hipotaxe volatilizada
em parataxe. Hierarquia transformada em coordenação.
A Terra vista de Marte.
Certamente, as imagens se traduzem em quase enigmas.
Todos somos prisioneiros de uma grande ilusão.
A Revolução Industrial explodiu a Terra.
Como uma supernova, ou a implosão de um buraco negro.
Conceitos de eterno e infinito, e ainda a arte, tal como conhecemos, são coisas que os
Orientais não conhecem – eles têm outras coisas, que insistimos em traduzir para a nossa
visão. O espaço do mundo da lógica é outro.
O Ocidental moderno vê a Terra da Terra – e os Românticos tiveram um importante
papel nessa leitura.
Os Orientais, assim como os índios, não a vêem. Eles são, como os peixes, o próprio
ato de ver.
O tamanho do arquitecto já não é o das casas, das pontes, dos automóveis. O tamanho
dele é o do pensamento humano.
Stonehenge era, como em certo sentido Atenas, o rebatimento da cúpula celeste. Os
índios Bororo organizam os seus espaços cheios-vazios através da imagem do céu.
Nova York é o rebatimento do sistema cerebral.
Não mais a imagem do pano celeste, mas dos neurónios e do próprio cosmos.
No final, forma versus conteúdo.
Não!
A presumível compartimentação conceptual, como citação da Revolução Industrial, é
anulada pela sua anterior e posterior pulverização.
Pulsar.
Como o que Theo Van Doesburg defendia, a recuperação em acontece num outro
nível.
Há e não há.
O análogo e a similaridade perfurando o pensamento lógico.
O avesso pelo verso.*

Certa vez, conversamos sobre o tempo.

Entretanto, ele não é estático. Pode ser dilatado e comprimido.

Experimentalmente.

Penetrar a nossa ilusão de mundo e restituir um outro espaço.

Experimentalmente.

Um outro ser humano.

Outro dia, assisti a um concerto musical onde os executantes procuravam se desautomatizar da lógica através de um processo de quase improvisação. Certamente, eles não percebiam isso com muita clareza. O que ocorria, todavia, era que, embora o colorido sonoro pudesse estar coerente com uma tal procura, a montagem de todo aquele processo obedecia clara e inconscientemente ao sistema hipotático da linguagem verbal que construía os seus repertórios.

Na verdade, este trabalho sobre arquitectura é quase um caleidoscópio electrónico, onde a iconografia está mais para a holografia que para a pintura.

Jean Dubuffet disse, numa das suas cartas a Gombrowicz, que «o pequeno drama cartesiano que se desenvolve em cada uma das minhas frases é, na verdade, o meu tormento, o grande desejo de não me condicionar que tanto esforço me custa e, devido ao qual, sempre devo estar em luta comigo mesmo. Custa muito trocar o sangue, quero dizer, trocá-lo totalmente. Esforço-me em fazê-lo».

Com carinho, sempre seu

Emanuel

**Tapas - A Impermanência das Coisas e das Ideias, Arquitectura e o Inconsciente. Editora Projecto, 1985, São Paulo.*

Aquela ausência de barreiras entre idades fazia com que o Jorge Medauar procurasse combinar pessoas de todos os tipos, criando uma complexa teia de criatividade.

Essa estratégia, onde todos tinham um papel activo, produzia uma poderosa onda de ímpeto, de animação, e acabaria por se tornar um ponto de referência para toda a minha vida.

- Os mais jovens são portas abertas, como o barro que ainda assumirá uma forma, moldado pelo tempo. Os mais velhos já têm espessura, pelo menos alguns. Um não tem graça sem o outro – ele diria alguns anos mais tarde.

Logo depois do primeiro encontro, fui tratando de comprar livros e mais livros sobre marketing, comunicação em massa, percepção sensorial, Buckminster Fuller, Edward T. Hall e Marshall McLuhan – que naquela época ainda era, por muitos, considerado um charlatão.

Dediquei-me a estudar tudo o que podia, especialmente sobre comunicação humana.

E aquele mundo parecia estar onde começavam todas as coisas – no signo, no pensamento.

Afinal de contas, tudo é informação e comunicação, todo o tempo.

Conforme passaram as semanas, não apenas o meu trabalho mas também a minha vida quotidiana foram ganhando uma nova dimensão.

Descobri que, muitas vezes, a melhor parte da programação televisiva está na publicidade – quando vistos como cinema.

Aprendi a importância de ler três, quatro ou mesmo cinco jornais, todas as manhãs, de diferentes lugares do país e de outros países, não estar restrito ao conteúdo dos textos, mas prestar atenção nas letras, frases, diagramas, imagens, pontos, linhas e tudo o mais que *desenhava* o planeta.

Por isso, todas as manhãs, rigorosamente, todas as manhãs, eu chegava atrasado ao trabalho.

Na verdade, eu estava sempre trabalhando, onde quer que estivesse.

Mas aqueles atrasos eram incompreensíveis para as pessoas que trabalhavam em outros departamentos. Não podiam compreender como alguém poderia continuar trabalhando mesmo fora da empresa, à noite ou nos finais de semana.

Alguns ficavam indignados.

O ditatorial senso comum estabelecia que todos, sem excepção, deviam chegar para trabalhar, religiosamente, às sete horas da manhã. E, a rigor, eu também deveria – mesmo que ninguém da área de publicidade e marketing trabalhasse a essa hora.

Nenhum departamento de arte final, nenhuma empresa de fotocomposição e nenhum jornalista, eram contactáveis nas primeiras horas da manhã.

Todos os jornais, revistas, agências de publicidade, empresas de comunicação, jornalistas, artistas e escritores acordavam mais tarde.

Não havia como explicar.

Para aquelas pessoas, o mundo era feito de escravos e de feitores.

Assim, sempre houveram conflitos e uma forte reacção em relação aos meus estranhos horários.

Por outro lado, aprendi o prazer de deixar de almoçar ou de dormir quando era necessário.

À noite, eu estudava electrónica e electricidade.

Já amava a fotografia – aprendera com meu pai, ainda menino.

Foi nessa época que, na minha pequena sala, recebi a visita de um rapaz – bem mais velho do que eu – pais Italianos, grandalhão, já quase completamente calvo, com ásperos cabelos vermelhos que cresciam somente nas laterais, e que acabara de inaugurar um interessante estúdio de fotografia.

Era Alberto Ghiurghi.

Tornamo-nos muito amigos e em alguns períodos praticamente dividimos, durante cerca de dois ou três anos, o seu formidável estúdio de fotografia.

Alberto Ghiurghi era, sem dúvida, uma pessoa com um apurado sentido de qualidade, um sentido estético herdado do sangue Italiano que se estendia generosamente ao mundo do Renascimento em Florença.

Aprendi muito com ele.

O equipamento do estúdio era fabuloso – duas câmaras *Leica* 35mm, três *Hasselblad* 6 x 6, duas *Linhoff* 6 x 9, uma *Cynar* 4 x 5, vários fundos infinitos, *flashes Frata*, dois laboratórios completos – um a cores para diapositivos pelo processo de tons frios *Ektachrome E3* e outro a preto e branco – arquivos, salas, projectores, mesas luminosas e assim por diante.

Tudo muito bem organizado.

Nos finais de semana, frequentemente, costumávamos fazer grandes sessões de fotografia pela cidade e serões de projecção acompanhados de longos e dedicados exercícios de crítica e análise estética.

Mergulhávamos nas noites, costurando-as com agudas e apaixonadas análises dos nossos trabalhos.

Tudo lá pelo meio da década de 1970.

São Paulo. Junho. 1984

Meu caro Emanuel,

Você é o que se pode dizer interessante na prosa e no verso. Relendo a sua carta verifico que faz certas afirmações que poderiam ser desconcertantes – mas, não para mim, que o conheço de longa data, mas para quem não o conhece como investigador de cultura, de conhecimento, de saber. Diz lá você que o tempo de hoje modifica o espaço e que anda difícil estarmos juntos. Verdade. Mas, em cada época o espaço é um, bem diverso. Nem mesmo sei se existem espaço e tempo. Quanto à linguagem, que você diz ser diferente a escrita da oral, é. Mas ambas convergem para um único funil: a comunicação, o entendimento. Pena que em ambas, por mais apuradas, os seres humanos se desentendam. O seu trabalho, este que está comigo, diz você que tem três elementos distintos de linguagem. E enumera. Há um quarto, que é o silêncio, que marca a dimensão entre o que se vê, ou lê, e o raciocínio. Nesse hiato, o silêncio entra como o elemento que conduz para o entendimento. Não conheço a arquitectura japonesa, na sua essencialidade. Conheço apenas as formas externas de certos pagodes – mas, também alguma coisa dessa chamada arquitectura moderna, que plantou no Japão edifícios e vias elevadas e tantas outras coisas da engenharia e da arquitectura racional – racional? – dos nossos dias. Desço até ao seu «factor semântico embutido no significado das ilustrações» e deduzo – não obstante muitas vezes tenhamos de nos valer de outros jargões – que não o jargão em curso da prosa oral ou escrita, ou ainda da expressão gráfica etc., muitas vezes não encontramos a melhor forma para dar corpo ao nosso pensamento. Fico sem saber se o Zen que você refere é o mesmo daquele filão filosófico, recentemente afluído para embasar dúvidas milenares ou sofismas arqueológicos. Mas, vá lá! Chego ao quarto elemento, que vem a ser a montagem dos textos, digo melhor, que ocorre enquanto montagem dos textos, como diz você. E, finalmente, o quinto – finalmente mesmo, onde surgem as famílias dos tipos, arrematando numa ocorrência simultânea. Muito bem. Sigo as suas recomendações: não faço a leitura em traço linear. E como a «montagem vertical altera a significação desse espaço», flutuo no inefável. Naquela camada da doce incompreensão em que fico, tantas vezes horas e horas, a sondar a minha ignorância. Mas desço, insisto na sua carta, releio trechos e vou pensando, de mim para mim mesmo, que você é um ótimo poeta, ainda quando pretende percorrer os ágidos caminhos da arquitectura, sempre embasada com formas e fórmulas matemáticas, que não chega a negar o ímpeto poético, antes o completam. Ocorre que certos retalhos de frases suas, eruditas, diga-se em tempo, ficam zunindo nos meus ouvidos, como se fossem alfinetadas espicaçadoras de floreios filosóficos, mas com certa estrutura léxica que salta das bitolas comuns e faz pensar aos que não estão realmente acostumados aos floretes de espadachim da erudição ou da cultura, que esgrimam mais pelo prazer de esgrimar do que*

pela satisfação de uma provável estocada vitoriosa. «O analógico restituído», a «hipotaxe volatilizada em parataxe», a «implosão de um buraco negro», as «imagens» que se traduzem em quase enigmas e são em soluções diáfanas, transparentes, sem mistério, até mesmo a «Terra vista de Marte» e essa prisão que nos prende a todos – «todos somos prisioneiros da ilusão» – tudo isso me soa assim como uma sarabanda poética, um desfolhar de pétalas e folhas molhadas nas tintas de uma cultura ainda gelatinosa, trêmula como as geléias, os cremes, os manjares que juramos ter a consistência de mármore, mas não têm. Outra vez esbarro no «espaço do mundo lógico», para ficar sabendo que o espaço do mundo lógico – é você quem diz – é outro. Vou verificando, na minha compacta ignorância, que o espaço, de tanto ser dito, citado, mencionado, discutido, já me parece qualquer coisa de palpável, muito sólida, matéria ainda não classificada nessas fórmulas que dão o símbolo químico de cada substância, como o bário, que tem o número atômico 56. «Ba, de massa atômica 137,36» etc. Logo mais encontraremos a base do espaço e lhe aplicaremos um número, retirando-o assim da ausência física para o avocar a uma ponderável presença material. De mistura a tudo isso, embocamos na Revolução Industrial, no «rebatimento da cúpula celeste» e ficamos empacados nesse «avesso pelo verso», me soa assim como um sopro de Caetano Veloso, numa sátira apenas pressentida e nunca realizada. Olha aí: «a nossa ilusão de mundo é restituir um outro espaço». Como vê, o espaço são ângulos, esquinas, curvas, pontes, ligações de frases, costura de pensamentos soltos que, com a simples aplicação da palavra espaço, se corporificam, solidificam, cristalizam-se. Por fim, abro diante dos olhos o seu projecto arquitectónico e fico como um ratinho diante de circuitos de televisão, ou na indecisão de corredores que formam labirintos através dos quais eu, o rato, atónito, não sei se chegarei ao naco de queijo, estrategicamente colocado no final do labirinto, como prémio à inteligência do próprio rato. Camundongo, implume, portanto, falta-me o pelo e o couro da ratazana para seguir impávido com a segurança adulta de quem já é familiarizado com labirintos. Pelas ilustrações, o nível cronológico das ilustrações, o seu índice estatístico de ocorrências, textos específicos e famílias de tipos – esse conjunto de que se compõe o índice do seu trabalho, verifico que deve haver uma sequência lógica em tudo – mas que eu tropeço, claudico e caio nas armadilhas de uma inteligência que me superou. Não sei se seria mais fácil um esgrima filosófico molhado em bom vinho português ou mesmo desses de Bento Gonçalves, que podem muito bem espiritualizar uma outra conversa, como a que já tivemos, para a alegria da minha inteligência, já agora anoitecendo, enquanto a sua amanhece, gloriosamente.

Jorge Medauar

**Tapas - A Impermanência das Coisas e das Ideias, Arquitectura e o Inconsciente. Editora Projeto, 1985, São Paulo.*

Certo dia, recebi um inesperado telefonema do Alberto Ghiurghi.

Ele soubera que o Jorge estava doente, preso à cama, em casa, e sugeriu que o fôssemos visitar.

Estaria morrendo?

Naquela época, Alberto era seu aluno na faculdade de comunicação e marketing.

E fomos.

O céu de São Paulo estava pesado e cinza.

Quando chegamos – num lugar onde àquela época ainda não era considerado centro da cidade – logo admirei como a casa do Jorge Medauar era pequena.

No Brasil, *gente importante* tem mania de ostentar, frequentemente, grandes casarões, cercados dos mais inesperados símbolos de riqueza.

A do Jorge era uma casa simples.

E ele era importante.

A sala de entrada estava repleta de obras de arte que mergulhavam pelo pequeno corredor até a cozinha e subias as escadas até ao andar dos quartos.

Numa pequena moldura, Graciliano Ramos lhe dedicava alguma coisa.

Um magnífico retrato seu feito pelo genial Flávio de Carvalho, de quem tinha sido fiel amigo durante muitos anos.

Poemas enquadrados, de inúmeros bons velhos amigos – Jorge Amado, Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto Guimarães Rosa e Carlos Drummond de Andrade entre vários outros.

Quadros e mais quadros.

Cores, traços.

Fotografias.

Alguma obra contemporânea febrilmente misturada a uma grande tela primitivista de Chico da Silva, e muitos outros, como uma espécie de caleidoscópio do mundo.

Não era a casa de um arquitecto, de um artista – era o espaço de um escritor, poeta, jornalista. Espaço livre de quaisquer normas.

Os móveis eram tradicionalmente burgueses, mas a simplicidade de tudo, o grande labirinto de cores, imagens e histórias, com peças de todas as naturezas misturadas formavam um outro mundo.

Cada uma daquelas coisas penduradas pelas paredes possuía uma longa história para contar – tudo era memória.

Tudo eram histórias.

E será difícil encontrar melhor contador de histórias do que Jorge Medauar.

Assim, era evidente para qualquer um que lá entrasse, que as paredes daquela pequena casa eram verdadeiras portas para outras dimensões.

Dona Odete e ele estavam casados há muitos anos – mulher cheia de energia, vibrante e luminosa – veio nos receber à porta.

Soubemos instantaneamente que o Jorge estava sofrendo com uma terrível crise de asma.

Respirava com muita dificuldade.

Quase asfixiado.

Fomos convidados a subir para o quarto, sem grandes demoras ou formalidades.

Dona Odete foi à frente, e subimos pelas pequenas escadas até ao piso superior, onde ficava o quarto, voltado para a rua.

Lá, ao lado, junto à cama, duas crianças brincavam sobre o chão.

O quarto era austero e o piso era todo forrado com alcatifa de boa qualidade.

Eram Jorginho e Maria Matilde, seus filhos.

Ele estava deitado, voltado para cima.

Respirava sofregamente.

As crianças já nem reparavam.

Acenou com a pequena mão, um pouco curva, e apontou com o pequeno indicador, como sempre fazia, para duas pequenas cadeiras ao lado da cama, para que sentássemos.

- É uma ordem. – sussurrou baixinho, sem ar, com um pequeno e desajeitado sorriso, levando à boca um pequeno *spray*.

Aconteceu uma rápida discussão entre ele e Dona Odete – se a janela deveria ou não estar aberta.

Pois acabou por ficar aberta – contra a sua vontade.

- Luz! Nós precisamos é de luz. Onde já se viu ficarmos numa casa escura? Já basta esse céu cinzento... Ele fica sempre assim quando o tempo muda, quando a cidade fica coberta de nuvens... é sempre assim... e eu fico aqui, morrendo de preocupação – disse Dona Odete, que foi trazendo, energicamente, sem que esperássemos, grandes copos, coloridos sumos de frutas, doces e salgados.

Conversamos um pouco.

Jorge se ajeitou com a ajuda de mais uma almofada, olhou-me directamente, sorriu.

Finalmente, sentou-se e colocou em ordem uns livros que estavam ao seu lado.

Reparei que na pequena mesa ao lado da cama, avolumava-se uma enorme pilha de livros.

Reclamou, não sem mostrar algum prazer, pelo facto de lhe enviarem tantos livros – não tinha tempo para os ler com a atenção que mereciam, dizia.

Não responder a alguém que lhe pedia para ler um livro, ou um manuscrito, era uma espécie de pecado.

Já em pé, diante do espelho da *penteadeira* da Dona Odete, arrumando o cabelo para trás – ele sempre esteve rigorosamente penteado, a crise de asma não dava sinais de melhorar.

Ouvíamos com aflição o chiado do seu peito.

- Já estou bom – ria baixinho diante do espelho.

Ficámos consternados por o encontrar naquela situação.

- Não se preocupem. Isto é doença de poeta. Apenas os grandes poetas sofrem com este tipo de crises. Crises de respiração. Você já viu algum grande poeta que não tivesse tido problemas de respiração? Guimarães Rosa... Castro Alves... Sinal de que eu ainda poderei, espero, fazer qualquer coisa de jeito na poesia, pelo menos nesta vida... espero... – brincou, numa brincadeira que iria se repetir ao longo de muitos anos, rindo discretamente e pulverizando mais uma vez o medicamento garganta abaixo.

Havia sempre uma forte, espiritual e emocional ligação entre o Jorge e o mundo da literatura Francesa, principalmente em torno do *Iluminismo* mas se projectando a Charles Baudelaire, Victor Hugo, Emile Zola e até mesmo William Blake ou Edgar Allan Poe, de língua Inglesa, que não o atraía especialmente.

Stephanne Mallarmé ou ee cummings estavam relativamente fora do seu mundo, embora eu já os tivesse como partes indissociáveis da minha alma.

Mallarmé lhe era mais próximo, mas nem tanto quando nos aproximávamos de *Un Coup des Dés*.

Simplesmente, não havia lugar para julgamentos de valor.

Para o Jorge, este ou aquele tipo de poema eram como pilares deste ou daquele espírito.

Universos próprios.

Para ele tudo podia ter valor.

Haviam coisas que não lhe interessavam, apenas isso – tal como ouviria de John Cage anos mais tarde.

Até mesmo por pura falta de tempo.

Ele insistia em dizer que eram coisas que não compreendia, pois não faziam – platonicamente – parte do seu ser.

Não que ele tivesse qualquer objecção ou preconceito.

O próprio Manuel Bandeira, seu grande amigo, ensaiara um mergulho nas sendas da poesia concreta.

Ou ainda, em diferentes níveis de profundidade, Oswald de Andrade e João Cabral de Melo Neto também se soltavam dos rigores clássicos.

E ainda que não fosse o seu mundo, admirava especialmente os poetas e artistas concretos, Décio Pignatari, Haroldo e Augusto de Campos, Maurício Nogueira Lima.

Em especial, ele e o Maurício Nogueira Lima alimentavam uma velha, mútua e profunda estima, embora distante – e nunca deixou de manifestar a sua admiração pela obra do grande amigo Reginald Clark, pintor geométrico, Argentino, que viveu em São Paulo e que acabaria por se tornar praticamente desconhecido, tragicamente apagado pelo tempo.

Na sala da sua casa, vários pequenos quadros a óleo de Reginald Clark imprimiam a sua marca.

Ainda assim, não era o seu mundo.

Dois ou três séculos antes em Paris, e especialmente durante o século XVII, problemas de respiração eram tomados como claros sinais de sofisticação intelectual, de sensibilidade artística, inspiração poética.

Na onda dessa ideia, dessa aristocrática crença popular transformada em conceito universal, vários poetas Brasileiros foram morrendo e foram sendo celebrados pelos seus problemas respiratórios ao longo dos séculos – como se o Brasil fosse uma gigantesca ilha, onde o tempo passasse mais lentamente, fazendo com que aquela antiga onda chegasse finalmente até ele, Jorge Medauar, ali estendido, em pleno século XX.

Espantava-se com John Milton.

Venerava Cervantes e Camões – e acima de tudo Camões, e com grande ênfase para a sua lírica, que não cansava de citar páginas e páginas, de memória.

- «Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades; muda-se o ser, muda-se a confiança; todo o mundo é composto de mudança; tomando sempre novas qualidades...» – os seus pequenos olhos brilhavam e ele se perguntava – Não é absolutamente genial? – perplexo diante do mundo, da humanidade.

Naquela tarde de chumbo, chuva muito fina, falamos um pouco sobre política. Era ditadura feroz, e até mesmo dentro de casa tínhamos receio em falar sobre política – e o Jorge sempre tratava de contar uma pequena história enigmática, cujo verdadeiro sentido parecia sempre nos enganar.

- Veja como fazem as formigas, ou melhor as abelhas... e também os pássaros. Voam de uma determinada região do planeta para locais muito distantes, que eles conhecem. Mas, como *conhecem*? É como se aquele voo pudesse nos indicar um desígnio secreto.

Aquele primeiro encontro na sua casa foi extremamente simpático, pareceu durar horas, dias, mas o tempo rapidamente se esgotou.

Quando acabou, a sensação se inverteu e tudo parecia ter durado apenas uns breves instantes.

Saímos ao anoitecer.

Vestindo um elegante robe de seda, Jorge nos acompanhou até à porta e acenou com a sua pequena mão, sempre energicamente curva, conforme nos afastávamos.

Parecia estar melhor.

Quando chegou à porta de entrada, para nos ver partir, já respirava mais aliviado.

No carro, fomos repetindo cada frase que ele tinha dito, para as memorizar, como se as quiséssemos guardar para sempre.

Como uma pessoa como ele poderia, um dia, ser esquecido?

Nunca!

São Paulo, Junho 20. 1986

Meu caro e bom Emanuel,

Sua carta foi como se você estivesse entrando em minha casa, com seu sorriso aberto e límpido, sua alegria, seu velho hábito de me trazer cultura, aprofundando sempre os assuntos, mas demonstrando ser tudo muito simples e compreensível.*

Aliás, seu estilo é mesmo de divulgar tanto saber, porém sem afectação, com a maior naturalidade. Sua carta é bem prova do que digo. É uma bela – porém triste – reportagem sobre a passagem dessa comitiva Brasileira em Portugal. Parece que andaram disputando barbaridades com os próprios bárbaros. Ecco! Que se há de fazer, se ainda não temos a maturidade civilizada da Europa?... Você me diz que Lisboa parece Salvador. Acho que o inverso é que é verdadeiro. Portugal foi a matriz. Salvador, como a primogénita das capitais Brasileiras, tinha de trazer de Lisboa a arquitectura, nomes etc. Vejo pela sua carta que você está mais aberto em relação à política, mostrando-se homem da sua própria época, avocando, portando, as ideias mais liberais do mundo moderno, que inegavelmente caminha

primeiro para uma caricatura do socialismo – espécie de bate-bola – para depois assentar as bases das mudanças estruturais de Estado, que por sua vez vão modificar a superestrutura do ser humano. E nem há dúvida de que quanto mais os seres humanos se afastarem do totalitarismo, dos Estados de excepção, como os antigos Estados fascistas ou nazis (ainda temos Pinochet e Paraguai e mais alguns por aí) melhor para o espírito e também para o corpo. Que o espírito livre também liberta o corpo para outras coisas, até para o trabalho mais produtivo, porque feito com amor, com objectivos pré-definidos. Não o trabalho que enriquece os outros. Acho que Portugal caminha para as suas próprias afirmações. Seus intelectuais ainda não estão familiarizados nem mesmo com o acervo da literatura e da filosofia materialistas, que levam, fatalmente, ao socialismo que liberta. O homem Português não é diferente dos outros. Apenas, Portugal caminha com seus próprios recursos, que ainda são simples e naturais como a alma Portuguesa, sevada no fado e na saudade, na nostalgia das suas aventuras marítimas. Sua literatura ainda não assimilou totalmente o verso de Fernando Pessoa. Muitos dos seus poetas – pode comparar – procuram se parecer com ele, mas nunca serão iguais. Porque aquele vinha de uma cultura Inglesa, mais estruturada e mais sedimentada em obras como O Paraíso Perdido, Macbeth, Ulisses, e toda uma filosofia de substância e clareza.

Há no lastro da poética Lusitana aquela doce ingenuidade de Guerra Junqueiro. Eça de Queiroz riu muito de Portugal que ele tanto amava. Porque conhecia desde o Egipto até as Américas, sem falar da sua Paris ou na sua Londres.

Os modernos foram atingidos pelo silêncio imposto pelas ditaduras. E são mais ou menos tartamudeantes, isto é, não libertaram o estro como o fez Camões que, por seu turno, conhecera horizontes mais amplos, universais – daí a universalidade dos Lusíadas. Mas, deixemos de banda a literatura, e vamos para a nossa humanidade, as nossas vidinhas. Esperei – isto é, esperamos todos, em casa – pela sua visita. E como até hoje você não veio nos ver, ficamos desolados.

Era uma oportunidade de conhecer melhor a sua esposa, sentir-lhe os bons sentimentos que a levaram até você. Não me esqueço do dia do seu casamento, na porta, ela dizia a uma amiga, referindo-se a você, vestido quase que a carácter para a solenidade: «Veja. Ele não está uma gracinha?» Com essa fala, ela nos transmitiu, a nós, toda a ternura que lhe ia n'alma por alguém que estava transpondo o limiar da maturidade intelectual – e também do seu comportamento físico diante do mundo, seu modo de se vestir, sua negligência simpática na deselegância das roupas, sem sempre talhadas na medida, como exigem os formalistas, que têm mais pose por fora do que substância por dentro.

Você me pergunta da Maria Matilde: é uma menina, ainda, embora esteja avançando no tempo. Não sei se ela se compraz em continuar na rotina mental e de trabalho, à espera de um casamento que lhe faça – quem sabe? – mais realizada que nessa permanência vinculada às origens, sem dúvida tolhedora, talvez até repressiva, inconscientemente repressiva. Que

os pais nunca sabem separar muito bem os impulsos, quando lidam com os filhos – você, mais tarde, vai se lembrar destas palavras, quando os seus filhos puserem na sua vida uma gota de mel ou um pinga de fel.

Jorginho vai escondendo e ocultando muitas das suas reacções. Disse propositadamente escondendo e ocultando... Você há de me compreender.

Não sei se ele fechou o ciclo da sua juventude satisfatoriamente. Mas, eis que o destino lhe pôs um filho nos braços. E aquele que seria triste agora se alegra no sorriso do seu próprio rebento.

São essas compensações misteriosas que muitas vezes nos fazem meditar se haverá ou não um computador altamente privilegiado que regula os destinos, fazendo das nossas vidas um terminal dos seus caprichos. Será que somos elementos de video-games embuçados no insondável?

Como você não apareceu, vou tomar o vinho que havia reservado para vocês – sem dúvida sempre inferior às óptimas reservas que vocês têm em Portugal – mas, de qualquer sorte, um vinho onde há sempre esse amor e ternura da nossa alma, o que não deixa de melhorar a própria alma do vinho.

Muitos abraços. Muitas saudades.

Pessoas como você, quando se separam da gente, é como se levassem um pouco de nós. E será que não levam mesmo?

Medauar

** carta perdida*

Passaram-se mais algumas semanas até que eu encontrasse novamente o bom e velho Medauar.

Eu estava longe dos meus vinte anos, e o Jorge tinha quase sessenta.

Tinha recebido a arriscada responsabilidade de supervisionar uma pequena campanha de marketing.

Arrogante, a pessoa que levou o material, espalhou tudo sobre a mesa, displicentemente.

Fiz algumas observações sobre alguns elementos com os quais eu não podia estar de acordo. Conforme falava, fui anotando cada ponto nas margens das folhas, como se fazia habitualmente, para que pudéssemos analisar e reflectir num momento seguinte.

Feitas as observações, sempre agindo de forma educada e respeitosa, como não poderia deixar de ser, subitamente a pessoa que levava o material se mostrou visivelmente perturbada – afinal, como poderia, um inexperiente rapaz ter o direito de alguma opinião sobre qualquer coisa séria?

Juntou atabalhoadamente os papéis, colocou-os todos meio amassados num grande envelope e saiu ríspido e grosseiro e se descabelando, sem dizer uma única palavra.

Eu tinha feito o que considerei correcto e honesto. Não podia ter agido de forma diferente.

No dia seguinte, primeira hora da manhã, os pequenos e rápidos passos do Jorge o trouxeram até a minha mesa.

Veio como vento.

Surpresa, nem percebi quando entrou no edifício.

Sentou, colocou os papéis sobre a mesa e com a mais seca frontalidade, disparou:

- Quem fez essas observações?
- Eu...
- Não! Quero saber quem lhe disse para as fazer.
- Ninguém.

Um estranho e desconfiado silêncio invadiu tudo.

Remexeu os papéis que restavam dentro do envelope.

Espalhou-os sobre a mesa, junto com os outros.

- Mas, você disse nunca ter trabalhado na área, nem mesmo estudado essas coisas.
- O que o senhor achou das minhas observações?
- Hummm... – resmungou baixinho, olhando-me fixamente, olhos nos olhos.

Cheguei a imaginar que aquilo poderia ser o meu fim. Uma reclamação e eu seria, seguramente, transferido para outro sector. E havia, ainda, a possibilidade de não ter, afinal, jeito para a coisa.

- As suas observações são correctas. Eu estava em viagem... A partir de agora, eu gostaria que você começasse a dirigir os trabalhos de criação. As peças, naturalmente, sempre passarão previamente pelas minhas mãos. Faremos, nós dois, uma reunião semanal. E, por favor, vou lhe pedir algo muito sério. De uma vez por todas, pare de me tratar por “senhor”. Não faz qualquer sentido. Trate-me por Jorge, simplesmente. É uma ordem!

São Paulo. Agosto 11. 1986

Meu caro Emanuel,

Como invejo vocês nessa paz, rodeada de céu e de mar, iluminados pelo Sol e enfeitados de flores em Lisboa. Apreciei a sua coragem, dizendo que não tem saudade de São Paulo. Olha: até eu, que aqui estou, exactamente no centro da violência, também não teria saudade desta São Paulo, mas sim daqueles meus tempos de estudante, no Ginásio Paulistano. Tempos em que à noite, depois das 23 horas, saíamos em pequenos grupos até a Praça da Sé, discutindo filosofia, política e literatura – e éramos cumprimentados por desconhecidos pacíficos, ou notâmbulos que retornavam ao lar. Nem se pensava em assalto ou roubo. Os gatunos – gatunos não soa com mais suavidade que assaltante ou ladrão? – eram conhecidos, tanto da polícia como da população, que identificava os roubos pelo “estilo”.*

Eram traídos pela forma como assaltavam. Hoje, somos assaltados e mortos com brutalidade por desconhecidos – criaturas parecidas connosco que saem à rua como saem o leão e o tigre, à caça. Mas, estes cumprem os apelos do instinto – e são naturais. Sim, sim. Tivemos outro pacote de medidas político económicas. Já não sabemos onde ou por onde andam os larápios. Será que o poder corrompe? Ainda nos resta a dúvida, mas dúvida não temos do poder corruptível do dinheiro. Vem um governo estróina, mandrião, inoperante e, para enfrentar os seus roubos de caixa, cria expedientes para entrar na economia popular. Como vê, na cidade antiga como no governo moderno, ou soi-dissant moderno, a ditadura é exercida de várias maneiras, segundo a versatilidade dos economistas, dos tecnocratas, dos planeadores. Primeiro pode ser imposta pela truculência. Depois, poderá ser exercida, de forma aparentemente suave, pela fiscal. A ditadura fiscal é sempre sintoma do fracasso da economia de uma nação. Quando a gente lê Montesquieu, e perlustra pelo Espírito das Leis, vai compreendendo melhor os fenómenos Angolanos, Portugueses, Brasileiros ou Argentinos.

«Poucas são as leis que não são boas quando o Estado não perdeu os seus princípios». Cumpre examinar as estruturas dos Estados, para se chegar àquela conclusão de Epicuro, quando se referia às riquezas: «Não é o licor que está estragado: é o vaso». Portanto, vamos nos situar e situar os nossos respectivos Estados. Quando uma república se corrompe – diz lá o nosso aristocrata autor das Cartas Persas – só se pode remediar alguns dos seus males nascentes suprimindo a corrupção e estimulando os princípios: qualquer outra correcção é inútil ou um novo mal. Veja você que nada de original nesses governos, a não ser os males que se renovam ou são criados. Vivemos muito mais intelectualmente os países socialistas do que é a própria realidade desses mesmos países. O nosso socialismo é ideal, o deles é o que quase sempre decepiona o nosso. Mas acreditamos. E é bom acreditar que um dia

*seremos bons, seremos honrados, teremos comida em abundância e justiça. Aqui, somos anestesiados diariamente pelos Sílvios Santos e pela Rede Globo. Não sei bem qual o bon point, de que fala você. Mas, Montesquieu, que citei inda agora, defendia a monarquia – mas ninguém, como ele, alargou horizontes para a república, portanto, guardadas as fronteiras do tempo, para o caminho do socialismo moderno. Você, eu e alguns poucos somos mais ou menos doentes dos ideais de um Montesquieu, sem sermos elitistas e sem defendermos o que já não se pode defender: a monarquia, por exemplo. Não vou contar a você as últimas deste pobre país em que vivemos. Mas, é preciso que você não perca de vista que esta chamada Nova República** nasceu sob o signo da economia, da austeridade, contratando com os desmandos de um regime autoritário de mais de vinte anos, em que se gastava sem se dar conta a ninguém. Pois pois. Agora, o nosso governo compra um avião Boeing 707, reconhecidamente o mais anti económico, manda que seja reformado – gasta na reforma quase tanto quanto gastou com a compra – manda o avião vazio trazer da Colômbia para visitar o Brasil o Sanguineti. O avião vai vazio, e volta quase vazio, porque traz o Presidente do Uruguai e o Sodré, escala no Maranhão e vem para Brasília, para o Uruguai apertar a mão do presidente Brasileiro...*

É uma gracinha. A gente a princípio pensa que estão brincando connosco – mas depois acredita que, de facto, estão brincando com tudo: com os nossos sentimentos, a nossa economia, o nosso pudor.

Mas,   possível que um dia possamos sair do atoleiro. Entra aqui, novamente, a questão cultural. Será que tudo se reduz a isso?

*Diga   Mic *** que recebemos as encomendas que nos mandou. E que, infelizmente, trocamos os seus dinheiros por dólares exactamente no dia em que a moeda Americana se robusteceu ainda mais: foi para 25,8 cruzados. E como existem afinidades, quem nos trouxe as encomendas foi o compositor Jorge Peixinho, que é seu amigo. Hospedou-se na casa de um grande amigo meu: Rodolfo Nani. Mas, não pude ir lá para o ver. Foi a Odete, a quem ele entregou o roteiro da sua tourn e.*

Ecco! Todos aqui mandam muitos abraços, os melhores que dispomos, para você e Luciana. E beijos mil também.

Agora, vou inverter os termos: sou é quem é seu super admirador. Por tudo,

Medauar

**carta perdida, onde Emanuel comentava a violência que se abateu sobre a cidade de São Paulo.*

*** primeiro governo após a ditadura militar Brasileira.*

**** Dr.  Maria Do Carmo Mateus, reconhecida farmac loga portuguesa, grande amiga de Jorge Medauar e de Emanuel Pimenta.*

No início não foi nada fácil acostumar a o tratar por “você” – e ele ficava furioso cada vez que o chamava de “senhor”.

Não teve outro jeito senão ir me acostumando com a ideia.

E assim aconteceu.

Rapidamente, não tínhamos mais qualquer barreira de idade.

Na semana seguinte, ele trouxe um interessante caso para que eu estudasse.

Tratava-se de um grande dossiê sobre a criação do logotipo da empresa petrolífera *Shell*.

Aprendi como o amarelo e o vermelho actuavam de forma totalmente diferente sobre as nossas retinas.

O amarelo, identificado à maior distância; o vermelho, alertando mais rapidamente – em qualquer sociedade, em qualquer cultura.

Foi me ensinando um sem número de coisas.

Como a posição do nosso dedo indicador sobre o papel influencia a memorização mais rápida da informação, associações por similaridade – como fazia Sergei Eisenstein – e informação subliminar...

Coisas fascinantes.

Segredos do ser humano.

Segredos da mente.

Raízes das raízes.

Método.

Estratégias de criação e, mais importante, fui aprendendo *como aprender* permanentemente.

Ao longo de anos, todas as semanas eu contava com uma manhã inteira junto ao Jorge Medauar.

Entre as lições informais, ele pacientemente revia os meus textos.

Corrigia-os aqui e ali.

A sua caneta era implacável.

Mas, também puro ensinamento.

Não raro, fazia-me reescrever um texto diversas vezes.

E eu os reescrevia, com a mais pura dedicação.

- Atenção! Simplicidade. Um texto deve ser simples, o mais simples possível. Deve ser sintético. Onde você pode dizer algo com duas palavras, nunca use três. Mas, pense também nas letras. Menos letras, maior impacto. Essa é uma lei. Se puder usar apenas uma letra, melhor. Nunca devemos considerar que o leitor não é inteligente. Escrevemos – sempre – para as pessoas mais inteligentes do mundo! Chama-se respeito e todas as pessoas são sensíveis a isso. Observe a pontuação. Cuidado com a respiração. O texto deve flutuar, correr livre como água. Tenha atenção aos sons. Ao ritmo! Tudo deve estar em pequenos pacotes de informação. Eles devem ser perfeitos. Apenas estarão bons quando percebermos que qualquer coisa que acrescentarmos afectará a sua integridade...

São Paulo, Novembro 11. 1986

Meu caro Emanuel,

Escrevo-lhe sob um imenso temporaval – temporal e vendaval – de verão. Chove e faz calor.

Estamos naquela zona tropical de miasmas e mosquitos, de noites indormidas e dias que pedem calções e camisas de cambraia. As praias estão superlotadas. E como vivemos os gloriosos dias do cruzado – que Deus nos perdoe – já não temos refrigerantes – o que é um bem, sobretudo quando falta Coca-Cola – nem cerveja. E olhe que cerveja nunca foi um luxo, como a carne.

Mas, eis que tudo se encontra quando você entra com essa nova moeda que foi introduzida em circulação, imediatamente após o cruzado: o ágio.

Esse ágio funciona como a chave dos mistérios e dos segredos. É o abre-te-sésamo. É o barxixe que funcionava no Egipto. É, numa palavra, o azeite ou o óleo que faz a máquina emperrada andar, ou deslizar. Mas, há um outro nome que o ágio encobre: inflação. O nome da inflação é ágio. Com esse truque ou esse passe de mágica, já não há inflação no país. E assim nós vamos vivendo de amor... Mas, tudo isso não importa, quando sabemos que um amigo triunfa de um prélio bastante concorrido, tal como foram os seus exames de selecção E, mais ainda, quando se alça para o primeiro lugar. Parabéns. Mas, não lhe parece pouco? Saiba que o que desejo é muito, muito mais. Ainda os quero ver no pináculo, se me restar vida. Quanto à nossa roubalheira, é a mesma de sempre. Desde que para cá vieram colonizadores e exploradores.*

Nossos homens vendiam ou contrabandeavam tudo. E de tudo. Do Pau Brasil ao sexo das índias, nativas que foram ludibriadas no prazer e na luxúria, que desconheciam, por serem apenas rebentos da Natureza. Hoje, o roubo ou a ratonice é mais civilizada. Os criminosos de colarinho branco estão por onde se gire o olhar. Na política. Sobretudo. Nas repartições, ministérios etc. Nas ruas, somos assaltados por pés-de-chinelo. Mas somos. E muitas vezes somos mortos. Não sei qual seria outra imagem do Brasil fora daqui, quando são assaltados e mortos turistas de quase todo o mundo. Gostei da lembrança dos índices de respeitabilidade dos países através das suas moedas. É isso mesmo. A nossa é vil. Sei que você fala de Portugal e do Brasil com aquele mesmo sentimento do velho Eça, que tanto amava o seu país. Por isso é que ele dizia que Lisboa não tinha «carácteres, tem esquinas».

E dizia mais: «Lisboa é assim. Vem um dia em que ela quer voltar ao seu lugar primitivo, e ninguém a pode impedir de ser lama: é pelo Entrudo!» É muito engraçado quando diz que Atenas produziu a escultura, Roma fez o Direito, Paris inventou a revolução, a Alemanha encontrou o misticismo. E Lisboa, o que criou? pergunta. E ele mesmo responde: «O Fado». Que bom que você conhece o Rodolfo Nani. Não deixe de procurar a Micá.

Diga-lhe que o meu Atrovent está no fim. Ela sabe o que é. Diga-lhe ainda que estamos saudosos – e muito. Você me fala no Delaunay, que morou em Portugal por causa da luz e eu torno a me lembrar do velho Eça, que é assim como uma Bíblia, onde se encontra tudo. Falando de Lisboa, diz que é como Atenas: «tem um céu tão transparente que poderia viver nele o povo dos deuses». De sorte que o criador do orfismo só demonstrou, mesmo, ser um amante da luz, como era o velho Eça. E nós, aqui, que temos luz em profusão, mas vivemos às cegas? Beije a Luciana por todos nós. E lá vão abraços muito apertados e saudosos.

Medauar e família

** trata-se dos exames de admissão realizados pelo Emanuel e Luciana para o Mestrado de História da Arte na Universidade Nova, de Lisboa.*

Semanas e mais semanas, meses após meses.

Gradualmente, fui lhe mostrando os meus próprios textos – aqueles que eu elaborava nas sombras da noite, longe de todos.

Um dos meus sonhos de menino vir a ser escritor, para além de arquitecto e músico e fotógrafo e muitas outras coisas – e nesses sonhos havia sempre a ideia de mundos paralelos.

Como se pudéssemos criar, através da arquitectura, da música e da literatura, portas da percepção para novos e diferentes universos.

O Jorge corrigia aqueles textos, ainda primários, com a mais profunda atenção. Quando ele estava lendo um texto, era como se estivesse, de facto, num outro mundo.

- Este momento, quando você verdadeiramente nasce para alguma coisa, é dos mais maravilhosos na vida. A sua juventude é o seu bem mais precioso – nunca se cansava de dizer.

Muitas vezes ele lia em voz alta – e quando o fazia, acompanhava com seu dedo indicador em riste, sempre um pouco curvo, com a pequena mão direita em concha, desenhando no ar a pulsação das palavras, como um maestro.

E ambos mergulhávamos naqueles textos.

Textos e mais textos.

Dos mais diversos autores.

Certa vez tive a ingénua imprudência de mostrar um dos meus textos a um revisor da agência, que passara para entregar uma factura – a sua agência era pequena e não era incomum profissionais de diferentes áreas tratarem, vez ou outra, de actos burocráticos.

Nele, eu tinha intencionalmente eliminado todos os verbos.

A questão que eu me colocava, então, era como criar uma nova forma de escrita alterando parâmetros essenciais, formadores da língua.

Nossa cultura é verbal.

Se conseguíssemos criar um mundo poético sem verbos, lançaríamos as bases para um novo pensamento! – eu sonhava.

Subvertendo a natureza lógica de todas as coisas.

O revisor ficou exaltado.

Assim que terminou de ler, muito sério, ranzinza e impaciente, amassou a folha de papel e a atirou ao cesto de lixo.

- Isso é texto de índio! – bradou, inconformado. Tinha a voz embargada de irritação, tremia e os olhos ficaram vermelhos de revolta – Acha que eu tenho tempo para jogar fora com essas bobagens?

Mal o sujeito saiu, ainda surpreso e constrangido, sem que ninguém visse, fui ao lixo, peguei o texto, e tratei de o dactilografar numa nova folha de papel.

No dia seguinte, mostrei ao Jorge e comentei o que tinha acontecido – dizendo apenas que o revisor não tinha gostado.

- Você não deve mostrar essas coisas para qualquer pessoa. Podem julgar mal. As pessoas nem fazem ideia do que se passa pela sua cabeça. Mostre-me sempre. Eu terei prazer em dar a minha opinião. Essa sua experiência é muito interessante, mas nunca se esqueça de que o papel fundamental de um escritor é comunicar, transmitir ideias. Assim, penso que em lugar de mudar tudo de uma só vez, você deveria buscar os limites, as fronteiras da linguagem. Quando você estiver habituado nesse mundo, nesse domínio dos limites, então vai perceber como alterar radicalmente a escrita.

Lisboa. Julho 25. 1987

Querido Jorge,

Para começar, perdoe-me não ter escrito antes.

Temos vivido uma correria sem fim. Mas, não há desculpas... Agora, há alguns dias, estive no Brasil. O procurei. Quando voltei, nos desencontramos. Cheguei a falar com a Maria Matilde. Você tinha viajado. Depois, sobraram poucos dias e muitas dores de cabeça, para serem contadas pessoalmente. E, nessas horas, o tempo corre sem que notemos. Estou achando que vamos mesmo acabar vivendo uma revolução por aí. Por aqui, o liberalismo ganha todos os votos. A esquerda foi muito incompetente e a população estava esgotada.

Depois, também conto.

Agora, estou completamente atrapalhado.

Meu irmão casou e veio para cá. Também veio uma tia, de forma que não há tempo para mais nada.

Temos de ficar divididos entre o trabalho burocrático e uma boa dose de inutilidade e futilidade.

Saber qual é a cor de um batom, ou se o tio de alguém falou de outra pessoa, ou se o pêssago estava bom... Assim vai...

Isso acaba com qualquer um.

Tenho muito o que fazer, tenho desenvolvido uma tese sobre a articulação dos disparos neuronais e o processo de significação do espaço.

Não há tempo nem para ler.

É horrível.

Peço que me perdoe eu estar sendo tão rápido.

*Escrevo, nem que sejam poucas linhas, mesmo para dizer saudades, para dizer que logo escreverei mais e deixar sempre muito carinho e admiração,
seu*

Emanuel

Foi nessa época, ainda anos 1970, que passei a frequentar a sua casa.

Muitas vezes, eu aparecia sem avisar, como ele gostava que acontecesse.

Conversávamos sobre Baudelaire, Poe, Balzac, Pessoa, Flaubert – Jorge amava profundamente Flaubert e Fernando Pessoa.

Mas, também sobre Olavo Bilac, Augusto dos Anjos ou Rui Barbosa – que ele considerava, entre outros, um génio de primeiríssima grandeza, e era capaz de dizer de memória longos trechos dos seus discursos.

- Monteiro Lobato costumava contar histórias que não pertencem a nossa história oficial. Por isso, era amado pelas crianças e odiado pelo Sistema. Ele contava que, na verdade, a independência do Brasil aconteceu de forma muito diferente daquela que se conta nas escolas. Conta-se que D. Pedro I, que em Portugal viria a ser D. Pedro IV, tinha especial atracção pelas jovens e belas índias. O pai, D. João VI – ou as pessoas que com ele governavam Portugal – andava preocupado com as incursões revolucionárias de Simão Bolívar pela América Latina. Terão combinado uma falsa independência, de forma a evitar a entrada de Bolívar no cenário Brasileiro. Quando chegou o emissário da Corte Portuguesa, D. Pedro estava num barraco, no lugar que viria ser o bairro do Ipiranga, perto de São Paulo, com belas índias. Era madrugada. Quando soube que D. Pedro estava num simples barraco, foi até lá, acompanhado de soldados. Ordenou que a porta fosse violentamente arrombada. Vendo o príncipe nu, cercado de índias, também nuas, o emissário terá ficado furioso e desencadeou uma terrível discussão com o príncipe regente. Este, revoltado com a autoritária e agressiva atitude do emissário terá colocado todos “para correr”. Não sabemos se isso é verdade, ou o quanto há de verdade nessa história. E, certamente, nem o Monteiro Lobato deveria saber, pois não é cultura oficial. Mas, é bem provável que tenha sido exactamente isso o que aconteceu. Se foi verdade, a independência do Brasil é uma história bem diferente e bem mais divertida...

São Paulo. Agosto 17. 1987

Meu caro Emanuel,

Tudo bem, como dizem os débeis mentais que andam por aí. Você não tem nada que se desculpar. Todos os amigos, os bons, já nascem desculpados de tudo, se acaso têm culpa de alguma coisa.

Quanto ao nosso desencontro, já é bem lugar-comum dizer que a própria vida é toda ela feita de desencontros. Mas, é num dos encontros que as coisas se consolidam, as amizades se corporificam e acontecem as transfusões de valores etc. Sua visão, hoje, do Brasil é mais uma visão universal, de horizontes mais amplos.

Pode ser que você tenha visto na efervescência social e política do nosso país alguma semente de revolução, algum rastilho de pólvora. Não creio. Nosso povo não tem medula. Somos uma sociedade mais ou menos amorfa, constituída de matéria gelatinosa, talvez visguenta, quem sabe da mesma substância dos moluscos. Mas isso não significa que não possam ocorrer surpresas.

Cada eleição – aqui como lá – são surpresas espantosas.

E nós vamos nos habituando a viver num mundo surpreendente, como se fosse um caleidoscópio de vidrilhos negros, onde de raro em raro rebrilha uma lasca de cor mais amena.

Veja: o seu irmão casou. Não é uma surpresa?

Não me cabe dizer de que cor – mas tudo é surpresa. Desde um casamento a uma tia que nos aparece com a sua carga de novidades, indagações, desejos de compra etc.

Olhe: você está correndo o risco de me receber aí. É que eu estou voando para o Marrocos, no próximo dia 21, a convite do Rei – mas, lá não sou amigo do rei, nem tenho a mulher que eu quero na cama que escolherei. Se os dólares não forem muito escassos, espicharei a minha viagem até Lisboa – na verdade, a pátria dos meus sonhos, onde desejaria viver os meus últimos dias, como alguém que tivesse merecido o cumprimento do seu último desejo. Viver em Lisboa, depois morrer. É uma frase verdadeira, na beleza do seu lugar-comum. Como vai a sua esposa?

Conte-me dos seus trabalhos. Isso é o que mais importa. E ao pé de um velho Dão, ponha mais um copo para o velho amigo que tanto o quer,

Medauar

Desvendávamos histórias da vida de Monteiro Lobato, Augusto dos Anjos, Gregório de Matos – que ele também recitava de cor.

- Pois, você sabia que Olavo Bilac escreveu para crianças? Nisso, ele antecedeu ao próprio Monteiro Lobato. Escrever para crianças requer um grande requinte e uma inesgotável honestidade, porque as crianças são abertas, livres...

Lisboa. Outubro 15. 1987

Querido Jorge,

Hoje casa a Maria Matilde, e eu deste lado, do outro lado do mundo fico pensando em vocês.

Nós gostaríamos de ter estado aí, todos juntos.

Acabou por não ser possível. Pedi à minha mãe que enviasse um telegrama em nosso nome, daí mesmo – daqui, um telegrama para o Brasil ficou ainda mais caro, com os boatos de queda de ministros em Brasília.

Esperamos brevemente estar em São Paulo para matar as saudades.

Micá telefonou. Disse que você está trabalhando numa grande empresa e tudo o mais.

Veja só, as notícias correm. Maravilha, fiquei muito contente porque o admiro muitíssimo. Micá nos ajudou bastante com uma bela intoxicação que arranjamos. Estávamos com o Álvaro Zarzur Derani, grande amigo. Coitado, ficou pior do que nós. É que nesta época do ano há sempre o surgimento de algas tóxicas, e tivemos também um calor de quase 45 graus!

Aqui perto, moram o Ivan Pedro de Martins e a Elsie Lessa.

Encontramo-nos com alguma regularidade e eles sempre pedem para que eu mande mil abraços, que estão com saudades etc.

Esperávamos encontrá-lo aqui em Portugal.

Assim que recebi a sua carta dizendo da viagem ao Marrocos, telefonei imediatamente para São Paulo, consegui falar com a Dona Odete, que disse o ter perdido por algumas horas!

Meu pai, assim que soube da sua provável vinda, ofereceu o apartamento dele para você.

Uma pena, teríamos passado óptimos momentos juntos.

Mas, tantos desencontros!

E a viagem, como foi?

Aqui em Portugal temos trabalhado muitíssimo.

Há muitas coisas realizadas, muito mais a fazer.

Estamos trabalhando ainda mais com computadores, sistemas bastante complexos aplicados à arquitectura.

Música também. Muitos trabalhos recentes com resultados óptimos. Mas, sei lá, uma verdadeira avalanche de compromissos que atordoam um pouco. Estou precisando estudar mais. Agora, estou mais concentrado nos fenómenos que ocorreram na passagem da pré-História para a História, muito do Egipto Antigo etc.

Tudo é fascinante.

A vontade é não ter limites, mas a cada dia que passa vou tendo mais consciência das minhas imensas limitações, não da vontade, mas do corpo. Aí, vou elegendo prioridades, mesmo ao nível do que estudar, mas também lutando para nunca me tornar num especialista fechado, tacanho.

Talvez meio especialista, ou um especialista com raízes espalhadas por todos os lados.

Tudo, no fim, são limites.

Querido Jorge, vou ficando por aqui, desejando a todos a maior paz do mundo. Ah! Quando estiver aí, levarei o Álvaro para o conhecer. Conversamos muito sobre você, com aquele nosso Dão, pão e z'atar.

Um imenso abraço, do seu amigo

Emanuel

Durante muito tempo, em quase todas as vezes que nos encontrávamos, ele gostava de citar Aristóteles, sempre que podia.

- Aristóteles dizia que o homem é um animal social, ou um animal político. Uns dizem que ele falou “animal social”, outros “animal político”. Mas, haverá social que não seja político?

São Paulo. Novembro 4. 1987

Meu caro Emanuel,

Como se sabe e se diz, o homem põe e Deus dispõe. Estive esbarrando em vocês, mas as contingências me obrigaram a dar a volta.

Fica para outra. Se houver. Quanto ao casamento da Maria Matilde, é evidente que vocês estavam presentes. Porque estavam – e ainda estão – em nossos corações. De facto, estou trabalhando numa grande empresa. Trabalho suave e compatível com a minha natureza e a minha idade. É na Copagaz. Represento uma das empresas do Grupo Zahran, a Copaza, de Campo Grande. Só que não vendo nada, não assino ponto, não tenho patrão e nem tenho nada que fazer! Você já viu coisa igual? É que sou amigo do rei. Conheço o dono há uma data. Desde quando ele abria sacas de farinha para fazer pão. Um empreendedor. Como seu pai. Trabalho em casa. Nas coisas da Copaza e nas minhas parcas letras. Olhe aí: a Elsie Lessa e o Ivan Pedro de Martins são criaturas ótimas. Um casal de pessoas bonitas, por dentro e por fora. Veja que a Elsie tem uma beleza que sai dela e nos apanha. O romance do Ivan, Romance de Fronteira, é uma das obras mais importantes do Rio Grande do Sul e do país.

Mas, nós somos um povo ingrato. Ele é dos mais injustiçados, neste paisinho de merda, com perdão da palavra. Direi a você que da minha viagem muitas coisas ficaram. Em Asilah visitei as fortificações portuguesas, e o quartinho onde passou a sua última noite Dão Sebastião, com os seus sonhos aterradores. Toda a cidade é cercada de muralhas e fortes, guaritas e paredes para fazer frente às invasões. Obra Portuguesa. Tanger é uma bela cidade, como Casablanca, que são duas cidades: a antiga e a nova. Mas, aí sentimos toda a influência Europeia, sobretudo Francesa, muito embora ainda prevaleça o elemento arquitectónico Árabe, que veio daquela região Árabe-Andaluza do sul da Espanha, onde estive, atravessando Gibraltar – Jabal El Tarik.

Você me diz dos seus trabalhos. Quisera eu ter o viço da sua juventude para realizar tanta coisa apenas sonhada, nunca sequer esboçada. Agora mesmo comecei uma novelinha para jovens: O Rei do Marrocos. É a história de um rei que, para além dos seus poderes como soberano, ainda dispõe de poderes sobrenaturais. Tudo isso para ensinar reis a serem reis. Um rei que seja um rei de verdade tem de amar o seu povo, ser justo e bom, distribuir riqueza etc. Imagine Maquiavel escrevendo para crianças... Mande mais notícias...

Escreva sempre,

Medauar

Ao longo de muitos anos, a moça que trabalhava na casa do Jorge era uma mulher de pele muito negra, muito doce, muito simpática, muito redonda, sorriso aberto correndo livre de lado a lado, mostrando todos os dentes.

O seu riso incontido e a inconfundível voz anasalada já eram como uma parte da identidade da casa.

Acima de tudo, a Efigênia já era, há muito, parte da família.

Não havia quem não gostasse dela.

Ajudou a criar Maria Matilde e Jorginho – era a alma sempre presente, como acontecia frequentemente no Brasil.

Aquela era, sem dúvida, uma casa da paz.

Aos Sábados e Domingos, logo pela manhã, o Jorge saía a pé para comprar jornais e revistas.

E a rua ficava sempre coberta de pequenas folhas das sibipirunas e tipuanas.

Praticamente não passavam carros pela rua onde ele morava.

Também, ainda não era forrada de asfalto.

A rua recta e plana, com caixas dos dois lados, era feita de paralelepípedos e as calçadas ainda eram feitas para as pessoas caminharem livremente, sem medo.

O pequeno portão estava sempre aberto.

Em geral, também a porta da frente.

De vez em quando, inesperadamente, aparecia alguém.

Entrava e ia logo contando as notícias, comentando o mundo.

A casa do Jorge Medauar era aberta a todas as pessoas que ele gostava – a “todas as pessoas boas”, como ele gostava de dizer.

Essa característica era perfeitamente vivida com a Dona Odete, que recebia a todos, sempre, com imenso carinho e atenção.

Aquela casa foi sempre lugar da hospitalidade, do acolhimento, da boa mesa, do bom vinho e histórias sem fim.

Tudo ali era algo que desencadeava algum universo, um novo mundo.

Mas, aquele desenho especial, onde o sentido de humanidade podia ser percebido como um fluxo contínuo, desapareceria gradualmente do imaginário Brasileiro, passando a ser considerado algo desinteressante, ultrapassado por uma sociedade do entretenimento e superficialidade avassaladoras.

Eu conhecia outras casas como aquela. Elas formavam uma espécie de agora Grego, não mais num único local, mas distribuídas num tecido descontínuo.

Quando lá chegávamos, tudo parecia ficar sem movimento, em paz. A rua de pedras brilhantes era toda desenhada de casas relativamente pequenas com dois pavimentos, dos dois lados, sobrados, como se tivéssemos escapado ao turbilhão daquela que em poucos anos viria se tornar numa das maiores megacidades do planeta, para penetrar numa outra dimensão.

Aquele bairro, chamado Itaim Bibi, tinha sido uma várzea, repleta de jabuticabeiras, propriedade de um general, no final do século XIX. Durante muito tempo foi considerado inabitável, pois era frequentemente inundado pelas chuvas. Com a morte do general, a propriedade passou a se chamar *Itahy*, que na língua dos índios Tupis, significa “pequena pedra”.

A propriedade passaria para as mãos do sobrinho do general, que tinha a alcunha de bibi – querendo dizer “bebê” – e que passaria a ser chamado de “Seu Bibi”.

Antigamente, aquele bairro era conhecido como Rio das Pedras.

Até aos anos 1960 e 1970, era lugar de gente simples, em geral pequenos comerciantes. E foi lá que o Jorge Medauar viveu quando partiu do Rio de Janeiro.

Uma grande cidade nos traz, sempre, a sensação das obras, dos ruídos que elas fazem, sons de uma contínua manutenção.

Isso não acontecia na rua do Jorge Medauar.

A sensação era de que nada mais era necessário, nenhuma obra, nenhum ruído, nenhuma perturbação. Tudo era calmo como se estivéssemos sob as palmeiras à beira do mar.

Mas, aquilo eram sibipirunas e o mar era cinza, feito de um manto de construções que de tão grande já parecia uma doença contaminando um corpo.

O que nós sentíamos lá não era o frio manto de pedra, mas apenas a sensação de estarmos num outro lugar, definitivamente livres.

Um lugar sem pressa, sem violência.

Lugar de poeta.

O ar era denso e húmido.

O verão estava quente.

Sem vento.

Tudo silencioso.

Podíamos ouvir os sons das árvores nas ruas, ou uma discussão numa casa distante.

Na sua casa quase nunca havia música e o único aparelho de televisão, para além daqueles que estavam nos quartos – escondidos dos amigos, para não interferir nos sonhos de cada um – era o da cozinha, e era velho e muito pequeno.

Aquele pequeno televisor funcionava mais como uma pequena janela, mais usada pela Efigênia, que se divertia com as novelas e programas de auditório.

A presença de um aparelho de televisão na sala teria sido considerada uma verdadeira ofensa ao respeito que se deveria ter para com aqueles que chegavam.

- Quem chega é rei, não pode ter competição. Era assim que o Jorge pensava. Por isso, não importando de onde vinha ou para onde ia, o ser humano era a parte mais importante daquela casa.

Quanto à música – ouvia-se quando era caso para tal, em momentos particulares, com a devida atenção.

De tempos em tempos, eu oferecia ao Jorge gravações de música clássica – do período medieval ao mundo contemporâneo.

Quando Robert Craft lançou as então recém descobertas gravações do sensacional *Poème Electronique* de Edgar Varèse, levei um disco imediatamente a ele.

De todos, o que mais o terá encantado foi uma sublime gravação de *Daphnes et Chloé*, *La Valse* e *Bolero* de Maurice Ravel, dirigido por Pierre Boulez, com a Orquestra Filarmónica de Nova York.

Ouvimos vezes sem conta.

Abria-se uma garrafa de vinho – tinto no inverno, branco no verão – e ficávamos ali, paralisados diante de tanta grandiosidade.

A casa, que era tão simples, subitamente se transformava numa gigantesca catedral.

Lisboa. Dezembro 5. 1987

Querido Jorge,

Recebi com a maior alegria a sua última carta.

Foi realmente uma pena não ter sido possível a sua vinda a Portugal. Fiquei ainda mais feliz pela notícia da Copagaz. Maravilha, e nada de mais para o seu grande valor, o desempenho de uma vida inteira, e que geralmente – na grande maioria das vezes – só é reconhecido quando convém.

Você diz que está escrevendo a história O Rei do Marrocos, rei para ensinar reis.

Mais uma grande pena você não ter vindo parar aqui. Portugal é o país dos reizinhos, e essa coisa é tão forte que se respira a todo o momento, por todo o lado. Tanta coisa para conversarmos.

Muitas saudades.

Logo estarei aí, para passar o final do ano com a família, para o ver e matar saudades.

Há muito para contar, guardo para daqui a pouco.

Um grande abraço,

com o maior carinho e admiração, sempre seu

Emanuel

No verão, o Jorge tinha uma curiosa técnica para manter o vinho branco muito frio.

Servíamos na cozinha, e ele rapidamente devolvia a garrafa à arca frigorífica.

Cada vez que o copo esvaziava, cada um ia por si mesmo à cozinha e se servia, livremente.

Era uma técnica arriscada, porque o vinho podia congelar e estragar se lá estivesse muito tempo, mas com o ritmo, com o calor e algumas vezes com várias pessoas, não havia tempo para que isso acontecesse.

O vinho nunca congelada – talvez, ainda, porque o frigorífico não era grande coisa. A verdade é que o vinho ficava frio e a temperatura nos parecia perfeita.

Lá tudo era, e continuou sendo ao longo dos anos, muito simples.

A simplicidade era cultivada como sinal de abertura social, de integração entre as pessoas – como se o Jorge e a Dona Odete não considerassem aquela a *sua* casa, mas a casa que preparavam, continuamente, para receber os amigos.

E não eram poucos, ricos e pobres, grandes personalidades ou simples desconhecidos, muitos vindos de longe.

De vez em quando aparecia alguém que tinha viajado toda a noite, e era uma correria para confortar a pessoa, provocando um pequeno furacão no ritmo de vida de cada um.

Lisboa. Março, 1988

Querido Jorge,

Pronto... é verdade. Sempre que penso, culpo-me por não nos termos encontrado e, ainda, por todo este tempo sem contacto. Agora mesmo, aproveito um dos raros tempos livres – isto, porque estou no meio de uma obra, aproveitando a máquina de escrever do escritório, num quase buraco no tempo, para um quase almoço de sanduíche.

Por aqui, daquelas amenidades geográficas, o tempo está bom, sempre com o bom sol Português que atraiu gente como Delaunay. Muito trabalho também, o que é terrível – você sabe – porque acaba por sacrificar muito da nossa dedicação ao estudo, em nome de um trajecto pequeno burguês que nos é imposto por uma mediocridade – enquanto média – social. Não sei se contei, mas cada vez que penso nessas coisas revoltantes e opressoras – que parecem ser a marca registada do ser humano comprimido entre o Neolítico e a Revolução Industrial – lembro-me de Paul Valery quando sagazmente afirmava que a vida só vale pelos extremos, mas que a Humanidade caminha pelos meios.

Sei lá, um dia talvez, ou nunca, essa loucura que não respeita tendências, nem sabores – não que se possa afirmar um estoicismo à la Robespierre, nem mesmo uma exigência de trabalho escravo, muito menos um purismo Quacker... só brincando, fica muito mais para quackery – essa intolerante mediocridade venha ceder um espaço artificial, onde possamos estar mais próximos de Joe Brown ou de Thoreau, e mais distantes dos insectos, e dos ratos – lembra-se das histórias que você contava sobre os ratos, e a comparação com os homens? Lembra-se dos Ratos e Homens de Steinbeck que você me deu? – ninguém sabe o suficiente para ser intolerante.

Bom... aqui, no meio de muita confusão, muito ruído de serras, placas de metal e vidros, de gente simples e intolerante como o mundo, eu tomo um tempo para lhe escrever.

Ah! Antes que esqueça. Dias oito e nove de Abril estará acontecendo, em São Paulo, um concerto meu, electroacústico, executado para uma coreografia de Merce Cunningham e a sua Companhia – uma das mais importantes do mundo – com o seu Fabrications. O nome do meu concerto é ShortWaves 1985 e teve a sua estreia mundial no City Center Theater do Lincoln Center, em Nova York. Certamente, também ele um dos mais importantes espaços cénicos do mundo. ShortWaves 1985 foi criada a partir da captação, nas florestas Brasileiras, de ondas curtas de rádio emitidas de várias partes do mundo. Já foi executada em importantes teatros na Alemanha, Itália, Inglaterra e Japão, no ano passado. Eu gostaria muitíssimo que você fosse assistir a este seu amigo que nunca o esquece... e, assim, poder saber a sua opinião.

Bom... acaba-se o tempo, e eu sou obrigado a desligar, mas fica comigo o sabor da sua sala, do pão árabe – que ainda não existe por aqui – e dos nossos vinhos.

*Muitos beijos a todos, muita paz e carinho, sempre – saudades
sempre seu*

Emanuel

Depois de algum tempo, as reuniões na empresa passaram a ser duas por semana.

À hora marcada, duas manhãs todas as semanas – sempre britanicamente atrasado – lá vinha o doutor Jorge Medauar.

Pequeno, quase redondo, deslizando velozmente pela rua, subia em passos curtos a longa escadaria, sempre exuberante nos seus fatos bem cortados, nas suas gravatas Italianas, Francesas.

“Quase redondo”, porque se tratava de uma falsa impressão. Ele nunca foi gordo.

Mas, era baixo e compacto – o que lhe dava aquela falsa e impressão sensação de “redondo”.

Na lapela, quase sempre, principalmente nos primeiros tempos, um pequeno lenço branco.

Quando fazia calor, trocava os fatos e as camisas de fino algodão por camisas de linho, mangas curtas, sempre muito bem engomadas.

Exalava um forte perfume de água de rosas – como era hábito a todos os Árabes desde o mundo Copta, desde o antigo universo Egípcio.

Pois ele era uma cuidadosa combinação de refinamento e reverência ao passado, sempre olhando para o futuro.

Encantava-se com as novas tecnologias mas ao mesmo tempo nunca se cansava de sonhar com o *Rubaiyat* de Omar Khayyam – como se não houvesse grande diferença.

E não havia.

E recitava de memória a obra de Omar Khayyam.

- “Mandeí a minha alma para o Invisível, usando alguma letra daquele mundo dos mortos para soletrar, e a minha alma voltou para mim, e respondeu ‘eu mesmo sou o céu e o inferno’” – Não é maravilhosa a obra de Omar Khayyam? Um génio no seu e em muitos outros tempos. Fazer uma ode ao vinho e ao amor, e nela descobrir, sem revelar, tantos mistérios! Quanta cultura, quanta sensibilidade!

Tinham acabado de inventar as fotocopiadoras comerciais, as máquinas eléctricas de dactilografia, os primeiros computadores portáteis pessoais, e ele se maravilhava com o mundo novo que emergia, como se fosse mágica.

Não existia contradição.

Jorge Medauar era um homem livre.

Naquela época, ainda não existiam computadores gráficos, as artes finais eram feitas recortando e colando sobre cartão pequenas tiras de texto, feitas em fotocomposição, em papel fotográfico, aderindo tudo ao plano final com cola de sapateiro.

Chamava-se *paste-up* – e era uma arte.

Haviam pessoas que só faziam isso.

Escolhíamos os tipos e corpos das letras em catálogos especiais. Tínhamos de imaginar como um tipo, num determinado tamanho, iria ficar. Tudo era imaginação, não era possível ver imediatamente o resultado.

Os desenhos ajudavam, mas eram sombras do que seria o resultado.

Enviávamos o pedido a empresas especializadas, que eram poucas e muito caras, e apenas um ou dois dias depois – na melhor das hipóteses – recebíamos a fotocomposição.

Os técnicos de fotocomposição tinham fama de ser aborrecidos e mal educados.

Aquilo custava dinheiro e se errássemos tínhamos de começar tudo novamente. A inutilização de um material em fotocomposição era algo grave.

Para montarmos uma arte final, desfocávamos a visão, apertando ligeiramente as pálpebras e, assim, podíamos ver os campos de letras e imagens como manchas que eram ajustadas. Essa era a melhor forma de se alinhar textos e imagens.

Com alguma prática, tudo ficava quase automático.

Era a mesma técnica utilizada desde os mestres do Renascimento italiano. Algo que iria desaparecer completamente em pouco tempo.

Embora escritor, o Jorge Medauar dominava todas essas técnicas – e criador, na publicidade, era aquele que escrevia, não o que desenhava.

Ele era um grande criativo.

Bem verdade, ele não nunca foi capaz de desenhar, mas possuía um olho treinado.

E que olho!

São Paulo, Abril 6. 1988

Meu caro e querido Emanuel,

Você sabe que entre amigos não existem muitas explicações ou desculpas. No mundo atribulado em que vivemos, bastam as poluições propriamente ditas, do mundo físico, como as de carácter etc. Os amigos serão sempre preservados. De tudo. Daí a velha frase: para os amigos tudo; para os inimigos, a lei. De sorte que a sua carta veio como o sol numa tarde chuvosa. E quanto mais longe o amigo, parece que mais perto ele fica no coração, porque este, no fundo, alimenta-se de saudade e é sempre adubado pelos resíduos que ficam das melhores lembranças.

Veja: não posso abrir uma garrafa de Periquita, por exemplo, sem me lembrar de você, do seu entusiasmo pela arte de vanguarda, pela curiosidade no desvendar das coisas que ainda virão.

Seu sorriso. Seu optimismo. Tudo isso meio repassado por uma melancolia ainda inconsistente diante da baixeza humana, das decepções, do desencanto de uma vida na terra que poderia ser paradisíaca, mas que é um inferno, e este construído pela incúria dos

governos, pela incompetência audaciosa que vem ocupando os melhores postos da vida. Temos de viver e conviver com essa mediocridade que tanto lhe atinge – lá como cá. Mas, sempre é bom constatar, como Valery, que os extremos é que comandam o progresso, o desenvolvimento, muito embora os mornos, incolores, moluscosos, viperinos caminhem pelo meio e pela sombra. Os que foram para além da intuição poética de um Valery, já haviam constatado que as contradições é que comandam o desenvolvimento – e tudo na vida só progride quando os extremos se movimentam, vale dizer num diálogo, que se transformam em tese, antítese e síntese, nessa permanente dialética que não é, nem pertence aos domínios políticos, nem mesmo às escolas filosóficas. Isto é a existência – e esta extrapola os limites da própria vida, para fluir perenemente como na independência dos astros nas esferas siderais. Quanto à loucura que não respeita tendências, como diz você, essa é da natureza dos homens, sobretudo dos homens destes tempos, que são vividos na alienação com algumas ilhas de lucidez, formando assim um arquipélago misterioso de manchas de luz e de sombra. Como vê, a tentativa de definições sempre é medíocre – e sempre superada imediatamente após a sua própria definição. Antes fora desejável que o pensamento, as formulações filosóficas, algumas teorias, ficassem no limbo da subjectividade fluídica que nos conduz para os devaneios do nada. O cognoscível é vulgar. Tanto no homem como no Universo. O mistério, sim, tem a sua consistência e pode perdurar na incorruptibilidade de que se desconhece. Conhecer é destruir. Quando você conhece uma determinada matéria, o seu conhecimento começa inelutavelmente a destruí-la. Quanto mais, portanto, você conhece o ser humano e a sua natureza, mais você o mata ou o afoga nas suas próprias misérias. É a lei da vida e a lei da morte que caminham no infinito de uma paralela. Até mesmo a matemática morre quando você vai até aos limites do conhecimento sobre os números ou equações. A geometria ou a engenharia ou a mecânica, quando imobilizadas concretamente é como se na forma encontrassem o seu túmulo ou sepultura. Aquela forma está morta. Cumpra reviver outra. E assim por diante. Você matou o seu ShortWaves 1985 assim que pôs o ponto final na última nota. Tentarei ver. Darei novas notícias.

Mas, espero receber sempre as suas bem como as da Luciana. Nunca se esqueça de que as suas cartas são uma nesga de sol, neste entardecer em que me encontro. Feliz. Muitos abraços.

E, mais uma vez, tchau, meu querido amigo,

Medauar

O seu cabelo era cuidadosamente penteado, sempre ritualmente para trás, por vezes com a ajuda de uma cara brilhantina, e o pequeno pente que estava sempre próximo, ao imediato alcance da mão, nos momentos menos esperados.

Penteava com a mão direita num mecânico movimento para trás, sempre acompanhado da outra mão, como se fosse uma espécie de guia.

As mãos eram um elemento importante do seu desenho.

Quando o Jorge falava, fazia-o também com as mãos e, principalmente, com a direita.

Nela, meio curvo, o indicador se destacava que – tremendo ligeiramente – desferindo pequenos traços no vazio por onde se desenrolavam as suas histórias, como se fosse um maestro, quase inquisitorial, magnético, hipnótico, como se estivesse e descobrindo e mostrando o destino do mundo.

Era o indicador mas, apesar da aparência, não era realmente autoritário.

Era como ele contava histórias!

São Paulo. Abril. 1988

Emanuel,

Inventaram, algumas instituições culturais, uma Semana Jorge Medauar em homenagem aos meus setenta anos de existência. Vai começar no dia onze de Abril e terminar no dia quinze, dia do meu aniversário. Parece que foi Anatole quem disse, referindo-se aos críticos do seu tempo, que eles mais falam a seu respeito do que a respeito do autor criticado. Pois vão fazer depoimentos sobre Jorge Medauar... mas sempre sobre eles mesmos. Gostaria que você estivesse por aqui. Você – e mais alguns poucos – é que me conhece. Por dentro. E isto me parece mais importante do que qualquer blá-blá-blá literário.

Abraços,

Medauar

Nasceu em Uruçuca, que antigamente era chamada Água Preta, em Ilhéus, Bahia, Brasil, no dia quinze de Abril de 1918.

Tudo muito ligado ao cacau, aos senhores das terras, aos poetas, a Portugal, à Síria, ao Rio de Janeiro, São Paulo, mar e serra, letras e mais letras.

Crimes e amores.

De lá seguiu para Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e o mundo. Poeta, escritor, jornalista, publicitário, fundador, director e professor da Escola Superior de Propaganda e Marketing – pois, no Brasil, *propaganda* significa *publicidade*.

Tornou-se membro da Academia de Letras de Ilhéus, director do Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo, antigo membro do Conselho Estadual da Cultura.

O Jorge não era apenas um formidável escritor, jornalista, poeta, filósofo – era um grande contador de histórias.

E as suas histórias sempre transbordavam sabedoria.

Nelas, cabia toda a existência terrena, todas as almas, todas as estrelas.

Tudo para ele girava permanentemente em torno de histórias, como se a crua realidade do mundo não pudesse ser percebida de outra forma.

Como se tudo, e até mesmo a memória, fosse construção.

Como é.

Era a sua forma de tornar lúcida a realidade.

Ver o mundo com clareza.

Cada vez que ele queria dizer acerca de uma ideia, explicar alguma coisa, tratava de contar uma história.

Não eram metáforas, mas parábolas.

Amou o ser humano, os desígnios civilizatórios, como poucos.

- Schopenhauer disse aos pais, quando ainda era menino, que eles ficariam famosos não pelo que fizessem na vida, mas por serem seus pais. Nós podemos achar, num primeiro momento, que ele era um arrogante. Mas, se pensarmos bem, uma criança não pode ser arrogante. O que ele falou, naquela idade, foi mais uma confiança, incompreendida pelas pessoas que não prestam muita atenção, que julgam rápido, sem pensar. Se nós tivermos alguma calma, logo vem à mente uma questão. O que leva uma pessoa a fazer essa afirmação? Justamente uma afirmação tão perigosa, numa idade como aquela, quando tão pouco se sabe sobre a vida? Haverá destino? Um caso como este me leva a reflectir...

Os seus problemas respiratórios nunca terminaram.

Eram parte da sua própria vida, do seu personagem.

Pois a palavra *personagem* surge de *per sonare*, para soar, para contar.

Lisboa. Setembro 10. 1988

Querido Jorge,

Arranjo algum tempo – vamos ficando sem comunicar com as pessoas que nos são as mais importantes – e escrevo. Conte novidades. Deixe-nos saber quando você e Dona Odete virão para cá. Aqui, nem vale a pena falar muito, tamanha a correria. Agravada, também por um bom atraso ao nível das mentalidades. Chega a ser impressionante como aqui – que, a rigor, deveria ser menos grave – o individualismo e a mesquinhez conseguem estar presentes em todos os momentos. Imagine se não fosse esse brutal atraso humano, onde deveria estar a Europa! Mas, não. Ficam brigando entre si, maltratando-se uns aos outros, com uma feroz persistência.

Isso é notável para quem mora aqui, coisas que não devem ser muito nítidas para quem vem a passeio, uma breve estadia. As mulheres vão ficando com a boca torcida para baixo; os homens, com cacoetes. Creio que aqui muito poucas pessoas têm relações sexuais normais, prazerosas e sempre. Uma vez, conheci no Brasil uma senhora que tinha sido amante do grande arquitecto Gerrit Rietveld – que fez a famosa cadeira, que foi companheiro de Piet Mondrian, de Theo Van Doesburg, um dos criadores da famosa revista De Still. Era uma

mulher bonita, fugida da Europa depois da Segunda Guerra.

Loira, devia ter uns sessenta e tais anos. Era patinadora. Patinou em muitos circos e àquela época já tinha se conformado a um só lugar. Perguntei por que não tinha permanecido na Europa?

Era Holandesa. Certamente, amiga de gente tão inteligente, teria conhecido coisas muito interessantes.

Ela disse que não, nunca! E explicou: para ela tinha ficado claro que todas as guerras, as inquisições, o genocídio de povos inteiros, tudo tinha saído de lá, daquela mentalidade.

Outro dia, voando livremente pelos canais de televisão, ainda que muito rapidamente, apanhei o final de uma corrida de motocicletas. Os dois primeiros colocados – ainda restavam uma ou duas voltas para terminar – eram da mesma equipa.

O locutor explicou que para o que se encontrava em primeiro lugar nessa prova de nada valeriam os pontos que, por outro lado, seriam importantíssimos para o seu companheiro – que vinha logo atrás – pois este sim disputava o campeonato mundial. De repente, o chefe da equipa mandou um sinal para o que estava em primeiro ceder o seu lugar ao companheiro, pois seria muito importante para toda a equipa. Aconteceu na última volta. O corredor, galantemente, reduziu a velocidade e ofereceu ao seu companheiro o primeiro lugar! Mas, para a nossa estranheza, os locutores Portugueses começaram a se manifestar, revoltados. Achavam que aquilo era um absurdo, anti desportivo, pois o que valia era o indivíduo, e era um absurdo a equipa ganhar em detrimento do corredor.

Diziam que eles que, se estivessem no lugar do motociclista, nunca teriam feito aquilo.

Fiquei quieto, pensando comigo mesmo, de onde é que surgem as guerras, o autoritarismo, o totalitarismo, as arbitrariedades, os genocídios.

Surgem de uma estrutura pensamental.

Um vício, talvez. Penso que você ouviu falar do incêndio de Lisboa, na Baixa, que começou na Rua do Ouro, contornou sem prejuízos o elevador de Santa Justa, e subiu a Rua do Carmo, a ladeira, até chegar à Nova do Almada e à Garrett.

O fogo não foi tão grande quanto queria, mas o suficiente para emocionar profundamente. Escrevi, como era minha obrigação, um artigo para a revista Projeto, daí do Brasil. O título, roubei-o de um conto seu, O Incêndio, não poderia haver outro melhor.

O que você acha? Texto de arquitecto, para revista de arquitecto.

*Fico esperando pelas boas notícias – a Luciana também manda muitos beijos – com o maior carinho do mundo, e toda a admiração,
seu sempre*

Emanuel

Vivíamos, no Brasil daqueles primeiros anos da década de 1970, uma plena e lamentável ditadura militar.

Paradoxalmente, foi também um período de explosão nas tecnologias de comunicação; de um crescimento económico inacreditável no Brasil – o maior do mundo.

Não havia, praticamente, desemprego – ainda assim, como seria natural, todas as pessoas sérias aspiravam ao Estado de Direito. Nenhuma pessoa séria pode vender a sua liberdade, quanto mais a do próximo.

Jorge era um hábil negociador – e salvou muitos jovens resistentes das impiedosas mãos militares de então.

Certa vez, numa das primeiras vezes que fui à sua casa sem avisar, aconteceu um momento inesquecível.

Era final de tarde

Coincidentemente, o Jorge estava chegando de uma rápida viagem a Brasília.

Saíra num voo da manhã e já estava de volta.

Visivelmente perturbado.

Raras vezes o vi tão arrasado.

Cada vez que ele tinha de se encontrar com militares, voltava com a alma destruída.

Mas, os tinha enfrentar – e a única forma, a mais sã, era fazer como se estivesse num teatro, vivendo uma tragédia de Sófocles ou Shakespeare, quando a vida está traçada desde o início, mas onde, paradoxalmente, tudo gira em torno da arte da negociação.

Sem dizer uma única palavra, com olhos tristes, subiu, foi trocar a roupa, vestir algo mais leve.

Voltou logo e sentamos no sofá da pequena sala, logo à entrada, repleta de quadros.

Deu um breve suspiro e ficou ali, como se o mundo tivesse desmoronado, olhando para mim.

Mais alguns longos momentos de silêncio.

Podia-se sentir o vazio que vinha nele.

- Emanuel, você não imagina o que eu vivi hoje. Eu mesmo, às vezes, também tenho dificuldade em acreditar nos meus próprios olhos. Salvei um rapaz. Filho de um velho amigo... tem praticamente a sua idade... foi preso pelo exército, acusado de subversão. A família não sabia nem mesmo onde ele estava. Ninguém foi informado. Apenas desapareceu. E, nos nossos dias, basta desaparecer para se saber onde está. Preso. Ficou incomunicável. A família desconfiou, imploraram para que eu descobrisse o paradeiro do rapaz. Uma alma normal não suporta ver um pai chorar. Fui até Brasília. Conversei com um general que eu conheço já há algum tempo. Lá mesmo, da sala do general, pelo telefone, localizaram rapidamente o rapaz. Bastou um telefonema! Estava mesmo preso. Aqui, em São Paulo. Condenado, sem julgamento. Você sabe... nessas situações, com este governo ditatorial, a morte é coisa certa. Levei mais de uma hora para convencer o general de que se tratava apenas de um rapaz inocente, que seguramente se portara mal, mas que a família era séria, de gente honesta e coisas do género. O general me olhava quieto, imóvel, por trás da sua imensa mesa, tinha um olhar frio, como se estivesse ouvindo uma história qualquer, sem importância. Ele não se incomodava com o futuro do menino. Aliás, parecia que não se incomodava com qualquer coisa. Era um general. Mas estávamos tratando de uma vida! E a sensação que eu tinha foi a de que a vida tinha se tornado em algo como as cebolas ou as batatas, e que nós estávamos ali, negociando. Eu, implorando pelo pai e o general, fazendo contas. Depois de falar durante um longo tempo – o general sempre em silêncio – cheguei a pensar, com o coração apertado, que os meus esforços tinham sido em vão. Fez-se um profundo silêncio na sala. Eu não sabia mais o que dizer. Perguntou-me se eu assumiria a responsabilidade pelos futuros actos do rapaz. Respondi imediatamente que sim. Depois de alguns momentos, o general me olhou como se estivesse espetando na minha alma uma cobrança futura, cujo preço eu não sabia. Disse-me que libertaria o rapaz – mas que o fazia apenas em consideração à minha pessoa, e determinou que o menino saia imediatamente do país. Eu nem precisei perguntar aos pais. Aceitei imediatamente. Saí da sala agradecendo, mas trazendo um sentimento de revolta, de incompreensão, amargor. Telefonei rapidamente para os pais, que já foram buscar o rapaz e devem ir a caminho do aeroporto. Como uma pessoa pode dispor tão levemente da vida de outra? Que época é esta em que estamos vivendo? O rapaz não teve direito a defesa. No caminho de volta, eu vim

pensando, ainda chocado, nisso tudo. Eu poderia fazer diferente? Poderia deixar de implorar pela vida de uma pessoa? Nunca! Bom... mas, agora eu estou aqui. Vamos conversar sobre outras coisas e, pelo amor de Deus, guarde isto que eu lhe contei como segredo. Não conte a ninguém. Todo o cuidado é pouco nestes tempos. Nem falemos mais sobre isso.

São Paulo. Setembro 20. 1988

Meu caro e querido Emanuel,

Sua carta foi um alívio, pois já estava me preocupando com o seu silêncio.

Mas, agora, eis que tudo se ilumina. Ainda mais com o seu trabalho, um verdadeiro clarão sobre Lisboa e Portugal. Nunca o clarão de um incêndio, mas um clarão de profundidade sociológica, política e muito humana, sem falar nos inúmeros aspectos de urbanização e arquitectura que poderiam ter sido e que não foram – e nem serão, pela sua análise, pelo menos num futuro mais próximo. Mais do que um simples artigo, o seu trabalho é realmente um ensaio e uma contribuição para que se tenha um conhecimento maior, menos linear, de uma realidade que rola às suas vistas, mas que poucos têm a penetração crítica que você tem para vasculhar a intimidade dos problemas que hoje tanto assoberbam esse belo jardim à beira mar plantado. Além de ver a extensão do incêndio, que tudo indica ter sido criminoso mesmo – eu sempre creio e descreio das coincidências – você faz descrições magistrais, com um poder descritivo muito comparável àqueles grandes escritores que se fizeram admirar justamente pela capacidade de retratar com palavras e frases um estouro de boiada, o incêndio de Roma, a partida das Monções, Canudos, os últimos dias de Pompeia etc.

Você vê – e vê com nitidez – e sabe transmitir o que vê, além de interpretar o que se esconde por detrás dos cenários e do pano de fundo. Mais ainda: você é um ser humano muito diferenciado, porque ama o próximo, ama a sua cidade, quer progresso, quer mais civilização, mais cultura, mais fraternidade.

Sua lembrança daquela corrida de motos, da patinadora Holandesa, é uma demonstração de que você está atento aos sentimentos do ser humano, na sua essencialidade.

Evidente que as guerras têm a sua semente na competitividade criminosa, justamente essa que é adubada no coração ou na alma dos homens.

Dessa primeira semente arrebentam os baobás.

Dessa faísca nasce o incêndio, ou as guerras. Vejo uma boa parte de Lisboa destruída por mãos impatrióticas, de homens que são feras, que vivem entre nós, disfarçados, afivelando máscara humana, mas na verdade bichos, animais que se comprazem no banquete de carne humana.

Ouçõ aquele cego cantando agora uma catástrofe, não uma canção inocente, tirada de uma gaita.*

Sua análise da súbita presença africana em Portugal é uma peça sociológica, para não dizer de análise antológica.

Na verdade, só vêm os que têm os olhos abertos.

Para muitos, o sol é apagado e o mundo é opaco.

Antológica é também a sua menção à praça do centro da Baixa Pombalina.

O caos.

E Lisboa era uma cidade que de tão serena foi considerada por todos nós até pacata, na sua placidez, nas suas belezas naturais, despoluídas.

*E que tristeza, quando você entra em Alfama! Que tristeza! Que tristeza nesse passeio que você me levou, a propósito de um incêndio que faz chorar diante das câmaras de TV o presidente! Que homem sensível, Deus meu!** «Portugal é um país que permaneceu congelado no campo, no mundo agrário, durante vários séculos, até há muito pouco tempo».*

Mas todos nós amamos Portugal, suas cidades, suas praças, sua gente.

E porque sabemos que a «história de uma cidade nunca passa ao largo da história das pessoas que nela moram», amamos Lisboa.

Por isso estamos planejando os ir ver. A você, Luciana, os homens portugueses, as flores e os peixes, o céu, o rio, o mar... essas coisas de além mar, que não esquecemos porque estão na verdade dentro da gente. Muitos e muitos abraços. Parabéns pelo seu trabalho.

Daqui, meu povo sente muitas saudades.

Do seu velho admirador e amigo,

Medauar

** havia um cego, na Baixa de Lisboa, que tocava sempre uma melodia Judaica. Jorge e Emanuel sempre o observaram com atenção, em diferentes ocasiões. No seu concerto Sobre Béla Bartók, de 1986, Emanuel incorporou aqueles sons.*

*** o Presidente era Mário Soares.*

Pois, ele ficou silenciosamente conhecido naquele terrível período de ditadura militar, por ter conseguido salvar várias vidas de rapazes que, de outra forma, estariam inevitavelmente condenados à tortura e à morte.

A fama, nesse sentido, era bastante discreta, por motivos óbvios.

Corriam apenas sussurros velados – e até mesmo sussurros eram perigosos naqueles tempos.

Para o Jorge, nada havia de mais sagrado que a vida, e muito especialmente a vida humana.

Contava, sem esconder uma eterna surpresa, sobre um caso que ouvira falar quando ainda era muito jovem e as terras do cacau não escondiam a sua violência pela honra.

Um velho amigo seu casara com uma moça – também ela da Bahia. Amavam-se, mas os pais dela não aceitavam a união. O rapaz não era do mesmo nível social da moça.

Ela era de família mais importante...

A diferença nem era assim tão grande.

Pouco antes do casamento, o pai da moça chamou o amigo do Jorge para uma conversa particular. Pegou-o pelo braço, com mãos fortes de cacaueiro e saiu andando, como se fossem velhos amigos. No passeio, mostrou-lhe uma faca afiada e ameaçou, espetando a ponta cuidadosamente na pele fina da sua barriga – Se a minha filha não for feliz, eu o mato como a um porco!

Mesmo não tendo relação directa com essa história, aquilo era uma cena incompreensível inaceitável para o Jorge.

- Ora, se há amor, como pode haver morte? Em que condição? Essa não pode ser a condição da Humanidade!

Rio de Janeiro, Dezembro 29. 1988

Luciana e Emanuel,

É muito difícil agradecer.

Mas, quando estivermos juntos, faremos um brinde à vida e àquele que ainda vai nascer, para perpetuar o que há de melhor na Luciana e neste Emanuel – que é quem vai perpetuar o nome da família.

Vamos nos ver no Brasil.

Aí então falaremos destes dias em Cascais, morando e comendo como reis.

Muitos abraços. Muitos!

Medauar

(carta enviada da União Brasileira de Escritores)

As nossas reuniões semanais continuavam a acontecer com a frequência combinada e eu passei a aparecer na sua casa, com crescente frequência.

Assim, aquilo que começou com encontros regulares, mas restritos ao trabalho, rapidamente se consolidou como uma profunda amizade espalhada pelos dias em lugares diferentes.

Em 1976 tive em mãos uma grande campanha publicitária e de marketing.

- Imagine, Jorge, se pudéssemos desenvolver uma campanha resgatando a história da arte contemporânea, da obras da *optical art* até agora, partindo de Vasarely passando por Andy Warhol, resgatando os *minimalistas*, Carl Andre, a *arte povera*, alguma coisa de arte conceptual... Mas, tudo deveria iniciar dentro da empresa. Tudo começando para as pessoas que participam dela. Apenas depois, ir para fora, para as ruas. Isso ajudaria a desenhar a cultura da empresa, que são as raízes de todo o resto. Acontecer como uma explosão, como um quasar. Pois o mais importante é o ser humano, são os valores humanos... O que você acha? Poderíamos fazer um trabalho sensacional e com uma interessante função social.

Os seus pequenos e brilhantes olhos pararam com aquelas palavras, como se estivessem perdidos num sonho.

- Você é um sonhador, Emanuel. E que sonhador! Toda essa ideia é formidável. Você fará essa campanha. Eu ajudarei, naturalmente. Mas, ela dependerá muito de você, estará nas suas mãos.

Para aquela campanha, Jorge tratou de juntar uma equipa pequena, mas maravilhosa.

Eram praticamente apenas duas pessoas para além de nós e da Lúcia Marques. O Élcio Atache, com a função de mídia, e o João Baptista Pugliese, arte finalista.

Dediquei-me de corpo e alma.

Às noites, o Jorge era professor de comunicação e marketing, a mesma em que Alberto Ghiurghi estudava.

E eu, muito novo, passei a frequentar o curso, meio escondido, como ouvinte.

Trabalhava nos finais de semana, madrugadas – não havia limites.

Nos feriados, quando todos saíam para a praia, por vezes eu ficava totalmente só na grande cidade, obcecado por aquilo que eu tinha como missão. Uma situação que viria se repetir com insistente frequência ao longo da minha vida.

O Jorge era amigo de Jean Manzon – que tinha uma reputação manchada por não ser de esquerda, apesar de ter trabalhado com Orson Welles e de ser um reconhecido cineasta principalmente na Europa. Tínhamos de fazer um filme documentário e boa parte acabou por ficar nas minhas mãos. Aprendi muito com Jean Manzon, que era uma pessoa encantadora.

A campanha foi um imenso sucesso.

No ano seguinte, receberíamos por aquele trabalho o Prémio Brasileiro Destaque de Marketing, pela Associação Brasileira de Marketing – o mais importante prémio do país nessa área.

Eu estava muito feliz.

Frank Zappa, que eu tanto admirava, também tinha trabalhado com publicidade no início da sua carreira.

A publicidade não era bem vista pelo mundo intelectual em geral – ainda mais estando ao lado de uma personalidade como Jean Manzon. Tabus de uma época.

- Se você quiser fazer uma verdadeira revolução, comece por dentro. Participe. Quando você participa, pode, por vezes, ser mais eficiente do que quando está afastado. Isso não significa cooptar, juntar-se aos ditadores. Em cada trabalho seu, deverão estar impressas as suas ideias. Em cada um dos seus actos deverão estar as sementes daquilo que você acredita. O país está tomado pelos militares, ditadores, mas também empresários e pessoas comuns que pensam assim. O Jean Manzon é uma das vítimas de tudo isso. Ele é um grande fotógrafo, mudou o fotojornalismo, sempre lutou pela verdade. Fugiu da Segunda Guerra Mundial. Agora, ele se tornou refém do sistema que tanto criticou. Mas, como eu posso olhar para ele, que o conheço há mais de trinta anos?

Aquelas palavras do Jorge revelavam o sentimento de ambiguidade que cercava a figura de Jean Manzon. Eu mesmo sentia um desconcertante paradoxo. Naquela época, o governo obrigava a apresentação de documentários antes do filme principal. Muitos dos filmes de Jean Manzon elogiavam as obras do regime ditatorial.

Jean Manzon era um grande mestre não apenas na fotografia, mas também na edição de cinema. Certa vez, quando preparávamos para editar uma secção do filme, apenas os dois na sala de edição, ambos com metros e metros de película sobre os ombros, ele disse com seriedade:

- Você deve sempre defender a verdade. Se não há verdade na fotografia ou no cinema, então ele é falso, simplesmente não existe. Nunca se deve esconder as coisas. Mostre-as como elas são. Mas, como elas são aos seus olhos, como você as vê. A verdade é a realidade de cada um, e cada pessoa é diferente. Não existe uma verdade única, absoluta.

O velho cineasta e fotógrafo mais parecia um filósofo. Cada corte, cada detalhe tinha de ser coerente com todo o projecto. Trabalhava-se sobre o ritmo, as luzes, os silêncios, como entidades que conversavam entre si. Tudo devia sempre girar em torno daquilo que cada um acreditava. Mesmo com a onda de repúdio que caía sobre ele, não havia como não ficar apaixonado pelo seu conhecimento, pela sua atitude face à vida. Tratava a todos de forma igual. E todos os que trabalhavam com ele não escondiam uma admiração quase reverencial.

Para o Jorge Medauar, todos tinham o direito a respirar, e Jean Manzon nada mais era que uma vítima do tempo.

Lisboa. Janeiro 18. 1989

Caro Jorge,

Para começar, peço profundamente mais de um trilhão de desculpas e perdões por não ter aparecido quando estive em São Paulo. Acabei mergulhado em compromissos profissionais aí no Brasil, e... acabei perdido.

Você sabe como é. Há um bom pedaço das nossas vidas que parece que tudo irá, definitivamente, nos engolir. Como se as coisas fossem acabar logo a seguir, sem nada para as suceder.

Como se, por um delírio permanente do fazer, a vida se tornasse, ela própria um delírio, sem saída, um buraco negro de obrigações abstractas e alienantes, um paradoxo sem sentido verbal.

Tudo por fazer, boas ideias também. Acima de tudo, o asfixiante peso da nossa cultura – como qualquer cultura. Quantas vezes você deve ter percebido isso! Algo que dá muita ansiedade.

Tanta, que você deve ter reparado como, até aqui, eu não parei de falar em mim mesmo. Talvez, para mim mesmo. Como se essa conversa surda que faço agora, olhando para você, nada mais fosse que ter o seu rosto olhando para mim e estar eu mesmo, aqui sozinho. Não serão sempre assim as cartas? Buracos negros são aqueles fenómenos cósmicos que surgem quando uma estrela encolhe. Aí, ela se torna possuidora de uma força gravitacional tão intensa que nada mais consegue lhe escapar. Nem a própria luz, e por isso se chama buraco negro. O mais interessante é que há uma certa órbita a partir da qual, qualquer coisa é imediata e inevitavelmente atraída para o centro daquele fenómeno, com uma velocidade tão grande que o tempo vai diminuindo, diminuindo até parar. Se pudéssemos observar essa coisa sendo atraída, vista pelo lado de fora – e não contando com o efeito doppler – veríamos o objecto literalmente parando no tempo e no espaço, congelado. Fosse uma pessoa, para os pés, a cabeça estaria estilhaçada naquele instante; para a cabeça, os pés estariam congelados, no mesmo lugar. O tempo de um seria diferente do tempo do outro.

Para o observador de fora do buraco negro, o tempo daquele evento duraria quase a eternidade.

Para o observador dentro do buraco negro, não haveria praticamente tempo algum. Lembra-se das nossas conversas sobre o tempo, alguns anos atrás? Quer dizer: este tempo, ao qual me refiro nesta carta, apenas ocorre em extremas condições de velocidade.

Mas, há outros tempos, culturais.

E espaços.

Mas, é outra conversa.

O que é curioso é perceber como nós, no Terceiro Mundo, vivemos – cada um à sua medida – numa interessante luta contra a mediocridade; como se vivêssemos sempre naquele raio orbital, sem nunca saber em qual segundo fomos tragados para o centro do buraco negro.

Para nós mesmos, que nos habituamos a ver nós próprios sempre por fora, imaginamos que o tempo parou e que ainda temos alguma chance de escapar à gravidade fatal do Sistema. Mas, se estivéssemos vendo pelo lado de dentro do Sistema, veríamos que não se passou nem um segundo e já não tínhamos mais qualquer chance.

Vai ver que a produção cultural, como a poesia, a arquitectura, a matemática, nada mais é que pura ilusão.

Uma ilusão temporal.

De um tempo perdido, que ficará congelado para sempre naquela órbita, como se fosse eterno.

Mas, que não durou sequer um segundo.

Será que a vida também não é assim?

Como as cartas?

Grande abraço, seu sempre admirador,

Com carinho

Emanuel

Naqueles tempos, numa manhã ensolarada, o Jorge chegou de uma forma estranha, estacionando o seu carro na rua, à frente da empresa.

Foi até a minha sala e, sorrateiramente, pediu para que o acompanhasse à rua, com a desculpa de que tinha de pegar algo que esquecera no carro.

Nem imaginei o que poderia ser.

Finalmente, revelou:

- Quero falar com você, mas não aqui, dentro do edifício. Aqui, não temos qualquer privacidade. As paredes têm ouvidos. Vamos lá para fora.

O que poderia ser?

Assim que atravessamos a rua, repentinamente, ele agarrou energicamente o meu braço esquerdo.

- Emanuel, tenho estado muito preocupado com você. Tome cuidado. Você é uma boa pessoa, mas está cercado de feras, animais. Gente perigosa. Tome muito cuidado durante toda a vida. Eles sempre farão tudo para o prejudicar e tratarão sempre de contar as maiores mentiras sobre você. Eles o tentarão desacreditar a todo o custo, sempre. Você tem de agir, tem de tomar muito cuidado. A imagem de uma pessoa é construída com grande sacrifício, mas para a destruir é muito rápido. Uma vez destruída, ou maculada, tudo fica mais difícil. Por favor, tome cuidado. Você é muito jovem...

Ele estava verdadeiramente preocupado.

Disse-lhe que não me incomodava o que outras pessoas pudessem dizer ou pensar. Nunca me incomodei. Sempre procurei agir com correção. Ponto final. Como nunca fiz intencionalmente mal a qualquer pessoa, aqueles que falassem qualquer coisa de negativo estariam automaticamente destruindo as suas próprias imagens, nunca a minha. – A verdade é filha do tempo, Jorge; não da autoridade – citei uma frase atribuída a Francis Bacon e tornada famosa na peça teatral *Galileu Galilei* de Berthold Brecht.

- Isso é muito bonito. Mas a vida, meu caro, infelizmente não é assim. Ninguém acredita que uma pessoa, quando atacada pela própria família, não tem alguma culpa. Você tem boa alma, deve tomar muito cuidado.

São Paulo. Fevereiro 1989

Caro Emanuel,

Respondi a sua carta.

Mas, os endereços foram misturados.

Espero, contudo, que tenha recebido.

Contei-lhe, na carta, a história desse congresso.*

Agora, peço que encaminhe, com toda a urgência, se isto não perturbar a sua rotina, o presente documento à Doutora Teresa Patrício Gouveia, Secretário de Estado da Cultura.

Caso seja melhor, mande o documento pelo seu fax.

Aí, é certeza de recebimento e rapidez.

Como vê, já comecei a explorar os seus endereços.

Caso tenha notícias do Ricardo Becheli, mande-me.

Fique com o número de fax da Copagaz, para alguma emergência.

Continuo ao dispor do velho amigo.

Abraços à Luciana.

Medauar

** Congresso da Língua Portuguesa, Lisboa, 1989.*

Vários finais de tarde, vestindo os seus melhores fatos e gravatas da mais pura seda, o Jorge se dedicava a encontros com intelectuais, poetas, artistas, jornalistas e empresários, para um whisky, um piano bar e muita conversa.

Um dos seus preferidos pontos de encontro, ao longo de vários anos, era um hotel que ficava na Rua Major Quedinho, antigo centro de São Paulo, a poucos metros do edifício que abrigava as instalações do jornal *O Estado de São Paulo*.

Ele era sempre uma figura esperada por todos.

Júlio Mesquita, o pai, encontrava-o com frequência. Os directores da rádio Eldorado não escondiam a grande admiração e estima que tinham por ele.

Aquele pequeno homem, poeta e pensador, tinha um fabuloso poder de magnetismo, um carisma encantador – sempre se mantendo uma pessoa simples.

São Paulo. Fevereiro 8. 1989

Meu caro Emanuel,

Posso até dizer que foi bom você não ter me procurado, para merecer, agora, essa belíssima carta, cheia dos seus bons e sábios pensamentos.

Gostei muito da sua teoria sobre o tempo, relacionando-a às teses do Stephen Hawking. Depois que esse físico entrou no conhecimento mais que profundo da relatividade, e partindo daí para a explicação dos mistérios cósmicos, tudo parece que ficou mais claro – e o homem adquiriu nova carga de saber, com a ampliação de horizontes que antes estavam enfumaçados nas brumas do desconhecido. Louvo em você a sua rapidez mental, a sua grande capacidade de absorver coisas novas e as incorporar à sua própria bagagem cultural. Isso amplia as dimensões do pensamento, fazendo com que o raciocínio não emperre diante de problemas que temos de enfrentar a todo o instante. Você está naquela invejável fase de transição para a plenitude, para o domínio do tempo, o domínio geométrico da vida e sobretudo o domínio dos objectivos, que se estendem à sua frente com a clareza das rotas a seguir. Olhe, meu caro: o tempo sempre foi diferente para os homens, sobretudo do ponto de vista em que se colocam, ou no ângulo em que se situam. Como vê, começamos sempre tais coisas pela relatividade. E haverá algo mais relativo do que o tempo? – o meu, o seu, o da Luciana até? Para uns, o tempo é mensurável através desses engenhos que o seu pai tanto conhece e os faz. Para outros, é um fluir incessante. E para outros, ainda, é qualquer coisa estática. O tempo dos doentes não pode ser igual ao tempo dos atletas. Nem o tempo dos sábios poderá ser igual ao dos alienados. Mas, a verdade é que o tempo nos consome a todos. E é nas suas mãos que nos dissolvemos como pó. Agora, quando descobrimos que há uma garganta voraz entre os espaços estelares, tudo fica mais fácil para a justificativa do que se perde – ou daquilo que não alcançamos.

Bem me lembro que já conversamos sobre o tempo, mas num plano diferente, em que certas descobertas da física e da biologia ainda estavam adormecidas no limbo sideral. Concordo com você que toda a produção cultural poderá ser uma forma efêmera de congelamento. Poderá ser um momento, apenas, no calendário da eternidade. Mas, e

as rochas? E os diamantes? E tantas coisas aparentemente eternas, não estarão, por acaso, descongelando-se pela acção do mar, do vento, das chuvas, do calor? Por tudo isso é que eu penso que a vida é apenas uma dádiva – de quem? – fortuita, que jamais poderá ser aprisionada ou eternizada por quem a mereceu.

Ou será a vida, como o tempo, apenas uma teoria – ou qualquer coisa que é tragada por outras gargantas ainda não descobertas? Mas, tudo isso ficará para o nosso próximo encontro. Um bom vinho. Um bom sorriso seu. A boa companhia tranquilizadora da Luciana. E nesse Portugal que tanto me completa. Descendo agora um pouco mais: que é feito da Micá, que lhe escrevi e não me respondeu? Estará em férias? Cobre-a.

Outra coisa: entre o 1º e o 3 de Março haverá um Congresso em Lisboa da Língua Portuguesa. Quem primeiro tramou o evento fomos nós, do Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo – sou o vice-presidente em exercício. Pois bem. Ficamos acertados, de acordo com os Cônsules portugueses daqui e o Senhor Embaixador, que comporíamos uma missão mista de entidades culturais – a Academia Paulista de Letras, o Sindicato, a União Brasileira de Escritores e outras para indicarmos os nomes da delegação Brasileira. Mas isto não está sendo feito. Estimaria muitíssimo que você, como membro do Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo – você já está nomeado – entrasse em contacto com o presidente da Sociedade de Escritores de Lisboa, ou de Portugal, para tentar sanar essa falha. Afinal, o único órgão realmente representativo da classe, em São Paulo, é o Sindicato, que é oficial e tem força jurídica. O resto são sociedades recreativas, vamos dizer, para beberetes etc. Já escrevi para o António Olinto, em Londres, para entrar em contacto, também, com o presidente da Sociedade de Escritores daí. Assim, os delegados do Sindicato, escolhidos em reunião da directoria, são o Professor Luiz Toledo Machado – presidente; Jorge Medauar – vice-presidente; e Reginaldo Dutra – secretário. Como vê, tudo poderá ser definido. E se definir segundo os nossos desejos, em Março estaremos conversando e nos abraçando, como é imensamente o meu desejo. Beijos na Luciana.

*Muitos abraços do
seu sempre amigo,*

Medauar

Creio que foi a partir daquele ano de 1976, quando eu tinha dezoito anos de idade, que passei a frequentar regularmente as reuniões das noites das Sextas Feiras, que aconteciam na sua casa.

Dona Odete, sempre com extremo rigor, de toque quase divino, ladeada pela eterna e sorridente Efigênia, preparava inesquecíveis iguarias – e as suas *muquecas*, os seus *acarajés*, *carurus* e *vatapás* eram vivamente celebrados por todos.

Tudo começava lá pelas nove horas da noite.

Em geral, eu era sempre o primeiro a chegar.

Então, iam aparecendo, inesperados, este ou aquele personagem. Por vezes, voltavam a desaparecer. Não havia uma ordem precisa, rigorosa.

Era como água.

Artistas, intelectuais, jornalistas, empresários, advogados, fotógrafos, escritores, poetas, comunicadores.

Pobres ou ricos.

Todos generosamente regados com alguns dos melhores vinhos do mundo. E mesmo quando não eram os melhores – nos momentos de crise – transformavam-se e ninguém notava qualquer diferença.

A porta da frente, que dava quase imediatamente para a rua, ficava permanentemente aberta.

Formavam-se pequenos grupos.

Uns ficavam eternamente sentados na sala.

Outros, iam para a cozinha.

Ainda, aqueles livremente distribuídos no quintal dos fundos.

E junto à escada.

Tudo era sempre uma festa.

Discutia-se qualquer coisa.

Era como um movimento natural, sem fronteiras, raças, credos ou religiões, e nada existia se não estivesse enfeixado num único turbilhão de humanidade, que alguns chamam de amizade – mas, que ia para além, pois por vezes eram tantas pessoas que algumas nem chegavam a se conhecer.

Mas, ainda quando isso acontecia, era como uma única família, de todas as cores, todos os credos, todas as crenças.

Nunca presenciei uma discussão que fosse, uma zanga, um descontentamento.

Baco não encontraria melhor expressão.

Vendo aquele mar de gente, todos tão apaixonadamente envolvidos em conversas e discussões que varavam a noite, por vezes eu me retirava para um canto, junto ao pequeno *jardim de inverno*, apenas para contemplar, admirado, aquilo que, num certo sentido, já era passado. E imaginava se não seria exactamente assim o mundo Grego de Sócrates, Platão e Xenofonte.

Lá era o espaço da liberdade, por excelência.

Em plena ditadura militar, nunca houve qualquer temor quando estávamos dentro da sua casa.

Para ele, a casa era o espelho da alma. E a sua alma era generosa e protetora.

Não haviam apenas Brasileiros, vinham também pessoas de todo o mundo. Quando lá chegavam, todos eram Brasileiros. Esse formidável traço sem ranço, livre de qualquer sentimento xenófobo, de qualquer preconceito – descrito com poesia por Gilberto Freyre, seu amigo – explicava o lado iluminado do ser humano, que partia do milagre Grego para encontrar clara referência em Lorenzo o Magnífico, em Marsilio Ficino, ou nos sonhos de Thoreau.

Lá estava Peter, o grande e corpulento director geral da *Volkswagen* e a sua esposa, a pequena e querida doutora Maria do Carmo Mateus, que todos carinhosamente chamavam de Micá – brilhante farmacóloga portuguesa que, mesmo depois de voltar para Lisboa, nunca deixaria de ser uma grande amiga, tanto do Jorge como minha.

Numa das suas idas ao Brasil, quando eu já vivia na Europa, o célebre compositor português de música contemporânea Jorge Peixinho – que era grande amigo meu e da Micá – entrou em contacto com o Medauar.

Numa primeira oportunidade, Jorge Peixinho levava algumas coisas de Portugal para ele, mas apenas Dona Odete foi capaz de ir até a casa da Anna Maria Kieffer e do cineasta Rodolfo Nani, outros nossos velhos amigos, onde o compositor estava hospedado.

Depois, o famoso compositor foi visitar o Medauar, na sua pequena, simples e maravilhosa casa.

Meses mais tarde, Jorge Peixinho – que era uma pessoa doce e tímida – contaria como tinha ficado profundamente impressionado com a sua energia, iluminação intelectual, o seu sentido de humanidade, de civilização, com a sua generosidade.

- Que pessoa encantadora! Conversamos longamente sobre o mundo. Que visão global! – admirava-se Jorge Peixinho.

Lisboa. Março 13. 1989

Querido Jorge,

Recebi tudo. Sua carta, seu bilhete, o artigo publicado no O Estado de São Paulo, o fax. Tudo.

E já enviei tudo para a Doutora Teresa Patrício Gouveia. As coisas acabaram por ficar muito confusas.

Estávamos em Paris. Voltamos. Encontramos a sua mensagem apenas depois de dois ou três dias. Não me avisaram.

Quase de tudo aconteceu. Coisas da Natureza.

Depois, chegou o presidente da Associação Brasileira de Escritores. Falou na televisão. Babou-se todo, penso que foi de beber muito vinho.

Ao lado dele, um organizador do Congresso, sujeito português, de cabelo espetado, branco, uns setenta e tais anos, barbicha engraçada. Parecia personagem do Monteiro Lobato. Ficou tudo muito estranho. Não foi bom. A imagem foi coisa do Terceiro Mundo, para pior. No fim de contas – eu só acompanhei de longe, pela televisão – o Jorge Amado surgiu e como um furacão aplicou uma boa e merecida sova verbal em todos. Ninguém esperava por aquilo. Na hora de falar, ele não teve meias medidas, foi certo e anunciou a criação de um instituto internacional para a língua portuguesa, acrescentando que a iniciativa era de um Brasileiro e não de um português. Falou isso claro, com todas as letras, até repetiu, eu ouvi. Você consegue imaginar a cara dos portugueses?

Aquele orgulho todo, aquele nacionalismo, aquela pompa! O entrevistador ficou até engasgado. Por que não tinham sido eles, os proprietários do idioma, os patrocinadores do Congresso, por que não tinham sido eles a ter uma ideia tão simples, tão óbvia?

E veio na lata: um Brasileiro!

Pelo que eu pude entender, deu para sentir, nesse Congresso o Brasil foi colocado numa posição caboverdiana. Foi disposto junto aos países africanos, liderados por uma oficialidade luso colonialista. A delegação Brasileira era relacionada como a última, embora a letra B venha logo depois do A de Angola, mas antes de Moçambique. Vai ver que foi também por isso que o Jorge Amado deu aquela. Travou todo mundo. Foi um susto. Um tiro recto. Certo. Embora não seja honesto menosprezar a África, não é possível a comparar com o Brasil, nem em produção cultural, nem em história moderna. A África não tem culpa, ela foi massacrada pelos seus colonizadores até agora, praticamente. A reacção veio logo. Novamente lusa. José Saramago, ao invés de se esforçar um pouco, demonstrar um mínimo de inteligência e dizer: maravilha, vamos ao trabalho, frutos do Congresso, parabéns a todos etc. etc., não... fez o contrário: começou a dizer que queria ver se aquilo iria mesmo funcionar, que duvidava muito, insinuando incompetência etc. Uma grossura.

É.

Parece que as pessoas, até hoje, não sabem fazer outra coisa senão brigar.

Será que a Humanidade vai conseguir conviver no mesmo planeta?

Até quando?

Jorge, perdoe-me a pressa.

Preciso “desligar”.

Espero que todos estejam excelentes e que, apesar do malogrado Congresso, ainda estejamos, em breve, juntos aqui. Espero pelas suas notícias.

Um forte abraço, do seu incondicional admirador,

Emanuel

Quando, naquelas báquicas reuniões das Sextas Feiras, alcançávamos, todos ou alguns, as quatro ou cinco horas da manhã, os sobreviventes não tinham a mínima condição de voltar sozinhos para casa.

Tinham bebido demais.

Sempre.

Todas as Sextas Feiras.

Eu era o único que me mantinha sóbrio e, assim, tratava de levar os últimos três ou quatro às suas respectivas casas.

O Jorge ia sempre comigo.

Íamos os dois à frente, sempre no meu carro.

Os outros, três ou quatro, tinham de se apertar no banco de trás. O espaço era pequeno e eram todos, sempre, nobres senhores da sociedade – mas que não estavam em condições muitas vezes nem mesmo de caminhar.

Não é preciso dizer que aquilo rapidamente se transformava numa nova festa.

Pareciam crianças, relembrando os tempos quando a lei e a ordem dos bons modos ainda não os tinha atado pés e mãos.

Estavam livres naqueles poucos momentos.

E tinham de celebrar.

Iam fazendo brincadeiras todo o tempo. Contavam anedotas. Faziam-me parar aqui e ali. O Jorge se deliciava quieto e sorrindo. Muitos eram mais velhos do que ele.

Naquela época, os meus cabelos cobriam os ombros e a minha barba, jamais cortada ou aparada, ia se desenhando para baixo. Eu recusava usar sapatos – pois os considerava impróprios para um clima tropical como o do Brasil.

Mas, existia uma lei proibindo dirigir automóveis sem sapatos.

Assim, por medida de precaução, eu deixava sempre um par deles estrategicamente no banco de trás, para o caso de ser surpreendido por algum policial.

Naquela época haviam ainda poucos bandidos e poucos policiais. Podia-se sair tranquilamente às ruas a qualquer hora, do dia ou da noite, sem que estivéssemos mergulhando numa guerra civil urbana.

O medo não eram as pessoas – mas nos depararmos com algum corpo do exército. Quando aqueles grupos militares faziam uma *blitz*, eram sempre agressivos e nunca se sabia o que podia acontecer. Para eles não havia lei. Antes de sair, telefonava-se para amigos, mesmo de madrugada, para saber se sabiam onde as *blitz* estavam acontecendo, e procurávamos evitar, como podíamos um indesejável encontro com elas.

O Jorge sempre trazia consigo um copo de whisky e muito gelo – e os copos da sua casa eram do mais puro cristal.

Depois de fazer o circuito completo, que por vezes demorava mais de uma hora, eu voltava para a casa do Jorge, deixava-o e ia dormir.

Foram incontáveis as vezes que fiz isso.

Em todo o trajeto, íamos rindo e contando anedotas e histórias – como se fossem todos rapazes, mas aqueles que naquelas madrugadas eu entregava às suas casas tinham, na maior parte dos casos, mais de setenta anos e, não raro, vidas impregnadas de tragédias.

Na volta para a casa do Jorge, íamos – apenas os dois – conversando, e a conversa girava em torno de questões filosóficas e, não raramente, sobre algum desastre que tivesse brutalmente devastado algum daqueles personagens com quem tínhamos convivido nas últimas horas.

Pois todos estavam vivos.

Todos tinham alguma história para contar.

Pois não há vida sem tragédia.

E tantas vezes o Jorge tinha uma abordagem trágica da vida – como se, inevitavelmente, a Natureza colocasse o ser humano em permanente questionamento.

Tudo servia para inaugurar novas questões.

Como se – tal como acontecia com a ideia fundamental da tragédia Grega – fosse qual fosse a decisão da pessoa, o desastre seria retumbantemente inevitável.

Numa dessas vezes, um primo seu tinha sido submetido a uma intervenção cirúrgica cerebral.

O Jorge amava a medicina – e se considerava quase um médico, pois chegou a estudar medicina durante alguns anos, para além da sua eterna admiração por Guimarães Rosa.

Descreveu-me pormenorizada e cuidadosamente a delicada intervenção cirúrgica.

Aberto o crânio, os médicos perfuraram o cérebro do primo fazendo uso de finas agulhas, quase como aquelas de costura, e depois pressionavam vigorosamente com os dedos uma área que, aparentemente, tinha sido afectada por um acidente vascular cerebral.

- Eles nem sabem muito bem o que estão fazendo ou o que resultará daquilo que fazem. Tudo é uma experiência! Você vê, Emanuel, como os seres humanos dispõem da vida dos seus semelhantes? E essa disposição acontece sempre por ignorância. Nunca se dispõe de uma outra vida quando se conhece. Aquele que dispõe de outra vida, conhecendo o que faz, é assassino, criminoso. Mas, quando não se conhece, vale o que chamamos, em geral sem perceber muito bem do que se trata, de boa intenção.

São Paulo. Abril 2. 1989

Meu caro e querido Emanuel,

Sou testemunha de quanto você moureja nessa tão querida e heróica Lisboa. Não precisa, portanto, desculpar-se. Suas cartas são sempre muito bem recebidas, ainda que viessem com apenas uma linha. Nossa estima será sempre o complemento do que falta. Mas veja: a sua descrição do fiasco daquele congresso foi um sucesso.

Li, aqui no Sindicato, para os directores, que acharam você um cara muito atilado, bom observador e, não menos, escritor de bom estilo.

Você me diz que parece que as pessoas não sabem fazer outra coisa senão brigar. É a própria história do homem, nessa sua incrível aventura na Terra.

Agora mesmo estive na Argentina.

Brigam lá pelo poder. Aqui, a convenção desse partido falido foi uma guerra de péssima oratória. Um carnaval de bonecos inflados, bandeiras e bandeirolas, o que não faltou a participação do próprio governo federal, por sua vez afundado na incompetência desses mesmos senhores que se associavam ao governo, fracassaram e agora querem isolar o governo como um leprosário. Mas, não foram eles que se amacacaram no poder? Como se vê, a briga está em tudo e em todos. Mas, haverá de chegar um dia em que os homens tocarão música, farão poemas, pintarão a vida, as suas cores e toda a beleza que a circunda – e que hoje não é vista. A miopia humana tem sido crônica. As cores do arco-íris ficam inutilmente embelezando o céu.

Cantam os pássaros para surdos. E a glória das manhãs nascentes se ilumina para os noctâmbulos, vagabundos, bêbados e boémios.

Enlatamos os peixes. E os preferimos em latas e não saltitantes e vivos emergindo das águas. O mesmo fazemos com as frutas, que vivem a perfumar os pomares. Não aprisionam perfumes em frascos, quando as flores se dão no esplendor da primavera? E o que diremos do amor? Bom.

Mas, aqui vim para uma conversa simples, sobre nós, sobre você e a Luciana. Odete deseja ardentemente que na sua próxima resposta você nos diga da sua sementeira. Se vai vingar o fruto dessa beleza que existe entre você e a Luciana.

Odete está muito inclinada a fazer mais uma viagem a Lisboa. Micá falou sobre o meu aniversário, pelo telefone. E eu pedi que desse minhas notícias a você. Dissesse que eu havia recebido carta sua. Me mande notícias. Escreva bastante a este seu velho amigo,

Medauar

Num daqueles Sábados, depois das célebres e celebradas reuniões às Sextas Feiras na casa do Jorge, já perto da hora do almoço, a minha mãe se aproximou e, com olhar muito desconfiado e sério, perguntando onde eu tinha estado na noite anterior.

Sem compreender a razão da pergunta e, principalmente, o seu tom de preocupação, respondi com um ar de surpresa que tinha estado, como sempre, na casa do Jorge Medauar.

A minha mãe não se conformou.

Disse não acreditar.

Perguntei por que?

- Ora, há um copo do mais puro cristal dentro do teu sapato, no banco de trás do teu carro!

Ri gostosamente.

- É o copo do Jorge.
- Como assim?! – minha mãe estava perplexa.
- Fomos deixar alguns dos seus convidados em casa e ele se esqueceu do copo dentro do meu sapato. Até que foi uma boa ideia, pois de lá o copo não pode cair.
- Mas! O Doutor Jorge Medauar?! Aquele senhor distinto, importante, andando contigo à noite e deixando um copo de cristal dentro do teu sapato?!

A minha mãe não era capaz de compreender como aquele respeitado e famoso senhor, recebido por ministros e presidentes, que sempre se vestia impecavelmente, com os melhores fatos, mais ricas sedas, era capaz de sair com um rapaz cabeludo, barbudo, de sandálias e, ainda por cima, esquecer um copo de cristal dentro do seu sapato!

São Paulo. Março, 1990

Emanuel,

Passou mais um aniversário... a Micá sempre foi mais do que gentil, telefonando para nos cumprimentar, nos nossos. E como a negligência Brasileira é lastro da nossa própria cultura, não telefonei. Faça-o por mim. Diga o que você achar que deve ser dito nessas ocasiões. Abrace muito a Luciana por mim, pela Maria Matilde, Odete e Jorginho. Divida abraços com você. E saiba que você e Luciana estão apertados no calor dos nossos braços. Tchau. Escreva. Sempre.

E muito,

Medauar

Outra constante preocupação do Jorge era com o tempo.

Durante alguns anos, praticamente todas as vezes que nos encontrávamos, o assunto sempre voltava à tona.

- O que é o tempo, Emanuel? Ele existe, de facto? O que é essa coisa que sentimos como fluxo contínuo, irrefreável, irrepetível, irreversível?...

Era então que eu mergulhava em conceitos de tempo simétrico e assimétrico, sistemas dissipativos, viscosidade, as teses de John Archibald Wheeler, famoso astrofísico, prémio Nobel, com quem eu mantinha correspondência naquela época.

Tratando tudo como uma questão de *escala*.

Partículas subatômicas, quarks, neutrinos... as primeiras evidências conceituais das supercordas.

Ía descrevendo as teorias de Minkowski, de tempos que se dilatavam ou se contraíam, os fascinantes enigmas da borda de Schwarzschild nos buracos negros, os dilemas de Einstein. Possíveis viagens no tempo através de buracos negros, pulsares. E a fascinante visão das estrelas no céu, como imagem de um passado longínquo, de algo desaparecido há milhões e bilhões de anos.

O Jorge se encantava com aquele mágico mundo que nunca fora totalmente o seu.

Mas, apesar de não pertencer ao mundo da ciência, não perdia uma oportunidade para dizer – sempre com muito humor – que era primo do grande cientista e Prémio Nobel Sir Peter Medawar. O que, embora distante, era mesmo verdade.

- E o acaso, Emanuel? Será que existe? Ou somos nós definidos por um destino implacável. O que comanda a vida – será o destino ou o livre arbítrio? Você já leu o livro *As Razões da Coincidência*, de Arthur Koestler?

E, pronto.

Já estávamos novamente mergulhados nas questões de *sincronicidade*, de Jung... Jacques Monod...

Esse estranho e enigmático fascínio pela ciência, que partira da medicina, alimentava a sua grande admiração que pelo meu pai, que desde menino respirava ciência.

No final das contas, era uma admiração recíproca.

Tinham nascido no mesmo ano, e ambos amavam Portugal.

Para completar, para além de amar Fernando Pessoa, o meu pai era um inventor de máquinas de medição de tempo, de quase todos os tipos, e esse facto parece ter sido algo profundamente marcante para o Jorge.

- Que coisa formidável alguém poder se dedicar, durante toda a vida, de corpo e alma, aos enigmas do tempo. É um privilégio, uma coisa maravilhosa...

De tempos em tempos, o Jorge e o meu pai se encontravam. Fechavam-se numa sala da empresa e conversavam livremente. Ninguém lá entrava quando os dois tinham aquelas animadas conversas.

O tempo, a reflexão sobre a inevitável metamorfose do fluir das horas, minutos, anos, séculos, pareciam estar na base das suas reflexões, pareciam ser o seu fundamento existencial.

Também o era para o meu pai.

Ambos eram declarada e apaixonadamente dominados por esse irresistível fascínio.

A introdução do meu primeiro livro publicado, escrito quando eu tinha dezassete anos, foi feita pelo meu pai.

Era um pequeno livro de contos – dedicado ao Jorge Medauar.

Nele, o meu pai escreveu: «não é mais feliz o rei ou o famoso guerreiro; não poucas vezes é mais feliz o súdito ou o simples soldado. A felicidade está dentro de nós, cultiva-a continuamente, em qualquer circunstância da tua vida”.

Hoje, na distância preparada pelos anos, até parece algo estranho – como se o mundo tivesse perdido um pouco da sua poesia – serem tão ténues as fronteiras entre o inventor-empresário e o poeta.

A duras penas consegui que o livro fosse publicado apenas seis anos mais tarde, em 1980.

A introdução para o livro que surgiu no ano seguinte, de poesia – que eu tinha escrito entre os dezasseis e os dezoito anos de idade, entre 1974 e 1976, foi escrita pelo Jorge. A contracapa foi escrita pela Efigênia Menna Barreto – uma jovem jornalista que eu conhecera naquela época.

Depois, o meu terceiro livro, sobre estética e arquitectura, de 1984, também contou com uma introdução escrita pelo Jorge.

Desde cedo eu escrevi muito e acabei produzindo diversos livros, muitos nunca publicados.

Naquele livro lançado em 1984 – TAPAS – arquitectura e o inconsciente – a introdução aconteceu na forma de uma troca de cartas.

Quando pedi ao Jorge para que escrevesse uma introdução, ele respondeu com outro pedido – para que eu lhe escrevesse uma carta, e a resposta, prometeu, seria a sua introdução.

- Bem que essa carta poderia ser o início de uma longa correspondência entre nós. Eu teria muito prazer em realizar uma contínua troca de cartas com você, Emanuel.

O livro sobre arquitectura tinha como subtítulo “a impermanência das coisas e das ideias” e contou, ainda, como uma introdução não verbal, como um projecto para uma pintura concreta criado especialmente pelo Maurício Nogueira Lima.

Dessa vez, a contracapa foi escrita pelo Décio Pignatari – com quem eu tinha estudado semiótica, literatura, rádio, cinema e televisão.

Aquela troca de cartas foi o primeiro passo para uma longa correspondência que se prolongaria ao longo de quase vinte anos, até ao seu desaparecimento.

É a segunda carta neste livro.

Lisboa. Abril 2. 1990

Querido Jorge,

Finalmente estou lhe escrevendo, após um bom tempo – que ainda continua escasso – onde praticamente tudo o que precisamos é impossível.

Uma verdadeira loucura.

Tenho trabalhado todos os dias até praticamente a meia noite, inclusive nos fins de semana.

Levanto-me às sete da manhã.

Agora, são dez da noite.

Estou no atelier, trabalhando.

Luciana está em casa.

Falamos agora mesmo, eu e você, por telefone.

Meu pai acabou de chegar, vindo do Brasil.

Ouçõ apenas os sons dos computadores.

Tenho de esperar. O robot que irá desenhar o que eu desenhei – é redundante, mas é assim mesmo – está aguardando ordens do computador central, que está ocupado em esconder linhas.

Já são 27.225 linhas escondidas.

Depois, haverá a passagem por todos os vectores – neste caso, cerca de 40.000 – e pronto.

Já são 27.350.

Tenho trabalhado bastante.

Culpa minha.

Adoro tudo isto.

Mas não! Nunca como cantor, como você chegou a dizer.*

27.625.

Há muita coisa para contar.

Tenho pesquisado e estudado bastante.

Agora, fui nomeado membro do conselho internacional, especialmente para as áreas de arquitectura e música, de uma sociedade internacional de cientistas e artistas, recém criada.

A sede é em Budapeste.

Uma das pontas é a Universidade do Pacífico Sul, nas Ilhas Fiji.

Chama-se International Society for the Interdisciplinary Study of Symmetry.

Um longo nome, feito para juntar cabeças interessantes, de todas as partes.

28.350.

O meu corpo está cansado.

Tenho desenvolvido muitas peças musicais.

Um dos trabalhos mais recentes opera sobre atractores estranhos – coisa que venho estudando desde muito antes de ter saído qualquer literatura mais acessível sobre o assunto.

São equações matemáticas que, tendo nelas sido injectado um número qualquer, vão produzindo sempre um mesmo conjunto de resultados.

Números que se repetem, traçando uma órbita precisa em torno do zero.

Se o número injectado ultrapassar uma determinada fronteira, o resultado começa a girar na órbita, mas logo se perde no infinito – salta sessenta ou cem casas decimais em cinco ou seis passos.

29.400.

Acontece que determinados atractores possuem uma órbita inexplicavelmente irregular.

Nunca repetindo a mesma trajectória.

29.450.

Esses são os chamados atractores estranhos.

Criei um desses.

Transformei sons em outras equações, que apresentaram no monitor uma topologia especial, sobre a qual pude trabalhar graficamente.

Chamei Gravity Sound Waves.

Gravity Waves são verdadeiras ondas gravitacionais.

Mas, não sei como dizer isso, exactamente, em Português.

Chamei assim.

Um novo latim.

Um latim que brilha metálica e visualmente.

29.875.

Um novo latim para uma nova medievalidade.

29.975. Fiquei muito impressionado com a fronteira daquele meu atractor.

Como se visse cada um de nós descobrindo alguma coisa, emocionando-se, crescendo, envelhecendo. Por saltos.

Essa fronteira, no número injectado, costuma ter infinitos zeros. Ou seja, uma diferença muito subtil, numa casa a partir de milhares de zeros faz o número orbital saltar para o infinito.

Não é assim que nos apaixonamos?

Não é exactamente isso algo da mais profunda emoção?

30.200.

Toda a nossa existência é produzida por detalhes.

Temos apenas a tola ilusão do contrário.

30.275.

Fomos ao Marrocos. Luciana e eu. Entre as pequenas ruas de cada medina, as pessoas vivem como há séculos! Os banhos ainda são públicos e o seu sentido ainda é o da regeneração espiritual – não o da limpeza física. Como na Idade Média, na Alta Idade Média. Foi bem mais que fascinante.

Lá, eu conheci uma mente aberta, clara, lúcida.

30.975.

Era o Mohamed.

Um comerciante de carpetes que vestia meias brancas e uma barba ruiva, quase. Negociamos durante algumas horas. Seguramente, todos os exercícios com atractores – estranhos ou não – nunca seriam suficientes para reproduzir a complexidade do nosso diálogo. Um diálogo inteiramente matemático.

Mas, de uma matemática um pouco diferente, filtrada pelos olhos, pelos gestos, pela informação que saltava de idioma a idioma, de moeda a moeda.

Era como criar um labirinto.

Um labirinto acústico – como as ruas da medina – onde nunca há um único plano.

31.475.

Labirintos multi-nivelados. 31.725.

São dez e meia.

Sou obrigado a voltar para o outro computador.

Serão, agora, 32.000 linhas.

Estou cansado.

Como ontem.

Tenho tido muitos projectos, muitos deles deliciosamente experimentais.

Não como um cantor que vive a sua época mais brilhante e, portanto, tem de se atirar a ela.

Ao contrário.

E você sabe disso.

Tudo é um tempo que passa, como o rio de Heráclito.

Todo o carinho, sempre seu,

Emanuel

** Numa conversa telefónica, o Jorge ironicamente insinuou que o Emanuel teria se tornado como um famoso cantor, uma estrela de rock, esvaziado-se dos seus antigos ímpetos.*

Nos fundos da casa do Jorge, no alto de uma escadaria, havia uma pequena sala, era lá que estava a sua lendária biblioteca.

Ficava lá em cima, como se fosse uma espécie de ninho.

Ou torre.

Espécie de *torre de marfim*, como ele gostava de brincar.

Lembrava sempre Montaigne, cada vez que subíamos o íngreme lance de escadas.

Poucas eram as pessoas que lá podiam entrar.

De cima, do topo da longa escadaria – apesar de não ser assim tão alta – a imagem do bairro era bem diferente.

Pelo menos foi essa a impressão que marcou mais profundamente a minha alma.

De lá, do alto, as casas vizinhas mais pareciam ser espécies de *quadrados* de vida cotidiana, como se estivéssemos permanentemente protegidos do ser humano, protegidos pelos seus hábitos diários, pelas suas confortantes manias e rotinas – paradoxalmente.

Como se de lá fôssemos, a qualquer momento, presenciar um crime.

Como se fosse um cenário de Hitchcock – e muito especialmente *Rear Window*, *A Janela Indiscreta*.

Eu olhava, discretamente, a duas ou três casas de distância, pelo canto da porta, sempre escondido – como se magicamente me vestisse de James Stewart – e via um homem podando flores; do outro lado um cão, pássaros, uma mulher que trazia roupa num balde, um rapaz que passou com cadernos e entrou na casa...

Quando o Jorge percebia que eu esticava o olho para além da conta, chamava-me a atenção.

Não fique olhando a casa dos outros, nem escondido. Suba e desça sem olhar. Cada um tem a sua vida.

Mas, como não olhar?

Como não ficar maravilhado com aquela *janela indiscreta*?

Era como se estivéssemos pairando sobre a Humanidade, contemplando-a na sua mais evidente simplicidade.

E sobre uma pequena mesa, a velha máquina de escrever.

Ele resistiu durante muitos anos às novas tecnologias.

- Isso não é para a minha geração. É para a sua. Vocês é que devem mergulhar no mundo dos computadores...

Curiosamente, já no final da vida, com cerca de oitenta anos, ele não recusaria o uso dos computadores e o uso do correio electrónico – embora sempre auxiliado pela Maria Matilde.

Muitas vezes, quando eu aparecia de surpresa, o Jorge estava lá, no alto das escadas da sua maravilhosa biblioteca, trabalhando.

Outras vezes, deixava-me lá dentro, propositadamente, a sós, durante horas... ou longos minutos.

- Fique aqui. Eu tenho de atender uma pessoa ao telefone lá embaixo. Veja o que quiser. Fique à vontade. Vai lhe fazer bem procurar algo entre os meus livros. Pegue o que quiser.

Certa vez, ofereceu-me um dos seus livros.

Profundamente comovido, agradei e o devolvi imediatamente.

Ele me olhou com os pequenos olhos bem abertos, sem esconder a confusão.

- Por que você está devolvendo?
- Eu não quero tirar qualquer livro da sua biblioteca. A biblioteca é algo sagrado. É sua. Você já me deu o livro. Obrigado. Fico eternamente grato. Vou guardá-lo sempre na minha alma. Mas, o lugar físico dele é aqui.
- Isso é uma bobagem, eu estou lhe dando o livro!
- Sim, eu sei. E já o aceitei. Mas, quero que ele fique com você, para sempre.

Fazia-me impressão tirar qualquer coisa daquela biblioteca, que deveria ser mantida única, como uma preciosidade.

O Jorge não discutiu mais.

Olhou-me ainda um pouco contrariado e descemos as escadas em silêncio.

Numa das casas vizinhas havia uma família com graves problemas de relacionamento.

De um outro lado, uma mulher nos cumprimentou.

Durante algum tempo, também existiu uma menina, criança com cinco ou seis anos de idade, que apanhava terríveis surras da mãe.

Às vezes nem eram verdadeiras surras no seu sentido físico, mas gritos, ofensas, agressões verbais.

Outras vezes eram piores que surras.

Pareciam sessões de tortura.

Quando isso acontecia, o Jorge ficava completamente transtornado. Andava de um lado para o outro. Media o tempo para chamar a polícia.

Subia e descia as escadas.

Não era capaz de sentar.

la para o pequeno jardim de inverno, ao lado da sala de jantar, olhava para cima, esticava o pescoço como que para ouvir melhor e saber a hora adequada de intervir.

- Não posso admitir isso. É um absurdo. Essa menina está sofrendo. É um ser humano. Nós temos a responsabilidade de vigiar. Temos de tentar diminuir o seu sofrimento. Isso é um crime!

Tantas vezes, ele nada pode fazer.

Quando os gritos rasgavam pela casa, o dia, ou a semana, estavam definitivamente estragados.

Isso durou algum tempo, e enquanto durou, foi um permanente tormento, um duro sofrimento para ele.

Era como se a beleza da vida tivesse subitamente desaparecido.

- Uma criança é um ser humano. Mesmo com os cães, não admitimos crueldade! Uma criança!...

Dentro da sua casa, os pavorosos gritos da mãe e da menina, ecoando por todo o lado, eram dramaticamente amplificados pela aguda consciência do Jorge.

Havia sempre o dilema – era a própria mãe a torturar a filha. Tudo em nome da educação. Mas, seria aquilo educação?

Como se podia tolerar a violência de uma mãe contra a própria filha?

Do outro lado, morava um violinista.

Na verdade, era um comerciante reformado que tocava violino.

Telefonou-lhe.

Levou-me até lá.

O Jorge não escondia a sua admiração por eu tocar flauta transversal.

Bateu à porta e pediu para que o homem tocasse, tratando de acrescentar que eu era um grande músico.

Fiquei muito constrangido – e o homenzinho, com uma barriga proeminente mal coberta por um velho colete de lã, ainda mais.

Resmungando, subiu, pegou o violino, soltou-o da mala, ajustou o arco se assegurando de um pouco de breu, abraçou o ombro esquerdo com um belo, colorido e velho lenço de seda e começou a tocar uma dança húngara, de Brahms.

Bem verdade que a peça era de difícil execução, mas também não é menos verdade que ele tocava muito mal.

Foi um sofrimento ouvir até ao final.

Mas, ficamos ali, honradamente esticados até que tudo se tornasse definitivamente passado.

Desde o início, e durante todo o tempo, o pobre violinista resmungou, tratou-nos com desdém, e nem mesmo nos convidou para sentar.

Acabou de tocar e nos colocou para fora, sério, querendo ser simpático, sem muitas conversas.

Era um homem ranzinza, cheio de reclamações.

O seu rosto estava envelhecido, cortado por fundos traços de expressão.

Quando voltamos para a sua casa, o Jorge explicou.

- Está vendo, Emanuel? Esse é um homem do povo. Um sujeito grosseiro, sem educação. Mas, ainda que o faça mal, toca violino e se esforça para isso. Nunca teve chance para aprender, para participar numa orquestra. Foi demolido, gradualmente, pelo sistema. Nunca teve influências, amigos importantes. Agora está velho. Nunca será famoso. Mas, ainda assim, não desistiu. O amor pela música está no sangue. Está para além da fama, do reconhecimento. Não o faz por dinheiro. É por isso que a verdadeira arte está no povo, naquele que não pertence às viciadas estruturas das corporações, às vaidades, sejam elas quais forem. Com essa vontade, com esse amor, imagine se ele tivesse tido uma ajuda... mesmo com o seu péssimo temperamento, se tivesse tido alguém com paciência para o ajudar e compreender os seus demónios...

São Paulo. Maio 22. 1990

Meu caro Emanuel,

Como vê, demorei a responder – tanto ao seu amável telefonema, no dia do meu aniversário, como à sua carta, que me encheu de muito orgulho, com as notícias do seu sucesso. Você sabe que eu sempre joguei todas as minhas fixas no seu número, isto é, na sua personalidade, na sua vontade de saber, na sua cultura, na determinação com que você enfrenta os problemas da vida e os desafios da sua profissão. Mas é que ando mais ou menos embaraçado. Tenho pequenos problemas de família. Coisas simples, mas que me roubam tempo. Jorginho, por exemplo – não sei se você já sabia – mudou-se para o Recife, onde trabalha em publicidade. A agência se chama Grupo 9 e é a melhor do Estado. Ele está bem. Mas agora, com o começo dessa recessão, que me parece continuar se avolumando, fico mais ou menos apreensivo. Porque a maioria das agências daqui e do Rio de Janeiro já dispensou quase metade dos seus funcionários. Inclusive profissionais de alto nível. E não sei se esse espriar de coisas ruins não vá dar às costas de Pernambuco, chegando a constranger até mesmo pequenas agências em crescimento. Maria Matilde está bem, mas anda preocupada. Como nós. Com tudo. No mais, a vida segue ora serena, ora por anfracturas e declives.

Nós mesmos, somos um rio que passa, às vezes cantando nas pedras, outras vezes gemendo pelas voltas e curvas. Ao contrário da sua máquina, estas são defeituosas que até me envergonham. Tenho de trocar de uma para outra, até acertar. Pois bem. Sua carta é um verdadeiro relatório de vida.*

Vida agitada. De um ser inquieto, mas perfeitamente ajustado aos mecanismos da técnica moderna da computação e de outros engenhos que fazem o ser humano se enredar cada vez mais nas engrenagens de máquinas que são abreviadoras do tempo, ou redutoras de trabalhos que antes levariam tempo e massa encefálica para resolver problemas labirínticos. Mas, você é homem desse tempo, do seu tempo. Por isso mesmo, tem de o vencer, como o está vencendo a cada passo da sua vida, na espiral do seu destino. Esse destino que você vai

*plasmando, com a sua inteligência e o seu talento, perseguindo objectivos que são menos da sua ambição e mais dos seus impulsos criadores, vale dizer, poéticos. Já se disse que o homem comum aceita o seu destino. Mas, um utopista, um criador, um inventor como você, inventa o próprio destino – e logo consegue que o destino o obedeça. Você não pode imaginar como fico orgulhoso das coisas que você faz. Essa nomeação para você ser o director do sector de arquitectura e música dessa sociedade internacional de pesquisas é como se fosse uma medalha no meu peito. A transformação dos seus sons em equações, suas ondas gravitacionais, são mistério para mim – mas, como você é capaz de equacionar paixões e números, e eu entendo de paixões, sou levado àquelas dimensões em que a fantasia resulta sempre numa descoberta científica, dando ao ser humano novos destinos, etc. Você me fala do Marrocos e dos labirintos acústicos. Acho que vivemos num labirinto dos sentidos e por eles andamos mais ou menos perdidos, como nas vielas dos países estranhos para nós, mas familiares para aqueles que circulam por elas. Fiquei, mais uma vez, agradecido pelo Sócrates**. Durante a leitura, você estava nas equações apologéticas daquele que pelo menos nos ensinou que, como nada sabemos da morte, não podemos avaliar se será um prémio ou um castigo. Coloque agora as minhas saudades no seu computador. Verifique em quantas linhas será possível dizer que estamos tão distantes e tão próximos, nesta velha amizade e neste amor que pode até ser de pai. Nunca se esqueça do seu velho admirador,*

Medauar

** a partir deste momento, a carta foi redigida numa diferente máquina de dactilografia.*

*** Emanuel presenteou ao Jorge com uma nova tradução da Apologia de Sócrates, de Platão.*

Quando, em 1991, telefonei ao Jorge para contar do nascimento em Lisboa da minha filha, Laura, ele ficou emocionado.

À mesma época, aproximadamente, nascera em São Paulo uma das filhas da Maria Matilde.

Éramos sempre, todos, apesar da distância, uma verdadeira família.

Nessa grande família, a sua pequena casa foi um importante ponto de encontro entre alguns dos mais notáveis personagens daquela época.

O telefone tocava sem parar.

Entre tantos, Antônio Houaiss, Carlos Drummond de Andrade, Dinah Silveira de Queiroz – e a Helena Silveira, sua irmã, que tão atentamente acompanhávamos as suas brilhantes críticas de televisão – Mário Quintana, Jorge Amado e Dorival Caymmi – todos o consideravam um verdadeiro irmão.

Todos estiveram na sua casa, em muitas ocasiões.

Quantas vezes a nossa conversa foi interrompida por uma chamada telefónica de Drummond, de Jorge Amado ou mesmo de Luiz Carlos Prestes.

Em nossos tantos encontros sofremos juntos a doença que arrasou os últimos anos de Julio Cortázar – a quem ambos admiramos tão profundamente.

Questionávamos as polémicas razões do magnífico Jorge Luis Borges, a loucura de Ezra Pound, o temperamento de T. S. Elliot, ou a genialidade de James Joyce, que era, para nós dois, um legítimo herói.

Na época, comentava-se livremente que no Brasil existiam três baianos: Jorge Amado, Dorival Caymmi e Jorge Medauar.

Três velhos amigos – que cresceram juntos.

Três tipos físicos muito semelhantes.

Três verdadeiros baianos.

Não foram poucas as vezes em que nos divertimos largamente quando ele descrevia, sempre cheio de humor e sabedoria, as reacções das pessoas em quem Jorge Amado tinha se inspirado para a construção dos seus personagens.

- Alguns ficaram tão indignados, por terem visto detalhes íntimos das suas vidas estampados nos livros, que juraram matar o Jorge Amado. Coitado! Lá na Bahia, em Ilhéus, todo mundo sabe quem é quem, e os seus personagens existiram de verdade. Depois dos seus livros, as pessoas passaram a ser os seus personagens. Quando ele aparecia, muitas vezes, tinha de ser escondido. Lá, essas coisas de honra são questões sérias, que podem levar a ameaças desse tipo... e perigosas.

Pois, o Jorge Medauar se tornou, desde cedo, personagem das obras de Jorge Amado.

Em *Tocaia Grande*, Jorge Amado traça um interessante perfil do velho amigo – «...Jorge Medauar era o poeta da turma, aplaudido e requestado, ai-jesus das moças e das raparigas, compunha versos e os publicava nos jornais...».

Muitos anos mais tarde, encontrei em Lisboa com Dorival Caymmi e ele quase chorou quando eu lhe contei que o Jorge mandava abraços.

- O querido Jorge! Ele é uma das pessoas mais maravilhosas do mundo – disse Caymmi com a sua inconfundível e inigualável doçura.

Esse era Jorge Medauar.

Uma pessoa sempre preocupada com o ser humano, com os seus direitos, com a cultura, com as artes, com a Humanidade.

- Nós pertencemos a isso a que vulgarmente é chamado de civilização. Não é uma coisa que possa estar restrita a esta ou àquela cultura. Pertence a todos nós.

Lisboa. Fevereiro 18. 1991

Querido Jorge,

Quero, antes de tudo, agradecer pelo envio do artigo de jornal sobre o meu trabalho, e as suas mais que amáveis palavras – tenho em conta como você é suspeito em as dizer.

A atitude do Oscar Niemeyer teve alguma repercussão também por aqui, principalmente quando ele – junto com o Chico Buarque entre outros – alinharam em favor do paredon de Fidel Castro e dos fuzilamentos sem julgamento livre. Algo que é absolutamente criticável, principalmente quando temos em conta o que acontece em Timor Leste e os massacres perpetrados pela Indonésia, a miséria na África e, muito mais perto, a miséria no próprio Brasil. Pouca energia se vê nessas pessoas, tantas vezes, quanto a questões acontecendo sob os seus próprios olhos.

Por aqui tudo vai bem.

Muitíssimo trabalho – e junte a ele muita dor de cabeça, como não poderia deixar de ser.

Aquelas chateações comuns do trabalho: um que esqueceu de preencher algum formulário, outro que deixou de corrigir um desenho. Enfim, burocracias... humanas. De resto, Portugal continua bem. Como eu previra há alguns meses, as taxas de juro estão baixando.

Parece haver, pouco a pouco, um reaquecimento económico.

Portugal tem sido considerado, actualmente, o país mais bem administrado na Europa. Entramos na Comunidade Económica Europeia.

Fiquei espantado com a absoluta e generalizada falta de informação quando estive recentemente aí no Brasil. Então, muitas pessoas – e muita gente conhecida e importante – diziam que a Comunidade Económica Europeia era algo utópico, que nunca daria certo!

Dentro de poucos meses as fronteiras serão eliminadas e haverá um Banco Central Europeu.

Espero que você esteja logo por aqui, para lhe mostrar tudo isto ao vivo.

Penso que estamos vivendo uma verdadeira revolução planetária – lembra-se de quando eu defendia, anos atrás, a ideia de que no futuro próximo existiria apenas um primeiro e um quarto mundo?

*Fica um grande abraço, esperando pelas suas boas notícias e muitos beijos a todos em casa, do seu
sempre*

Emanuel

Chovia muito quando entrei pela sua casa, sem saber o que fazer para não molhar todo o lugar.

O Jorge estava sentado com um jornal na mão.

- Você já viu o número de crimes estampados no jornal de hoje? Crimes de todas as naturezas. Da primeira à última página. Crimes para todos os gostos. Mesmo quando eles não dizem que é crime, nós sabemos que o é. São empresários, políticos e bandidos comuns. A lista é imensa. Eles ocupam o espaço da própria publicidade! Procure ler os jornais tendo em atenção esse facto. Nós nomeamos os criminosos, damos-lhes nomes, os projectamos, conferimos valor, um valor que não lhes pertence. Fazemos isso, vergonhosamente, no mesmo momento em que esquecemos aqueles que poderíamos chamar de *homens bons*. Pois, os jornais deveriam privilegiar esses *homens bons*, nunca os criminosos! Ainda estou para ver um jornal que seja criado apenas para boas notícias e para pessoas sérias. Quantas páginas teria? Quem compraria? Mas, estou velho demais para pensar em fazer qualquer coisa do género.

Ele era, definitivamente, um *homem bom* – um *tzadikim* da antiga tradição Hebraica.

Era daqueles que ele gostava de identificar no mundo.

Em todos os sentidos.

Viveu sempre com grande dignidade e, infelizmente, nunca enriqueceu.

- Ficar rico pode ser uma questão de sorte e de dedicação. E é raro. Mas, é preciso que existam essas duas coisas. A elas, pode estar aliada a desonestidade ou a honestidade. E eu não consigo, não posso, agir desonestamente. Eu não conseguiria dormir. E dormir em paz é muito importante para mim. É uma questão genética. Não tenho culpa, nasci assim.

Sofria, sinceramente, com as vítimas de qualquer tipo de crueldade.

Amava a vida – mas não apenas para si.

- A vida, meu caro Emanuel, nada mais é do que administração. Temos de administrar as coisas boas e as coisas ruins que nos acontecem. Os bons administradores dessas coisas conseguem, muitas vezes, viver durante um longo tempo. Aqueles que se perdem nesse ato de gestão, também perdem o sentido da vida, e – mais cedo ou mais tarde – desaparecem. Conforme a vida passa e vão morrendo as pessoas, os nossos queridos amigos, sentimos como se pertencêssemos a um fluxo de tempo ao qual vamos sobrevivendo, observando, perplexos, aqueles que vão ficando pelo caminho. Eles vão ficando e nós vamos seguindo, sobrevivendo, dia a dia, com outros a quem acompanhamos.

São Paulo. Novembro 22. 1991

Querido Jorge,

Recebi o seu envelope com a Crónica de Paris sem Cortázar – que eu adoro – e que você chamou de bolor, mofo e velhice.

O seu poema, se me fosse permitido o perceber na sua magnitude, chamou a atenção por duas coisas interessantes.

Primeiro, imagética.

A imagem do Sena não é aquela, por causa da temperatura de cor da cidade.

Mas, é uma imagem da memória, que é muito mais interessante.

A imagem da imagem.

O realismo do realismo.

Quase surrealismo.

Paris não tem pó.

*Paris é luz, apenas.
Mas, a poeira cinza é ruído, interferência mental.
Espécie de amálgama sígnica, e isso é muito mais interessante.
Aliás, na minha opinião, um rio nunca volta – penso que Sidarta e Heráclito
concordariam comigo.
Mas, não se trata de um rio.
Trata-se de você.
Nesse sentido – e, muito longe de mim, um sentido a la Saussure – é o seu jogo de
fonemas mais intimista que eu conheço.
Segundo, e aí sim é mais a minha seara, achei o ritmo alucinante.
Quase desespero.
Jogo lógico sem pontas, sem meios.
Limite.
E o limite do limite é zero.
Mas, zero no seu sentido mais amplo, mais profundo.
Angústia, quase.
Usando as suas imagens: seixos num rio.
Parece que o seu jogo não diz algo sobre o Sena, acerca dele, mas é você próprio
projectado sobre o rio Sena.
Eu gostaria de ficar aqui todo o tempo a lhe dizer muito mais, mas o telefone já toca.
Tenho de sair. Laura está linda, e Luciana também.
Encontrei apenas estes poucos segundos para o reencontrar.
Peço que você me perdoe.
Mil carinhos, mil ideias, mil abraços e toda a
admiração redundantemente eterna, do seu,

Emanuel*

Ele sempre foi uma pessoa sincera.

No final dos anos da década de 1960, o Jorge Medauar foi enviado como jornalista correspondente para uma conferência no Oriente Médio.

Tratava-se da então eterna celeuma em torno da fundação do Estado de Israel.

- A sala estava cheia de jornalistas, de todo o mundo. Eu era o único Brasileiro. Havia um general Árabe discursando sobre a guerra com Israel. Falou sem parar. Podíamos ver Israel pela janela da sala onde estávamos. Era um campo verde. Tudo acontecia sob a égide das Nações Unidas. O general não escondia o seu ódio por Israel – algo que eu tinha dificuldade em compreender. Tenho sempre dificuldade em compreender qualquer ódio. Descreveu armas e mais armas, canhões de todos os tipos, armas leves, aviões... quando terminou eu respirei fundo e levantei. Perguntei ao general se ele sabia como poderia vencer aquela guerra. Intrigado com a pergunta, o militar voltou a falar em armas e mais armas, sobre todo o tipo de estratégias de ataque e defesa. Então, ainda em pé, eu lhe disse que aquilo que fazia vencer uma guerra era o verde, e apontei para a janela, para Israel, com os seus maravilhosos campos cultivados enquanto que o lado Árabe era um verdadeiro deserto. O homem ficou furioso e terminou ali mesmo a colectiva de imprensa. Sem querer, eu acabei saindo em todos os jornais do mundo. Devo ter sido considerado um traidor por alguns. Ora, mas era a verdade! O que vence a guerra é um povo feliz, culto e bem alimentado. Deixando o país num deserto, isso nunca seria possível!

Os conflitos com Israel sempre o perturbaram profundamente.

Apesar de reconhecer o direito ao Estado de Israel, ele não conseguia compreender a razão pela qual os palestinos que lá viviam foram expulsos, sem qualquer compensação ou explicação.

Outras vezes, muito mais tarde, ele criticava abertamente – para não dizer furiosamente – a política belicista de Ariel Sharon.

- Para que? Para martirizar toda uma população? Para humilhar? Onde ele quer chegar? O povo Árabe tem uma dignidade de milhares de anos, jamais aceitará qualquer tipo de submissão!

Já no final da década de 1980, ele foi convidado para um encontro de poetas Árabes no Iraque, em Bagdade.

- Eu não tenho qualquer coisa a ver com os americanos. Adoro tanto o George como o Ira Gershwin, admiro profundamente Roosevelt, Jefferson, mas sou Brasileiro e independente. Eu precisava ir lá, para ver de perto tudo aquilo. O Saddam Hussein foi parceiro dos americanos, comeu na mão deles, que agora estão contra ele. Muito bem, eu fui lá. Fomos recebidos como reis. Você não pode imaginar o que é Bagdade. Nunca vi tanto luxo. Conheci pessoalmente Saddam Hussein. Um homem grosseiro, que nunca foi verdadeiramente muçulmano. Ele não sabe nem rezar, mesmo quando está fingindo para as câmaras de televisão! Quando o encontro de poetas estava no seu final, e todos se encontravam muito envolvidos com tanto luxo, pedi a uma pessoa que era da organização e com quem eu tinha estabelecido uma relação mais próxima, para sair. Eu precisava sair daquele luxo asfixiante. Precisava respirar. Eu queria encontrar o povo, ver como as pessoas viviam. Saímos escondidos, à noite. Então eu tive a clara noção do que era tudo aquilo. Era uma grande farsa. Bagdade era cercada por uma verdadeira muralha. Dentro da muralha, a velha Bagdade era luxuosa, algo como nunca vi. Era onde vivia Hussein e a elite do lugar. Mas, fora das muralhas, onde está o povo, a miséria era igualmente inacreditável. Fiquei indignado. Fiz o maior esforço para não demonstrar a minha indignação, pelo menos enquanto eu estava lá. Percebi que eu podia correr risco de vida se manifestasse a minha revolta. No último dia, fui chamado por um dos organizadores do encontro. Ele me disse em tom ameaçador que eu tinha sido bem tratado e que, portanto, deveria, obrigatoriamente, deixar um poema em homenagem a Saddam Hussein. Era uma ordem! Dei uma desculpa, dizendo que eu não era capaz de fazer um poema assim, de uma hora para a outra. Disse-lhe que eu deveria pensar, reflectir e, então, fazer o poema. O homem relutantemente concordou, mas avisou que eu tinha de fazer algo exaltando a figura do Saddam Hussein. Como eu poderia fazer isso? Nem mesmo se eu o considerasse alguém honesto o poderia fazer, quanto mais depois de ter visto a miséria em que vive aquele povo! Voltei para o Brasil, esperando que aquilo tudo acabasse esquecido e eu ficasse definitivamente livre de uma obrigação dessa natureza. Já no Brasil, alguns dias depois, para a minha surpresa, recebi a visita de outra pessoa, que também pertencia ao círculo de Saddam Hussein. Cobrou-me novamente o poema, uma vez mais em tom de ameaça. A coisa estava ficando séria. O tom de ameaça era mais e mais evidente. Percebi que eu não tinha saída. Disse-lhe que o poema estava quase pronto, para voltar dois dias mais tarde. Fui para a minha biblioteca e fiz rapidamente um poema: *O Tractor*. Eu comparava Saddam Hussein a um tractor, que cruel e devastadoramente esmaga tudo à sua passagem, e que tem aquela figura ameaçadora de um *caterpillar*. Quando o homem leu o poema,

perguntou, indignado, se era uma brincadeira, acrescentando que o ditador ficaria extremamente ofendido. Com uma expressão muito séria, expliquei-lhe que a figura do tractor significava a sementeira, o plantio e a alimentação. O homem leu uma vez mais e, para o meu alívio, saiu satisfeito. Naturalmente, quem quer que leia o poema vai compreender exactamente o que eu quis dizer com ele. Acho que acabaram rasgando o poema... e me deixaram em paz. Nunca mais apareceram.

Depois de contar aquela história, o Jorge riu, sem esconder a sensação de alívio.

Anos antes desse acontecimento, ainda no final da década de 1970, ele me telefonou pedindo para que fosse à sua casa, para uma reunião entre amigos, naquele mesmo dia, uma Quinta Feira.

- Mas, Jorge! Não é amanhã que estaremos todos juntos?
- Sim, estaremos. Entretanto, a reunião de hoje é muito especial. Eu quero que você venha. Não há desculpas. É uma ordem. Venha.

E eu fui.

Na mesa da pequena sala de estar, logo à entrada, havia vinho, água, pães, *z'atar*, *hummus*, *chancklich*, *kibes*, *esfihas* abertas e fechadas para além de deliciosos queijos Franceses, *chèvre*, *emmental*, *roquefort* – tudo cuidadosamente preparado pela Dona Odete.

Não fui o primeiro a chegar.

Quando entrei na sala, o Jorge conversava com um homem magro, alto, muito claro e com refinamento típico da Europa central, bastante Germânico.

Conversamos um pouco sobre tudo.

Generalidades.

Tive a impressão de que, tal como eu, o sujeito também estava intrigado sem conhecer os motivos para aquele súbito convite.

Passou muito tempo e eu cheguei a pensar que nada mais aconteceria.

Já eram quase dez horas da noite quando o Jorge foi até ao portão para receber o terceiro convidado.

Pela porta entrou um gigante.

Era um homem colossal.

Sentou-se no grande sofá – o sujeito magro foi obrigado a mudar de lugar – pois aquele homem imenso não cabia em cadeiras normais ou sofás individuais.

Devia medir mais de dois metros de altura e não era nada magro.

Percebia-se pela respiração a dificuldade que o gigante tinha para carregar um corpo tão grande.

E, para completar o intrigante cenário, tratava-se de uma pessoa de inteligência brilhante.

Conversamos ainda mais animadamente.

Eu estava encantado, naqueles dias, pelo mistério que envolvia a estranha figura de Carlos Castañeda – antropólogo que desvendara o mágico mundo *shaman* dos Toltecas, civilização pré Asteca que legou a sua sabedoria mística a alguns povos do Novo México.

Todas as histórias de Castañeda, desde a sua *Erva do Diabo*, implicavam questionamentos de ordem lógica e eram apaixonantes.

O gigante não conhecia aquele mundo e ouviu com atenção cada uma das minhas palavras.

Contou-me da sua paixão pelo pensamento de Lewis Thomas e, em especial, pelo livro *A Medusa e a Lesma* – que se tornaria num dos meus livros preferidos, por toda a vida.

Prometemos, um ao outro, trocar esses livros e, assim, estabelecemos uma forte ligação espiritual.

Os minutos passaram velozes.

O Jorge parecia estar muito calmo, como se nada mais fosse acontecer.

Mas, no gigante havia um ar de clara inquietação.

Ele estava visivelmente incomodado, como se a nossa presença, de alguma forma, o estivesse perturbando.

Praticamente meia noite, o Jorge olhou o gigante directamente nos olhos e pediu com firmeza para que nos contasse, a todos, os verdadeiros motivos da sua visita.

O homem ficou vermelho como pimento. Desconcertado, pigarreou.

Jorge insistiu.

- Vamos lá. Conte o motivo da sua visita. Nós todos somos amigos e estamos num espaço absolutamente livre aqui.

Daquele gigantesco corpo saiu uma voz pequena, que vacilava entre as palavras que não sabia como usar.

Aquela situação nos causou um profundo constrangimento.

Soubemos, estupefactos, pelas suas próprias palavras, que ele estava ligado à *Organização para a Libertação da Palestina*, de Yasser Arafat.

O motivo da sua visita era pressionar o Jorge para que se aliasse activamente àquela organização, que então se implantava em Brasília, com o objectivo de iniciar uma luta mais activa no Brasil.

- Você percebe como o seu pedido não tem qualquer fundamento aqui no Brasil? Nós estamos na minha casa, comendo todos à mesma mesa. Este senhor com quem tão animadamente conversamos nas últimas horas é judeu. O Emanuel é jovem, livre, e tem uma maravilhosa vida pela frente. Você quer trazer aquela guerra para dentro da minha casa, para a minha mesa?

O gigante ficou visivelmente desconcertado.

Mais tarde, aquele estranho e fascinante personagem viria me contar que aquele encontro tinha mudado a sua vida, a sua forma de ver o mundo e a Organização para a Libertação da Palestina nunca iniciou qualquer actividade mais agressiva no Brasil, optando sempre pela via diplomática e política.

O Jorge se considerava um verdadeiro Árabe – mas não era muçulmano.

A sua fé, a sua verdadeira religião, estava na liberdade do ser humano.

- Você sabe o que é a liberdade, Emanuel? Karl Marx dizia que a liberdade é sabermos aquilo que necessitamos e podermos ou não satisfazer essas necessidades. Assim, a liberdade é diferente para cada um de nós. – dizia, citando e, num certo sentido, contrariando o Marx que ele tanto admirava.

Era amigo das pessoas, independentemente daquilo que acreditavam.

Admirava profundamente Espinoza, que era judeu, mas que tinha sido rejeitado tanto pelo mundo Hebraico como pelo Cristão.

O melhor amigo do meu pai, durante vários anos, o seu braço-direito, chama-se Alfred Gehrard Schwarz. Uma pessoa maravilhosa que escapou à morte, dos campos de concentração Alemães durante a Segunda Guerra Mundial. Era filho do antigo proprietário do jornal diário de Heidelberg.

O Sr. Schwarz – como carinhosamente sempre o chamamos – sempre foi como um segundo pai para mim.

Ao longo das três décadas em que fui amigo do Jorge, até ao seu desaparecimento, ele sempre perguntava sobre ele.

- Como está o Schwarz? Ele é uma óptima pessoa, mande um afectuoso abraço. Diga para aparecer qualquer dia destes!

Nada disso estava em conflito, de forma alguma, com a sua dedicada admiração às suas raízes Árabes.

Na verdade, a sua concepção do verdadeiro mundo Árabe era um mundo de cultura, de sabedoria, de respeito pela integridade humana, um mundo da liberdade como a poesia de Omar Khayyan.

Contava das façanhas de Al Khwarizmi, ou de Jábir Ibn Hayyan com o seu tratado *Al Gbr* – luzes de onde nasceram as palavras *algarismo* e *álgebra*.

Tratava da tradição Árabe como um orgulho para a Humanidade, uma fonte de solidariedade, respeito e amor.

Falava, muito animado, das raízes das nossas palavras *salada*, *alface*, *alperce* e muitas outras, todas de origem Árabe.

De como muito da cultura Árabe medieval era caracterizada pela hospitalidade, pela solidariedade, pela pacífica convivência com outros credos, com outras culturas.

Quando houve o *Setembro Negro*, em 1972, e os atletas israelenses foram bárbara e covardemente massacrados pelos homens de Arafat, a sua casa ficou triste.

Naquela semana, não houve qualquer reunião.

Tinha horror a qualquer ato terrorista, a qualquer ato de crueldade, e conversávamos, perplexos, sobre os ataques do *Baden Meinhoff* na Alemanha, das *Brigadas Vermelhas* na Itália, do *IRA* na Inglaterra ou da *ETA* na Espanha.

Nada que atentasse contra a vida podia ser justificável para ele.

- Sou Brasileiro, e sou Árabe. O Brasil é um país maravilhoso, porque aqui não há divisões. Todos nós podemos respirar e estarmos maravilhados com todas as nossas tradições. Aquele que renega as suas origens, não tem carácter.

São Paulo. Agosto 15. 1994

Emanuel,

O Ueze Zahran e outros ficaram sem saber do que se trata o artigo no jornal. Se puder, mande um fax para o nosso amigo Zahran. E, vá em frente no seu comprometimento político. Os nossos actos só a nós pertencem, muito embora possam ser julgados. E todo julgamento, na verdade, como você sabe, é discutível. Muitos abraços. Quando retornar, se puder, faça-me um presente: traga-me daquela aguardente incomparável de Portugal.*

Odete contou do seu telefonema. Mande notícias do seu sucesso na Suíça, no dia 1 de Setembro.

Estamos todos querendo ver a Laura e a Luciana.

Medauar

** artigo publicado no jornal O Estado de São Paulo acerca das actividades do Emanuel em arquitectura e Realidade Virtual.*

E as histórias Árabes povoavam o seu espírito.

Muitas vezes, especialmente quando estávamos a sós, ele ia contando histórias das *Mil e Uma Noites*, que tanto amava.

Mas também haviam outras histórias, naquele fascinante universo Árabe, pleno de Califas, vizires, amores, ódios e muita poesia.

- Emanuel, vou lhe contar uma pequena história Árabe que você nunca mais esquecerá. Trata-se de uma daquelas histórias que fazem a nossa alma, que a edificam. Certa vez, num reino distante, havia um impiedoso e cruel Califa. Tudo corria relativamente bem até que, num ato descontrolado, o terrível tirano ordenou a morte de um homem bom, e de toda a sua família. Esse assassinato abalou o país e as pessoas do povo começaram a se revoltar. Não passou muito tempo até que o Califa percebesse que algo de muito errado acontecia. Chamou à sua presença o vizir, responsável pela segurança do reino. Disse-lhe que notava algo estranho, olhares ameaçadores, quando caminhava junto à multidão. – É natural, alteza. O senhor lembra daquela morte, do assassinato daquele homem e de toda a sua família? Era um bom homem e o povo ficou chocado, considerando injusto tudo o que aconteceu. O pior é que o sábio, o mais respeitado mestre de todo o reino, assumiu a defesa do povo, contra o senhor, denunciando o cruel massacre – disse o vizir. Ao ouvir aquelas palavras, o Califa ficou furioso. Mandou chamar à sua presença o sábio. Assim que chegou ao palácio, o Califa lhe perguntou – Sábio, ouvi dizer que tem incitado o povo contra o seu soberano, o que tem a dizer sobre isso? O sábio confirmou, serenamente, a sua própria revolta contra aqueles cruéis e injustificáveis assassinatos. Imediatamente, o Califa chamou o chefe da polícia e lhe ordenou que arrancasse do sábio uma retractação. O sábio foi acorrentado, mas não cedeu. Foi ferozmente açoitado, mas continuou com a mesma posição. Foi torturado. Ficou sem comer. Colocaram-no num buraco, sob a terra, com os ratos, mas não mudou a sua opinião. Os dias se passaram e o sábio estava quase à morte, moribundo, num buraco fétido. Então, o vizir se dirigiu ao Califa e lhe disse que, por aquele caminho, seguramente o sábio iria morrer, iria se tornar num mártir e, se tal acontecesse, a revolta do povo seria incontrolável. Após ouvir os conselhos do vizir, o Califa reflectiu por alguns momentos e disse – Está bem, você está correcto. E, se é assim tão engenhoso, tão inteligente, caberá a si arrancar a retractação ao sábio. Caso não tenha sucesso, morrerá junto com ele. O vizir não ousou contrariar as ordens do Califa, apenas suplicou para que tudo o que pedisse fosse firmemente obedecido,

condição sem a qual dificilmente conseguiria a tal retractação. O tirano concordou e o vizir seguiu imediatamente para o departamento de polícia. Lá chegando perguntou ao chefe policial – Onde está o sábio? – Está no buraco, sob a terra, com os ratos. – Então, tire-o imediatamente de lá e o traga aqui. Quando o sábio chegou, com roupas rasgadas, sujo, magro, à beira da morte, o vizir perguntou – Há quanto tempo o sábio não come? – Bom... comer verdadeiramente, fazer uma refeição... já não faz há umas três semanas. – Quem é o melhor cozinheiro do reino?, perguntou o vizir. – Ora, é o cozinheiro do palácio!, respondeu o policial. – Então o chame imediatamente. Ele será o cozinheiro do sábio a partir deste momento. E, assim, durante uma semana, o sábio saboreou as mais raras iguarias, os melhores vinhos e as melhores águas. Na semana seguinte, o vizir perguntou – Há quanto tempo o sábio não toma banho? – Há pelo menos quatro semanas, respondeu o policial. – Pois, chame as mais belas donzelas do reino, e elas banharão o sábio. Uma semana mais tarde, o sábio estava corado, já sorria, nem parecia mais aquele ser moribundo que convivera com os ratos. – Quem é o melhor guarda-roupas do reino?, perguntou o vizir, vendo que o sábio vestia trapos. – Naturalmente, é o guarda-roupas do Califa! – Então, traga-o imediatamente aqui. A partir de agora ele será o guarda-roupas do sábio. E o sábio passou a se vestir com as sedas mais macias e perfeitas. Alguns dias depois, o vizir perguntou – Onde o sábio está vivendo, onde ele tem dormido? – No chão, junto à esquadra da polícia, num banco perto das galinhas, respondeu o policial. – A partir de agora, o mais luxuoso quarto do Califa, na mais bela torre do reino, será o aposento do sábio. E o sábio foi levado para lá. Assim que entrou, o vizir o trancou, chamou novamente o chefe da polícia e perguntou – Quem é a pessoa mais estúpida, mais ignorante de todo o reino? – Sem dúvida é o filho do padeiro, ele é absolutamente boçal. – Traga-o aqui e o feche com o sábio, nos seus aposentos, ordenou o vizir. Duas horas depois, o sábio se batia contra a porta dos aposentos, implorando para que o tirassem de lá, pois assinaria imediatamente qualquer retractação, o que quisessem! Pois, meu caro Emanuel, nós suportamos tudo, menos a ignorância, a estupidez, a torpeza humana.

Essa antiga história Árabe diz muito da personalidade do Jorge Medauar, que via na barbárie dos crimes, de todas as espécies, nada mais que manifestações da ignorância, da falta de *civilização*.

Ele via a Humanidade como uma complexa turbulenta mistura de seres maravilhosos, geniais, que podiam ser encontrados um pouco por todo o lado, e de seres cruéis, impiedosos, que também estavam espalhados por toda a parte.

- Os seres humanos são, muitas vezes, como os ratos. Os ratos são seres que se submetem sexualmente a outros, por covardia ou por interesse. Os homens, muito mais frequentemente que tantas vezes supomos, fazem o mesmo. Em alguns casos, não se trata explicitamente de submissão sexual, no seu sentido mais literal. Mas, é igualmente submissão e covardia.

Ainda que fosse Árabe – era, antes de tudo, um Brasileiro.

E ser Brasileiro implica pertencer a todo o planeta, a todas as culturas, sem guetos, sem prisões, e – paradoxalmente – sem nacionalidades ou complexos dessa natureza.

Eu era muito jovem quando, certa vez, ele pediu que lhe desse uma camisa minha, usada.

Perguntei por que ele fazia um pedido tão estranho.

- Você precisa de protecção. Você está cercado de pessoas más. Este mundo é muito mais cruel do que pode imaginar. E você é um músico, arquitecto, fotógrafo, escritor... tem uma alma sensível. Estou indo para Salvador na próxima semana. Lá, sou muito amigo da Mãe Menininha do Gantois. Tenho conversado com ela sobre você, e ela me pediu para levar uma camisa sua. Ela vai *fechar* o seu corpo.

Dei-lhe a camisa e o Jorge partiu para Salvador, trazendo de volta boas notícias da Mãe Menininha.

O Jorge não era uma pessoa voltada para qualquer coisa em termos absolutos – na política, na religião, no misticismo, ou o que quer que seja.

Ele buscava em tudo o imprevisível, a imperfeição, o mistério, aquilo que anula toda a regra e revela o traço humano.

Nada podia dominar o ser humano, que deveria sempre ser livre para a descoberta.

Ele adorava a música de Claude Debussy – e especialmente *La Cathédrale Engloutie*, que integra os seus *Préludes* para piano.

Arthur Rubinstein estava entre os seus pianistas preferidos – mas havia, ainda, Horowitz ou Claudio Arrau e também Jacha Heifetz ou Yehud Mehnuin com os seus magníficos solos de violino.

Eric Satie, Gerswhin, Chopin, Lizst, Prokovief, Strawinsky, Gustav Mahler, Alban Berg.

Certa vez, ofereci-lhe um disco com o *Poème Electronique* de Edgar Varèse, cujas gravações tinham estado perdidas e tinham sido recentemente encontradas e recuperadas por Robert Craft, antigo assistente de Stravinsky.

Jorge ficou profundamente emocionado ao ouvir a gravação.

E havia também, sempre, a energia contagiante de Flaubert, Balzac, Baudelaire, que recitava de cor.

Para não falar de Fernando Pessoa.

Lisboa. Agosto 16. 1994

Caro Jorge,

Recebi a sua carta com o artigo do Estado de São Paulo.*

Realidade Virtual e Ciberespaço são dois conceitos relativamente novos. O último é, também, uma palavra nova.

Para ser rápido e muito sintético, sem perder precisão, a Realidade Virtual é a elaboração de uma simulação de realidade através do uso de computadores.

Isto é: você coloca uns óculos especiais – para cada olho um mini monitor de televisão – veste luvas especiais – com sensores que são activados com os seus movimentos – e, algumas vezes, também fones de ouvido para além de outros sensores.

Você olha e vê uma imagem em três dimensões que é uma réplica ou uma simulação da realidade visual.

Vira a cabeça e a imagem também vira, como se você estivesse lá dentro de verdade.

E está.

Num certo sentido.

Olha para cima, e pronto.

É capaz de ver um céu, nuvens, ou apenas o teto – da realidade virtual.

Ciberespaço é você estar lá dentro – mas numa rede de computadores – e poder se comunicar com pessoas que estão em países diferentes... ou, com o seu vizinho, se preferir. Ou vizinha, talvez.

Não dá para fazer amor lá dentro.

De facto, já existem pessoas cogitando uma tal possibilidade, mas eu sou contra.

Prefiro ao vivo.

Agora, imagine se esse universo que eu descrevi aí em cima pudesse estar ao alcance de qualquer pessoa.

Praticamente desapareceriam os incómodos trazidos pela idade.

Qualquer um pode voar com a Realidade Virtual.

É com isso que eu trabalho nos últimos dez anos, pelo menos.

Foi isso que tratou o meu último livro, Virtual Architecture – que, na época do lançamento – foi considerado por algumas pessoas, incluindo arquitectos!, serem apenas desenhos e não arquitectura.

Trabalho agora na conclusão – pelo menos de uma das fases – de um projecto de ciberespaço.

*Desenvolvi um planeta inteiro**, onde você pode caminhar, voar e encontrar amigos.*

Não há violência e não há fome.

Mas, não há espaço para gente que não seja inteligente.

É um espaço para poetas, artistas, cientistas, comunicadores... enfim, para seres humanos.

Uma das etapas é conectar esse planeta já desenvolvido a satélites de telecomunicação, captando imagens de televisão, vídeo conferência etc.

Se você pode ter um planeta dentro do nosso planeta, onde poderá encontrar os seus amigos, mesmo vivendo longe, assistir os seus filmes preferidos, fazer reuniões importantes, ver exposições de arte, ter e dar aulas, para que ter um aparelho de televisão?

É Passárgada!

Quanto à minha posição política, ela vem de polis.

Outro dia, o Hélio Jaguaribe me dizia que não se pode participar estando fora das coisas.

Temos nos encontrado de tempos em tempos por estes lados.

Disse com razão.

Quanto ao Lula, penso que é um sujeito bom, honesto e sério – só que a liberdade não acontece pela via da autoridade.

O conteúdo do que o Lula diz parece não ser coerente com a forma. Haverá violência no futuro da sua acção?

Participar é uma forma de promover compromisso.

E o meu compromisso, como você bem sabe, é sempre com a ética e com o respeito.

Saudades, e a minha perpétua admiração,

Emanuel

PS. Se puder, diga ao Ueze que nós sentimos saudades dele. Encontramo-nos pouco, mas o suficiente para o admirarmos.

** jornal O Estado de São Paulo.*

*** WOIKSED, o planeta virtual, recebeu o prémio europeu Lac Maggiore nesse mesmo ano. Este projecto antecedeu o Second Life em cerca de quinze anos.*

E conheceu meio mundo, numa vida cuja intensidade ultrapassou em muito os anos que velozes lhe corriam pelas veias.

E eu, sempre curioso, perguntava como tinham sido aqueles mágicos mestres que já pertenciam definitivamente ao passado.

- Manuel Bandeira?
- Uma pessoa maravilhosa, encantadora. Uma das pessoas mais doces e atenciosas que eu já conheci. Era extremamente generoso e simples. Quando ele morreu, desapareceu uma parte do mundo.
- E o Heitor Villa-Lobos?
- Bom, o Villa-Lobos era bem mais velho, de outra geração. Quando eu vivia no Rio de Janeiro, sempre jogávamos sinuca com ele. Às vezes também lá estava o Manuel Bandeira. O grande Villa-Lobos – que eu considero mais importante, como compositor, que o George Gershwin – fazia uma cena incrível. Fingia ser um homem sério, sisudo, quase rabugento connosco. Jogava muito mal. Errava sempre. Mas, quando errava, ao contrário do que esperávamos, fazia sinal com a cabeça como quem tinha acertado, andava vagarosamente até ao quadro negro e anotava os pontos a seu favor... e continuava a jogar, tranquilamente, como se nada tivesse acontecido. Nós éramos mais novos e como poderíamos dizer que ele tinha errado? Ficávamos quietos e o Villa-Lobos ganhava todas as partidas.

Conheceu e conviveu com Orson Welles no Rio de Janeiro. Foi nessa época que teve os primeiros contactos com Jean Manzon. Era um mundo onde ser jornalista significava ser intelectual, e tudo se combinava com as artes, com o cinema.

Guimarães Rosa, seu grande amigo do passado, escreveu que na obra do Jorge, tudo é «humano. Tudo arte, também. Jorge Medauar é mestre no unir os aspectos, as coisas. E, a língua, uma linha bem achada, padrão do melhor, gostosura».

E Carlos Drummond de Andrade, com quem tinha contacto quase diário em muitas épocas, defendia que o «Jorge Medauar tem a sensibilidade de artista, que vê o mundo com os olhos, não só perscrutadores, mas dotados de simpatia e compreensão».

Eu estava na casa do Jorge quando soubemos da morte de Juscelino Kubitcheck, que tão bem conhecera nos anos 1950. Um estranho acidente de automóvel em Agosto de 1976. Foi um choque. Assim que recebeu a notícia, Jorge viajou imediatamente para Brasília. Tudo era controlado pela ditadura.

Quando voltou, fez sérios comentários.

- Lá, pelos corredores, diz-se apenas, com sorrisos disfarçados, que a morte do Juscelino foi providencial. É preciso acrescentar mais alguma coisa, Emanuel?

Como praticamente todos, o Jorge tinha grandes desconfianças de que tinha sido assassinato. Ele pensava o mesmo em relação ao presidente Castelo Branco.

- Depois da morte do Castelo Branco, o Brasil foi tomado por um bando de criminosos e oportunistas. Mas, guarde segredo sobre isso, é mais seguro ficar de boca fechada.

A época era de franca repressão.

Brasília era povoada de rumores que raramente podiam ser estampados nos jornais.

Tinha uma manifesta admiração por Luiz Carlos Prestes, de quem fora amigo, apesar da grande diferença de idade.

- Sabe o que eu tenho a dizer sobre o Luiz Carlos Prestes? Você pode concordar ou não com as ideias de uma pessoa. Mas, há seres humanos especiais, iluminados. E ele era um deles. Uma pessoa cuja integridade era inabalável. Um homem que doou a sua vida a uma causa e, com ela, mudou a história de um povo, de um país. Uma pessoa a quem devemos sempre reverenciar, abaixarmo-nos humildemente. Era um homem extraordinário.

Lisboa, Maio 4. 1998

Querido Jorge,

No dia do seu aniversário, telefonei. Esperava o encontrar e, mesmo aqui, geograficamente distante, poder dizer da minha eterna admiração e do meu pesar por não estar aí, ao seu lado.

Você tinha ido para Campos do Jordão.

Por aqui, El Niño continua fazendo das suas. Semana passada nevava na Serra da Estrela. Um frio que não é de maio. Agora, hoje apenas, o céu voltou a brilhar em Lisboa e daqui, do alto do monte das Amoreiras, vê-se lá embaixo o rio, o céu e o mar.

Quanto ao meu problema da família, ele não acabou. Muito longe disso. Aliás, chego a pensar que somos nós é que romanticamente acreditamos que esse tipo de problemas pode acabar.

Mas, estamos espiritualmente distantes.

Distantes da arrogância, dos dissabores, das calúnias, das mentiras e de todas essas coisas que, incrivelmente, os seres humanos teimam inventar para complicar as suas próprias vidas. Mas, esta carta não é para reclamar.

É para dizer de nosso carinho por você, da nossa admiração, e que esperamos poder estar juntos muito brevemente, aqui ou aí, para abrimos um bom tinto ou um branco, acompanhados das suas sempre maravilhosas ideias, pensamentos, luz e tudo o mais.

Um saudoso e afectuoso abraço,

Emanuel

Lado a lado aos personagens e histórias, Jorge nunca escondia o seu apurado amor pelos vinhos.

- Um vinho deve ser bebido como água, porque ele é vida. Quem não sabe beber um vinho com a leveza, a simplicidade e a pureza de quem bebe um copo de água cristalina, simplesmente não é capaz de o apreciar verdadeiramente.

Foi com o Jorge e com o meu pai – outro profundo apreciador de vinhos – que eu aprendi alguma coisa sobre essa arte.

Tanto para um como para o outro, o vinho nada mais era do que um importante complemento alimentar, uma extensão da mesa.

Não uma extensão em termos puramente nutricionais, alimentares, mas uma extensão dos sabores, dos perfumes.

Essa simplicidade que designava o quotidiano, por vezes quase austera, implicava segredos para serem descobertos, todos os dias – como uma postura Zen.

Não eram, para ambos, segredos que pudessem ser codificados em qualquer manual técnico, em livros que estabelecem passos, com uma ou mais fórmulas.

Não se tratava de fórmulas, ritos de qualquer tipo. O vinho, para eles, era algo simples, profunda manifestação de uma cultura, de algo ainda não homogeneizado pelo universo industrial.

Vinho era vida – apenas isso.

E não existe receita para a vida, nem manual preciso, pois tudo é descoberta e iluminação, todo o tempo.

- Um vinho não pode existir sem o alimento – defendia ele – Você sabia que nas prisões dos países mediterrânicos, os presidiários bebem vinho às refeições?

Nunca consegui ver provado esse facto, embora em Portugal, durante muito tempo, aparentemente, esse hábito realmente existia, pelo menos até à metade do século XX.

- Há três coisas essenciais, muito importantes num vinho. A cor, o *bouquet* e o paladar. Mas, devemos brindar também, para ouvir o seu som. Vinho também é música. Veja que cor maravilhosa tem este vinho tinto. Primeiro, você tem de olhar para ele. Colocá-lo contra a luz. Admirar a sua beleza. Depois, meta o nariz dentro do copo, não tenha vergonha. Respire fundo, maravilhe-se com o perfume. Apenas então você estará preparado para o beber, para mergulhar nos seus mistérios.

Dizia isso, mas sem qualquer afectação. Não se tratava de um verdadeiro ritual, mas de algo que se devia fazer naturalmente, sempre, a todo o momento, como quando respiramos.

Tal como o meu pai, ele preferia o vinho tinto.

Certa vez, num final de semana, chamou-me à sua casa.

Fazia muito calor e era Sábado.

Quando cheguei, tinha preparado uma verdadeira recepção.

Estávamos a sós. Não era raro ficarmos a sós, cada um na sua casa, durante o verão, trabalhando. Todos iam viajar. E quando isso acontecia, uma vez ou outra, ele telefonava e eu o encontrava para conversarmos.

- Hoje, vou lhe ensinar a apreciar algo muito estranho: o vinho Grego resinado. Chama-se *retsina*, você já tinha ouvido falar? É muito raro aqui no Brasil. Tenho um amigo, importador, que me deu duas caixas desse vinho enigmático. É o vinho que Platão e Aristóteles bebiam! Imagine! Não é maravilhoso? Mas, há um segredo para o compreender. Os primeiros goles são muito estranhos e a nossa reacção imediata é de o considerar um vinho francamente ruim. Mas, gradualmente, vamos mudando, como se a nossa química se transformasse, e começamos, finalmente, a compreender esse estranho vinho. É um vinho que exige paciência e perseverança.

Experimentei, então, aquele misterioso vinho Grego.

E, de facto, foi o que aconteceu.

Foi também com ele que aprendi a apreciar o *arak*, que é conhecido como *ouzo* na Grécia e que, muito diluído, transforma-se numa refrescante bebida muito utilizada, especialmente no verão, no sul da França – o *pastis*.

Tudo nascido sob o signo do antigo mundo Árabe, feito de flores, amores e bebidas perfumadas com anis.

O vinho era, para ele, parte essencial da mesa.

E foi com o Jorge que aprendi, ainda, a origem etimológica da palavra *mesa*.

Em Árabe, duas palavras indicam aquilo que compreendemos como *mesa*. Uma delas é *masa*, ou *mesa* no Árabe popular.

A outra é *taule*.

Mesa significa o alimento sobre a *taule* – que é o objecto – e que passou para os países do Mediterrâneo indicando, muitas vezes tanto o objecto como o alimento, confundindo as duas coisas.

Taule se transformou em *table* no Inglês ou no Francês; *tavola* no Italiano e *tábua* no Português, por exemplo.

Essas transformações, ou incorporações, aconteceram durante a Idade Média quando, em geral, a *mesa* era uma simples prancha de madeira, uma *tábua* improvisada para servir de suporte para as refeições.

Mas, o sentido original da palavra Árabe *mesa* não estava reduzido ao alimento, no seu sentido estritamente material, físico. A palavra *mesa* indicava ainda o sentido de alimento também como a amizade, o convívio, as histórias, a sabedoria.

Esse sentido passou para o Português, para o Italiano e para o Espanhol, todos na palavra *mesa*, quando tomamos o objecto pelo alimento.

O prazer da mesa era, para ele, um ato sagrado, uma condição essencial, vital.

Quando sugeri, certa vez, que poderíamos adicionar salsa fresca picada ao azeite na preparação do *z'atar*, ele quase deu um salto da cadeira.

- Nunca! Isso que você sugere não é *z'atar*. Pode ser outra coisa, mas *z'atar* seguramente não é. O *z'atar* tem milhares de anos. Você vai querer inventar agora? Pode vir a ser outra coisa, mas tenha a certeza de que *z'atar* não será.

Tudo isso fazia com que ele fosse profundamente apaixonado por Portugal, onde os prazeres da mesa são carinhosamente cultivados por praticamente toda a população – e, o mais importante, de uma forma simples e natural, como um límpido e cristalino copo de água.

- Quando estou em Lisboa, lembro-me da cidade de Salvador... Mas, também do Rio de Janeiro de outros tempos. Não posso estar em Lisboa sem ir à *Brasileira*, do Chiado. O *Café Nicola*, à rua Garret, ao Bairro Alto. Fico vagando pela Baixa, encantando-me com o Elevador de Santa Justa, feito pelo Eiffel. Eu adoraria viver em Portugal. Como eu queria viver os meus últimos dias em Lisboa!

Lisboa. Junho 6. 2000

Querido Jorge,

Espero que todos estejam com saúde, e em paz.

Tentei o encontrar – quando da minha última ida a São Paulo.

O telefone tocou... mas ninguém atendeu. Isso aconteceu em dois ou três dias diferentes. Assim, concluí que você continuava em Ilhéus.

Por aqui, para além do trabalho – que me obriga a estar literalmente com a “cabeça nas nuvens”... isto é, sempre viajando de avião, para todos os lados... – os dias começam a desenhar o azul profundo, recortado, duro, sem nuvens, e o mar logo aqui à frente.

Durante alguns meses pensámos que tínhamos perdido o verão para sempre. Mas, ele chegou...

Finalmente!

Estou trabalhando um novo livro – uma viagem pelo corpo humano enquanto história artificial.

Vale dizer, estética. Uma história dos efeitos, que nada mais são que a base daquilo a que chamamos vulgarmente cultura – no seu sentido mais amplo. Como se nos tornássemos num só: o zeitgeist e a iconologia.

Vai se chamar, seguramente, Kosmos X.

Há concertos musicais, muitas novas peças.

Um grande projecto de arquitectura. Mais um. Mas, como sempre, tudo embebido em grandes dificuldades.

Por vezes parece que o mundo está amarrado.

Ter decidido, há tanto tempo, dedicar-me ao que escapa da média, atira-me inevitavelmente de volta a ela. Assim, como se a Natureza estendesse os seus longos e invisíveis dedos – a fazer inveja aos Adams Smiths da vida – é sempre o retorno ao mais médio das médias, quando buscamos algum suporte para a continuação do nosso trabalho.

Mas, não há outro jeito.

De resto, todos seguimos bem. Com saúde – a minha andou um pouco abalada pelos pólenes e alguns menos tolerantes vírus de avião. Alergias.

De toda a forma, penso, já estou bem.

Mas! Como você está? Ando cheio de saudades, imaginando os nossos sempre maravilhosos encontros. Outro dia, este Sábado, foi meu aniversário. Para a minha surpresa, depois de tanto tempo sumida, Micá apareceu. Foi ótimo.

Ficamos contando para todos as incríveis histórias vividas na sua casa... a inesquecível muqueca da Dona Odete. Ficaram todos com água na boca e no espírito... por muito pouco não tratamos de o buscar, junto com Dona Odete, aí em São Paulo. Como já era final da tarde, achamos que era um pouco distante a mais.

Ainda não sei quando voltarei a São Paulo.

Os problemas com a família são indescritivelmente mais e mais penosos, na medida em que eles são mais e mais perversos.

Essa é a questão central – de que nós dois não nos apercebemos a tempo, apesar de tantos anos no meio daquele campo minado: a perversão.

O verter para fora, o desaguar, o transbordar, quando já não há limites. Pois perversão é exactamente isso, exceder a tudo, inclusive a si próprio, e pode acontecer com qualquer coisa.

Pois com eles, parece acontecer com tudo, em todas as instâncias.

Perversão.

Mas, não se preocupe. Nós estamos bem.

O que você está escrevendo agora? Você poderia me mandar um dos seus textos mais recentes?

Ficarei aguardando a sua resposta, ansiosamente.

*Beijos a todos em casa, e um afectuoso abraço
com todo o carinho e a admiração*

Emanuel

Certa vez, ainda nos anos 1960, quando passava por Lisboa, algo num almoço lhe fez mal.

Sentiu as cólicas de um grave envenenamento alimentar, estava fraco e muito perturbado.

No dia seguinte, profundamente abalado pelas cólicas, caminhou miseravelmente sozinho pelas ruas da Baixa lisboeta e penetrou pálido num pequeno restaurante.

Envergonhado, explicou para a proprietária do estabelecimento – que era quem servia a mesa – a séria intoxicação que lhe tinha vitimado.

Sem muitas graças, a senhora, com ar grave e autoritário, disse-lhe para não ficar preocupado – ia preparar algo especial, que lhe faria bem.

Voltou alguns minutos mais tarde com um belo peixe e batatas cozidos, abundantemente regados com um exuberante azeite.

Tudo acompanhado de um excelente vinho branco.

Temeu comer aquele prato cheio de perfume, que lhe pareceu bom demais para ser verdade.

Diante do seu olhar tremido, a senhora firmemente lhe garantiu ser um “santo remédio”.

Foi então que ele aprendeu que certos tipos de vinho branco são especialmente indicados para quadros de intoxicação alimentar e que o azeite é usado até mesmo naquelas situações.

Gostava de contar essa história, que lhe enchia a alma, como se fosse um verdadeiro retrato da Lisboa que amava.

Durante anos, as mais importantes personalidades políticas do Brasil tinham partilhado dos requintes da sua mesa.

Tinha sido amigo do Tancredo Neves – e a sua morte prematura o deixou bastante consternado.

Jânio Quadros, já muito distante dos tempos da Presidência, passava de vez em quando pela sua casa.

- Cada vez que ele chegava aqui em casa, já tinha bebido muito. O Jânio bebia muito vinho. Às vezes bebia em demasia. Não gostava de whisky ou de outras bebidas. Apenas vinho tinto.

Perguntei, certa vez, se o antigo presidente do Brasil lhe tinha confidenciado os verdadeiros motivos da sua renúncia. Se, ao menos, o Jorge lhe tinha perguntado sobre a polémica e sempre misteriosa questão.

- Sim, uma vez perguntei ao Jânio, com muita delicadeza – porque eu nunca tive intimidade para o abordar com a frontalidade que essa questão exigiria. O Jânio gostava que todos o chamassem, sempre, de “Presidente”. Quando fiz a pergunta, ele fez silêncio, olhou-me sério como a morte e repetiu o que já tinha dito um sem número de vezes: «Forças ocultas... forças ocultas...». E se calou. Sinal para mudar de assunto. Ora, o que ele queria dizer é que terá sido obrigado a renunciar sob graves ameaças, pressionado por poderes económicos... aliás, como sempre tem acontecido na História, não é mesmo? Pensando bem, nunca compreendi por que as pessoas insistiam em repetir a pergunta. Basta olhar para os lados.

São Paulo, Abril 21. 2001

Meu Emanuel,

Você é daquelas pessoas que nunca se ausentam da nossa vida, você sempre esteve ao meu lado, e sinto que eu também tenho acompanhado cada passo do seu sucesso. Você é um homem privilegiado, pela inteligência e pela luz.

Nunca duvidei do esplendor do seu sucesso, senti do outro lado do mundo o calor do seu abraço.

Vamos nos ver em breve, para tomarmos juntos um bom vinho Português.

Tenho saudades de você, da Luciana e da Laura, como se fossemos uma só família.

Acaso não somos?

Abraço,

Jorge Medauar

A sua mente girava sempre em torno das questões do Direito, da ética, das relações humanas.

- Certa vez, muitos anos atrás, tive um sério problema com um funcionário da minha agência de publicidade. O sujeito roubou, enganou, criou as maiores complicações e fugiu. Depois, graças aos seus actos espúrios, acabei sendo chamado pelas autoridades. Eu estava involuntariamente envolvido numa grande complicação, porque não tinha uma única testemunha. Mas tudo era claro e eu tinha todos os documentos que o provavam. Ainda assim, era necessária uma testemunha. Era um grave problema. Desabafei com um velho amigo, contando-lhe o que tinha acontecido. Para a minha surpresa, esse amigo disse que seria a minha testemunha. Como ele poderia ser? Não tinha estado lá, conhecia a história porque eu lhe contara! “Mas, como você poderia ser minha testemunha? Você não estava lá, não presenciou qualquer coisa do que eu lhe contei!”, perguntei a ele. Com grande firmeza, ele me disse que tinha visto tudo, tinha presenciado cada um daqueles factos, porque os tinha visto com os meus olhos. “Eu vi com os seus olhos, Jorge”. Veja, Emanuel, o que é a nobreza do ser humano. Ele acreditava em mim. Sabia que eu dizia a verdade. Por isso, podia ser a minha testemunha. Tinha visto com os meus olhos. Não é uma história maravilhosa? Não é isso o que deveríamos chamar de “civilização”?

Soube que aquele controverso testemunho nunca chegou a acontecer.

Por um lado, o Jorge não permitiria que o amigo fizesse aquilo, mesmo sabendo que o faria pela verdade, e, por outro, tudo acabou por ser esclarecido – o antigo funcionário, larápio, apareceu e confessou.

Mas, a franca disponibilidade do amigo nunca seria esquecida.

- O que há de mais importante na vida é a confiança. Os ingleses chamam a isso *trust*. É como o nosso relacionamento com os cães. Um cão deita sobre o seu colo, entregando-lhe a própria vida. Ele não sabe o que você fará. Ele confia. Quando isso acontece entre seres humanos, temos sempre a emergência das obras mais interessantes e mais duradouras. A confiança é o fundamento das grandes obras humanas.

Algumas vezes, quando alguém elogiava o meu trabalho, eu lhe contava o que tinha acontecido.

O Jorge me olhava profunda e inquisitorialmente – não importava se já tivesse dito o mesmo em outra ocasião.

- A pessoa escreveu? Colocou no papel? Se não escreveu, deveria ter escrito. Muitas pessoas elogiam verbalmente. E depois? Qual é o valor? O importante para quem faz algum trabalho é que o elogio fique escrito, é isso que – muitas vezes – poderá dar impulso para novas coisas, novos trabalhos. Um elogio que fique apenas na palavra falada não tem praticamente qualquer valor. As pessoas, geralmente, têm medo. Medo de se comprometer. Mas, um elogio sem comprometimento, sem coragem, não tem valor. Esse comprometimento, essa coragem, também é confiança... *trust* como dizem os ingleses.

Lisboa. Abril 23, 2001

Meu querido Jorge,

Como é ótimo receber as suas palavras, a sua voz aqui!

Muito obrigado.

Nem sei o que dizer.

Mais pareço estar como Arjuna, no meio do deserto, observando um planeta que luta.

A história do mundo.

O tempo que, como o vento, passa tacteando os nossos corpos, sem que o possamos tocar.

Essa família, povoando os seus poemas, não sou o eu que observo, nem você que é a minha consciência – aquilo a que os indianos chamam de Krishna.

A consciência não é saber do sucesso, dessas voláteis coisas que mágica e imediatamente se transformam em passado, mas do sentido efêmero de tudo, de nós próprios.

Um sentido paradoxal, pois é o efêmero que nos parece dar substância, uma espécie de ordem.

Plutarco dizia ser o esquecimento o sentido da separação de tudo, da noite e da manhã, dos anos, como se fossem mundos diferentes.

Quanto ao sucesso... causa-me um certo desconforto, arrepio estranho, vácuo...

Bem verdade que as pessoas falam. Mas, também se esquecem. E cada pedaço da vida parece estar composto de mundos diferentes.

Apenas, num final sem tempo, num momento distanciado, é que a impermanência de tudo nos sussurra acerca de uma não separação, de uma unidade.

Não será isso Deus? – para resgatar a sua própria questão acerca da família...

Em Sânscrito, essa estranha ligação pelo vazio, é o sentido daquilo a que chamamos “divindade”.

Reveladoramente, a palavra Sânscrita é vac – que significa simultaneamente “divindade”, aquela misteriosa ligação, e “comunicação”, “linguagem”.

Daí nasceu a nossa palavra “voz”.

Espero logo estarmos juntos.

Saudades, seu

Emanuel

As questões do Direito eram, para ele, mais questões de reflexão filosófica que a cega obediência a normas, rotinas ou regras estabelecidas por uma autoridade.

- Telefonou-me ontem um amigo. Não é rico. Sujeito de classe média. Estava com o filho no carro. Menor de idade. Era o filho quem dirigia. Houve um acidente. Nada de grave. Ele mesmo chamou a polícia, para dar uma lição de honestidade ao filho. Quando os policiais chegaram, ele quis ser a pessoa mais honesta do mundo... e declarou que era o filho quem dirigia. Mas, naturalmente, o menino não tinha carteira de motorista. Como ele estava ao lado e era dono do carro, era imediatamente responsável pelo ato ilegal do filho, confesso e em flagrante. Agora poderá ir parar na prisão, pois colocou, segundo a Lei, a vida de outros em perigo. Ora, ele foi um covarde. Deveria ter dito que era ele quem dirigia. Afinal, não é ele o pai? Eram pelas suas mãos e pela sua desatenção que o filho provocou o acidente. Ele quis fugir à responsabilidade, trilhar o caminho mais fácil, passando o peso para o filho. Agora, ele está para ir preso e o filho ficou marcado para sempre por uma colisão pequena, coisa sem importância. Para complicar, não tem dinheiro para pagar um bom advogado. Aí, telefonou-me, para que eu pedisse a ajuda de algum dos meus amigos. É natural que vou fazer o que puder. Mas, que estupidez!

Tudo girava em torno das histórias e elas tocavam sempre o lado prático da vida.

Nas suas palavras, o mundo inteiro se costurava como se fosse um maravilhoso e poético romance.

Histórias e mais histórias.

São Paulo. Junho 27, 2001

Emanuel,

A vida nem sempre é um castigo, como nem sempre é um prêmio. Vou vivendo como Deus quer e consente – até ao epílogo dessa comédia que caminha sempre junto aos dramas. Como dizia muito bem o filósofo da boemia musical – Noel Rosa – se um dia passo bem, dois ou três passo mal. Isto é muito natural.

Sua ausência é um grande castigo.

A saudade é a presença dos ausentes – dizem os que sabem. Eu completo: dos ausentes queridos.

Você é um deles.

Seu saber, sua bondade, seu convívio fazem falta, ainda mais quando vive numa ilha cercada de água suja por todos os lados.

Saudades,

Medauar

Eu ficava ali, encantado, como sempre, ouvindo.

Estávamos quase sempre na sala de estar, logo à entrada.

Dona Odete ia e vinha. Trazia sempre delícias e mais delícias. Preocupava-se a cada minuto com ele – se estava confortável, se estava se sentindo bem, se precisava de alguma coisa.

E para ele, ela era a sua musa.

Em nada importava se os seus mundos fossem ou não diferentes.

- Quando casamos, realizamos uma espécie de união espiritual. Um deve sempre olhar pelo outro. Mas, nada que seja forçado. Tudo muito natural. Às vezes, posso até discordar da Odete, mas só eu o posso fazer. E isso é parte da nossa vida, do nosso compromisso, da nossa união. Há pessoas que nunca compreendem o que é essa união espiritual.

Nova York. Abril 15, 2002

Querido Jorge,

Como não estar triste por não estar aí, ao seu lado, e poder celebrar?

Suporta-me a alma, pelo menos, a esperança de uma espécie de telepresença espiritual – aquela que me o faz sentir aqui, agora, ao meu lado. Talvez, essa sensação possa, de alguma forma, projectar-me ao seu lado e, pelas vias da imaginação, estarmos juntos hoje.

Afinal, também quando estamos fisicamente juntos, é a nossa imaginação que voa, que nos faz mergulhar no passado e no futuro.

Não será essa fabulosa dimensão da imaginação o futuro de todos nós? Um futuro semeado por alguns e esquecido por outros, mais que lúmpens da matéria, badauds e flanneurs.

Neste dia, querido Jorge, respirarei, como tanto tenho feito, cada uma das suas sempre sábias palavras, que estruturaram e estruturam o meu ser, e estarei aí, ao seu lado, para lhe dar um muito afectuoso abraço.

Feliz aniversário!

do seu

Emanuel

Na pequena sala, o Jorge gostava de se sentar onde podia ver e controlar a porta de entrada, que possuía uma grade de ferro.

Abria-se o vidro e a porta se transformava numa grade.

Atrás da grade, com o passar dos anos, um alto portão de ferro substituiu o antigo, que era baixo e *amigo*.

Antes, tudo naquela rua era baixo e quase inexistente. Praticamente não haviam muros ou portões altos.

Mas, o mundo se metamorfoseou e aquilo que era uma rua ladeada de pequenas casas se tornou num bairro rico e ficou definitivamente transformada numa espécie de corredor de muros, câmaras de vigilância, portões altos, guaritas de seguranças, e nenhuma pessoa caminhando pelas calçadas.

Se tornou numa espécie de deserto, lugar perigoso onde estacionar o carro passou a equivaler a um exercício de velocidade, para diminuir as chances de ser morto num assalto.

O que antes era pacífico, tornou-se num pedaço da guerra que impregnou toda a imensa cidade.

Não haviam mais espaços de excepção.

Nos jornais e na televisão, a metamorfose era flagrante – notícias de assassinatos brutais, grupos de extermínio, chacinas e sequestros se tornaram comuns.

Apenas em 2003, haviam mais de quinze pessoas assassinadas por dia na cidade de São Paulo – contando apenas com os assassinatos contabilizados pelas autoridades.

Sentado naquela cadeira mais alta, disposta em linha recta na direcção da porta, ele podia acompanhar permanentemente o movimento da rua, que tinha sido, anos atrás, muito calma.

O que antigamente eram majestosas árvores sibipirunas e tipuanas, agora mais parecia um silencioso corredor murado.

A violência em São Paulo nunca parou de aumentar, gradual e velozmente – já não eram mais os tempos pacíficos quando aquela porta podia ficar permanentemente aberta e a chave deixada do lado de fora.

Sem esconder o medo, os seus pequenos olhos ficavam em varredura permanente, controlando o movimento da rua, conforme conversávamos.

De cinco em cinco minutos, levantava para verificar algo que tinha produzido um ruído inesperado, ou mesmo já apenas como vício, atendendo os seus fantasmas.

Voltava e ficava quieto, olhos pregados na porta, como se estivesse à espera de um ataque inevitável.

Fazia um breve sinal com a pequena mão curva, para fazer silêncio, precisava prestar atenção no que acontecia lá fora, se havia algum criminoso à espera, ruminando os seus mais profundos temores.

Desconfiado, levantava novamente e voltava a sentar.

São Paulo. Abril 17, 2002

Caro Emanuel,

E quem disse que não estamos juntos?

Essa lembrança – sem trocadilho – não é uma presença?

Saudades,

Medauar

No passado, mesmo dentro daquela pequena casa, que por vezes parecia pertencer a um sólido conjunto de tantas outras pequenas casas, todas feitas com tijolos, janelas e portas convencionais, sem jardins, respirava-se sempre a Natureza.

Podia-se sentir a humidade no ar, o calor, a música da chuvarada lá fora – isso é Brasil!

- Muitas vezes, ao longo das suas curtas vidas, o ser humano não percebe o que é a Natureza e como nós participamos dela. É incrível constatar como o ser humano tem visão curta, tantas vezes. Vou lhe contar uma história. Lá em Água Preta o meu quarto ficava no primeiro andar da casa dos meus pais. Muito tempo atrás, quando eu era um rapaz, no quintal para onde o meu quarto estava voltado, plantaram um abacateiro. Todas as manhãs, assim que eu acordava, conversava com ele. Brincava, perguntando quando eu poderia, afinal, saborear os seus frutos. O abacateiro foi crescendo, crescendo, até que chegou à minha janela. De tempos em tempos, aquela árvore me oferecia um abacate, que ficava sempre ao alcance da minha mão. Mas, a vida mudou e eu fui morar no Rio de Janeiro. Durante muitos anos eu passei a ficar pouco tempo em Água Preta. Passava por lá apenas por três ou quatro dias e logo voltava para o Rio. Muito mais tarde, talvez uns vinte anos, resolvi passar umas longas férias naquela casa. Nos primeiros dias, soube que o abacateiro nunca mais tinha produzido qualquer fruto, desde a minha partida. Todas as manhãs, assim que eu acordava, voltei a abrir a janela do quarto e conversar com a árvore. Era como se eu conversasse com um velho amigo. Algumas semanas mais tarde, o abacateiro voltou a oferecer os seus frutos, que ficavam, uma vez mais, ao alcance das minhas mãos. Não é maravilhoso, Emanuel?

Ele tinha essa sensibilidade.

A Natureza sempre foi algo muito especial para ele – mas não era algo que estivesse destacado do ser humano. Era parte da humanidade. As ideias de James Lovelock e Lynn Margulis sobre a Hipótese de Gaia não apenas lhe eram muito simpáticas – poderiam ser consideradas expressão de como via o mundo e a vida.

Um dos momentos mais importantes da sua vida – confessou – foi quando resolveu fazer uma viagem a sós com o filho, Jorginho, pelas praias da Bahia.

- Emanuel, você não pode imaginar a alegria, a maravilha que foi. Lavei a alma. Fomos parando pelas praias. Eu, o pai. Ele, o filho. Foi a primeira vez que fizemos isso. Num certo dia, percebemos que estávamos numa praia completamente deserta, como se estivéssemos vivendo uma cena idílica, daquelas que estão nas fábulas. Conversamos sobre tudo. Ficamos nus e caminhamos juntos. Nunca vou esquecer esses momentos. Eu conheci, finalmente, o meu filho.

Mas, essa refinada sensibilidade foi duramente tocada pela brutalidade da violência urbana que se manifestava cada vez em maior grau, como uma surda e incontrolável guerra civil.

Jorge era incapaz de compreender como isso podia acontecer – como um ser humano podia se tornar num animal, brutal e violento.

- As coisas que vemos hoje... Tenho medo de sair à rua. Fico cada vez mais preso em casa. O mundo está mais e mais embrutecido. No fim de semana passado, recebi um telefonema de um velho amigo, jornalista. Ele vive perto do Rio de Janeiro. Tinha feito planos de ir, nas férias, para uma praia distante com a família. Ele tem uma filha e um filho. Mas, de repente, à última hora, foi obrigado a alterar os seus planos, pois surgiu um trabalho extraordinário no jornal. A família seguiria à frente. Ele iria depois. Assim combinaram. No último momento, quando a mulher e os filhos estavam prontos para sair, o filho – atleta e muito forte – resolveu ficar com o pai. A casa era um pequeno sobrado. A mulher e a filha saíram, foram para a praia. O filho subiu para o quarto e ele foi para a sala. Como se fosse um susto, foi surpreendido por um ladrão dentro de casa. Era um rapaz pequeno, subnutrido, mas ostentava uma arma enorme, que ficava ainda maior na sua mão. O bandido lhe disse que sabia de tudo, que os filhos e a mulher tinham ido para uma praia e que ele estava sozinho. O criminoso, que tinha sido informado por empregados da casa, apenas não sabia que no último momento o filho tinha, afinal, decidido ficar com o pai. No andar de cima, ouvindo aquela conversa, o rapaz desceu cuidadosamente e se aproximou, nas pontas dos pés, agarrando o bandido e o desarmando. Amarraram-no. Prenderam-no a uma cadeira. Cheio de ironia, o ladrão pediu por favor para que chamassem a polícia, pois como nada tinha roubado, seria solto no dia seguinte, na pior das hipóteses. Então, voltaria e assassinaria todos, um por um, violando mulher e filha, quebrando todos os seus ossos e o condenando a uma cadeira de rodas. Esse meu amigo, jornalista, que é uma pessoa excelente, telefonou para um importante delegado de polícia, seu

amigo – que confirmou todas as ameaças que lhe tinham sido feitas. Não havia saída. A única solução, segundo a orientação do próprio delegado, era matar o bandido, ali mesmo, com a sua própria arma. Foi o que fizeram. Pai e filho tiveram de matar um pessoa! Erraram o primeiro tiro. Erraram o segundo. O criminoso se debatia. O sangue se espalhou pela casa. Sujaram-se. Sujaram as suas almas. Depois, tiveram de levar o corpo para um terreno distante. Secretamente, a polícia cercou o lugar, para os proteger. Dois dias depois, policiais buscaram o corpo e encerraram o caso, colocando no boletim de ocorrência a informação de que tinha se tratado de “briga entre bandidos”. Agora, esse meu amigo não consegue mais dormir. Acabou a sua vida.

O Jorge ficou profundamente impressionado e assustado com aquela história.

A violência urbana era algo que contrariava dramaticamente tudo o que sempre acreditara, todos os seus sonhos.

Seria um drama eterno, pesadelo cada vez mais presente, cada vez mais próximo, que o acompanharia até ao final da vida.

São Paulo, Abril 27 2002

Emanuel,

Recebi seu abraço através da Maria Matilde.

Retribuo e homenageio o poeta embutido em você – no que você diz e até no que você pensa, mesmo sem se declarar expressamente no papel.

Quando você virá?

Quando nos abraçaremos de verdade?

Seu velho Medauar

Os anos passaram rapidamente.

No início da década de 1980, o Jorge e eu deixámos de trabalhar juntos.

Eu concluía a faculdade de arquitectura e urbanismo, os meus estudos em música com Hans Joachim Koellreutter, pós graduações em Semiótica com Décio Pignatari, estudos com a Roti Nielba Turin, com o Eduardo Kneese de Mello, com o Eduardo Corona e muitos outros.

O primeiro emprego do Décio Pignatari foi exactamente com o Jorge Medauar. O Jorge foi o seu primeiro “chefe”.

Jorge conhecera o Koellreutter ainda nos velhos tempos do Rio de Janeiro.

Tempos preenchidos por figuras como a de Carlos Lacerda, Juscelino Kubitchek e muitos outros.

Fora amigo de Eduardo Kneese de Mello – meu querido mestre e inesquecível amigo. Kneese tinha grande admiração pelo Jorge e sempre que podia mandavam recados de um lado para o outro.

Rino Levi – que tinha sido amigo de infância do meu pai, apesar da diferença de idade – também fora amigo do Jorge.

E haviam ainda a Maria Bonomi, que morava perto de casa, e o genial Fred Jordan que tanto o admirava.

Teias de maravilhosas relações, conhecimentos entrelaçados numa rede onde a escala humana desenhava todas as referências.

Um mundo onde as pessoas se conheciam, onde a identidade não dependia obrigatoriamente de um número estampado num documento de controlo policial.

Quando a invasão dos sistemas burocráticos começou a controlar tudo, as pessoas falavam, com algum espanto, que todos se transformavam, gradualmente, em números – deixando de ser seres humanos.

Não foi uma transformação inconsciente, que passasse despercebida. Mas, não aconteceram protestos, nem reacções – as pessoas já estavam sendo amortecidas pelo início do ideal do consumo contínuo, adocicado pelo calor tropical.

O fim da identidade e a transformação de cada um num conjunto de dígitos, abstracto, sem história, a onda de violência explodiu.

Tornei-me, naqueles finais dos anos 1970 e início dos 1980, articulista colaborador de jornais e revistas como a *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo*, a antiga revista *Som Três*, para o Maurício Kubrusly que se tornou um querido amigo, e a revista de arquitectura *Projeto*, ou o jornal *O Expresso* em Portugal entre outros.

Na rádio USP FM da Universidade de São Paulo criei e dirigi, com Décio Pignatari e Fernando Zarif, ao longo de cinco anos, um programa semanal dedicado à música contemporânea – chamava-se *Coda*, fez um grande sucesso e, ainda estudante na Escola de Comunicação e Artes, um dos meus primeiros locutores era o William Bonner, que mais tarde faria sucesso na Rede Globo.

Lá por 1980 comecei os meus concertos musicais, que foram gradualmente se espalhando por todo o mundo.

Publiquei mais e mais.

Dei aulas.

Em 1985, recebi o prémio da Associação Paulista de Críticos de Arte e um convite de John Cage, para trabalhar com ele e com Merce Cunningham em Nova York... e eu seguia de volta para a Europa, onde estivera tantas vezes quando menino.

Gradualmente, a vida fez com que o tempo junto ao Jorge fosse diminuindo.

Mas, continuei telefonando – por vezes as nossas conversas telefónicas se alongavam para além do desejado e ficavam caras, mas isso acabava por ser o menos relevante para nós.

Sempre o visitava quando passava pelo Brasil.

E, durante todos aqueles anos, mantivemos uma correspondência activa.

Depois de 1994, o nosso contacto passou a ser mais telefónico e voltou a ser também mais pessoal – enfim, na medida em que eu visitava o Brasil.

Praticamente todas as vezes que ia a São Paulo, eu levava uma garrafa de vinho, algo especial, algo que ele – ainda que tal fosse muito improvável – ainda não conhecesse.

Ele esperava sempre por aguardentes especiais, de cor castanho profundo, que não são fáceis de se encontrar.

Nessas visitas ao Brasil, em várias ocasiões, saíamos para almoçar e os encontros se prolongavam gostosamente pela tarde, como se ambos não quiséssemos que aquilo tivesse fim. Muitas vezes, já não haviam pessoas no restaurante, e continuávamos até ao final da tarde, como se estivéssemos nos velhos tempos da sua casa.

O tempo passou. Maria Matilde e Jorginho, tal como eu, transformaram-se, e sempre mantivemos uma profunda relação de amizade, de estima espiritual não importasse para onde íamos, quais os caminhos das nossas vidas.

E a Dona Odete permaneceu como sempre foi – aquela luz de energia que abraça a todos. E eu sempre senti o seu afectuoso abraço, onde quer que estivesse.

Eles são a minha família.

São Paulo, Abril 28 2002

Meu caro e querido Emanuel,

Eu ficaria muito feliz se no seu périplo incluísse uma passagem, por mais rápida que fosse, para um abraço “ao vivo”, como se diz hoje na linguagem electrónica. Nem que fosse por um rápido momento. Tempo suficiente para o calor de nossa grande amizade. Fique com as minhas profundas saudades.

Seu velho admirador,

O velho Medauar

Fui percebendo, durante as minhas visitas e através dos nossos telefonemas, que o Jorge estava mais e mais preocupado, desencantado com o mundo da política, e cada vez mais chocado com a violência urbana.

Ficou claro que ele sabia demais. Sabia demasiadamente sobre a vida, sobre tantas pessoas, tinha mergulhado a alma nos sonhos de Passárgada, estava demasiadamente envolvido com memórias, sabores e prazeres – e esse envolvimento o fazia rejeitar um mundo novo, superficial, sem amarras, que não reconhecia os seus horizontes.

Passou a recusar escrever.

- Escrever para que? Saímos às ruas e podemos ser trucidados por animais, como um gladiador romano. Para quem? Quem, hoje em dia, lê poesia? Quem se encanta com sonhos? Olho para os olhos das pessoas e não encontro almas. Tudo é súbito consumo. Tudo é fútil e descartável. O meu mundo não é descartável. Mas, não é este mundo.

No seu novo mergulho, à violência animal que se revelava como o inferno de Dante, a política – que no passado ainda estava disfarçada com pretensos ideais sociais, desnudava-se totalmente. Agora, o importante era fazer dinheiro, ficar famoso, a todo o custo, numa realidade do vale tudo.

- Todos esses políticos nada mais são que uns ladrões. A corrupção envenena o país. Estamos num mundo da mais profunda degeneração. Não existem mais verdadeiros amigos. As pessoas só visam o poder. Uns enganam os outros e, mesmo os enganados, não têm vergonha. Voltam a estar uns com os outros, como se nada tivesse acontecido. Não há honra, respeito ou dignidade. Políticos que aumentam os seus próprios salários enquanto que o país está cada vez mais pobre. Tribunais corruptos. Como podemos ter democracia nesse estado? Há cada vez menos sensibilidade. Tudo está mais e mais embrutecido...

Entre as suas eternas amarguras, especialmente nos últimos anos da sua vida, emergia em primeiro plano a terrível sensação de que o mundo estava rapidamente empobrecendo em termos culturais.

- Todos estão cada vez mais ignorantes. Ninguém mais tem referências. É impossível conversar com as pessoas. Sinto-me dramaticamente só. Não tenho mais pessoas com quem conversar. Tudo está virando entretenimento, banalidade. Nesse mundo de ignorantes, de gente sem sensibilidade, sem arte, eu estou me sentindo cada vez mais abandonado, abandonado pela vida.

Lembrei-me quando, no meu aniversário, já em 1993, ele me ofereceu um livro com poemas de Paladas de Alexandria, autor que viveu no século IV. Mesmo antes de me dar o livro, ao lado da pequena mesa redonda na sala de jantar da sua casa, ele não se conteve em folhear a edição e ler um notável epigrama.

- «Acaso estamos mortos e só aparentamos estar vivos, nós Gregos caídos em desgraça, que imaginamos a vida semelhante a um sonho, ou estamos vivos e foi a vida que morreu?». Não é uma maravilha isso, Emanuel?

Ele andava com o pequeno livro de um lado para o outro.

No livro, como em tantos outros – como nos da Alexandra David-Neel que ele me dera quase vinte anos antes – uma mesma mensagem na dedicatória: «Nunca se esqueça do seu velho Medauar».

Outro livro de Alexandra David-Nell – considerada por muitos a primeira antropóloga, que o Jorge admirava profundamente – ele tinha me oferecido, também no meu aniversário, em 1975, e na folha de rosto ele escrevia: «Emanuel, você recebeu o melhor presente da vida: a sua juventude. No seu aniversário, aqui deixo apenas um abraço fraterno, quase paternal, do seu amigo mais velho, Medauar».

Naquele dia de 1975 eu tinha completado dezoito anos.

Lisboa. Julho 18. 2002

Caro Jorge,

Como vocês vão?

Espero que esteja tudo bem por aí. Por aqui, é sempre o mesmo – correndo de um lado para o outro.

Preciso de uma orientação sua. Um querido e velho amigo, chamado João Barba – sujeito importante na televisão Portuguesa – seguirá, na próxima semana, para a Bahia. Ficará em Arraial da Ajuda, mas visitará, certamente, Ilhéus. Há alguém interessante que ele pudesse conhecer por aquelas paragens?

Ficarei aguardando as suas notícias.

Um forte abraço, com carinho

Emanuel

Em Fevereiro de 2002, cruel ironia do destino, sequestradores alugaram uma casa muito próxima da sua, onde mantiveram em cativeiro o publicitário Washington Olivetto.

Exactamente naquele bairro que tinha sido tão calmo e acolhedor no passado.

Um passado que nunca poderia parecer distante.

E aconteceu exactamente a poucas dezenas de metros da casa do Jorge Medauar, que tanto lutou pela cultura e pela paz, durante toda a vida.

Quando soube da notícia, aquilo lhe soou amargo sinal da vida, cortante indicação de que o mundo já não era o seu.

Logo depois, na mesma rua, aconteceu um terrível crime, quase assassinato – como aquele que tinha chocado o mítico sábio Árabe, a ponto de colocar a própria vida em risco. Mas, por mais que o Jorge se debatesse contra a porta dos aposentos do califa, implorando para que de lá levassem o ser estúpido que invadia tudo, não havia resposta do outro lado. A ignorância e a superficialidade estavam presentes um pouco por todo o lado. E eu me lembrava das suas palavras – «Pois, meu caro Emanuel, nós suportamos tudo, menos a ignorância, a estupidez, a torpeza humana».

Os netos foram nascendo.

Eles lhe pareciam ser a grande compensação de tudo, de todos os reveses, de todos os infortúnios, vida magicamente renascida.

- Eles são o meu renascimento, Emanuel – confessava, com um misterioso olhar, questionando sempre o próprio sentido da vida e, mais que tudo, do próprio tempo.

São Paulo. Julho 22. 2002

Caro Emanuel,

Procure, naturalmente em meu nome, o Secretário de Cultura, escritor – bom escritor – Hélio Pólvora. Poderá ser encontrado na Fundação Jorge Amado. Não sei de melhor recomendação.

Mas, não deixe de insistir em meu nome. ECCO!

Abraços, saudades,

Medauar

Durante os anos que fluíram num ritmo e velocidade alucinantes, o Jorge passou duas ou três vezes por Lisboa.

Ficava sempre hospedado na casa da Micá.

Amava Lisboa.

Foram momentos em que eu passava por algumas dificuldades e acabei por não poder dar a atenção que ele merecia.

Mas, ele compreendia perfeitamente todas essas coisas da vida.

Ainda assim, saíamos muitas vezes para almoçar, jantar ou visitar lugares especiais.

A exceção aconteceu em 1988, quando Jorge ficou connosco, quando vivíamos em Cascais – uma pequena cidade medieval a dez minutos do centro de Lisboa.

Foram momentos maravilhosos.

Tudo para ele era puro encantamento.

Mesmo quando estávamos na mais simples tasca – como são conhecidos os mais rudimentares restaurantes em Portugal – Jorge não deixava de vibrar.

- Aqui, comemos e bebemos como reis, como milionários internacionais, mais que isso, universais, pois não importa mais o dinheiro, somos livres, podemos respirar o ar e iluminar a nossa face. Aqui sou amigo do rei!... – brincava citando Manuel Bandeira, seu grande amigo dos velhos tempos.

Depois, os nossos contactos telefónicos foram cada vez mais intensos. Às vezes chegávamos a falar durante mais de uma hora, como se ambos quiséssemos fazer voltar o tempo.

Agosto. 22, 2002.

Meu querido Jorge,

Outro dia me escreveu alguém da Bahia, de Porto Seguro. Na rápida troca de palavras, comentei sobre você. Trata-se de Oscar Araripe.

Respondeu dizendo que o conhece há muitos anos e me pediu para lhe enviar o seu endereço de Internet, veja abaixo.

Espero que esteja tudo bem com você e com todos em casa.

Um afectuoso abraço, do seu

Emanuel

Ele adorava Sintra, terra onde viveu Lord Byron.

Tinha sido amigo do escritor José Cardoso Pires – que também era meu amigo. Mas, por ironia do destino, acabaram por nunca se encontrar em Portugal.

Quando eu falava do Jorge ao José Cardoso Pires, ele muitas vezes parecia ser uma pessoa dura, logo sorria e, inevitavelmente, a conversa passava a ser sobre o Brasil – que o Cardoso Pires tanto amava.

Era velho amigo da Elsie Lessa – a mulher mais bonita do mundo na sua época, dizia ele – e do Ivan Pedro de Martins, grande escritor e brilhante tradutor, com Décio Pignatari, dos textos de Marshall McLuhan.

Contava histórias muito animadas sobre os dois, e delas surgia Orígenes Lessa, outro bom amigo de tempos antigos.

Agosto 23. 2002.

Emanuel,

*A vida é toda ela de caminhos cruzados... desconhecemos, abraçamos, damos adeus.
Assim caminham a vida e se cruzam os destinos.*

Mas a vida perdura na sua eternidade.

Quanta saudade!

Quanta vontade de o ver e de o abraçar.

Seu Medauar

Se houve uma pessoa, um grande personagem que, para além de ter sido sempre um verdadeiro amigo, preencheu de forma muito especial os últimos anos de vida do Jorge Medauar, ele foi o Ueze Zahran.

Mesmo depois do desaparecimento do Jorge, o Zahran nunca deixou de apoiar a Dona Odete – e, certamente, na sua generosidade, nunca soube como foi importante para eles.

O Zahran é um homem imponente, quieto, esguio, de perfil nobre, grandes olhos e olhar seguro, profundamente penetrante.

- Repare no seu nariz, Emanuel. Ele é um ser especial, como um cavalo puro sangue. Também há, entre os seres humanos, aqueles a quem podemos dizer, com segurança, serem verdadeiros *puro sangue*. E os olhos são as portas das nossas almas. Você tem de olhar profundamente as pessoas, para saber quem elas são. Aqueles que vacilam com os olhos, não merecem a nossa confiança. A riqueza fica muito bem em Ueze, porque ele é humano, é um homem generoso – dizia carinhosamente o Jorge.

Lisboa, Outubro 22, 2002

Meu querido Jorge,

Finalmente consegui que se fizesse um site na Internet dedicado a você.

Está em <http://www.asa-art.com/medauar.html>

Já está instalado em cerca de dois mil “motores” de busca, o que representa vários milhões de pessoas como potencial de audiência.

Não tem prazo para terminar. É para durar.

Espero que você goste.

Penso que o email que está indicado deveria, entretanto, ser o seu, ou o da Maria Matilde.

Vocês autorizam? Deixe-me saber o quanto antes para que eu possa autorizar o pessoal de Londres.

Ficarei aguardando as suas impressões.

Um afectuoso e saudoso abraço,

Emanuel

Pois era verdade.

O Zahran é uma pessoa muito especial.

E quando reparamos no seu nariz, ele tem um desenho próprio, como o de um cavalo puro sangue.

Ueze Zahran apoiou os últimos longos anos do Jorge.

Isso não foi esquecido.

Logo à entrada, na casa do Jorge, junto ao Jorge Amado, a Graciliano Ramos e a Carlos Drummond de Andrade, entre outros, passou a estar, permanentemente, uma fotografia dele.

São Paulo, Outubro 25. 2002

Emanuel,

Muito obrigado pela biografia. Quando alguém como você cuida de manter viva uma pessoa, com a sua admiração, pode estar certo que essa pessoa ganha a vida eterna, vale dizer, a eternidade. É por isso que são imortais Sócrates, Voltaire, Guimarães Rosa ou Graciliano Ramos.*

Quem vive ou convive com tais criaturas também vive a sua eternidade.

Fiquei comovido com a inclusão do meu nome entre os píncaros mais altos do nosso mundo tão restrito. Que fazer agora, se não lutar para merecer tanto?

Somente um espírito iluminado como o seu pode iluminar a noite escura de outra pessoa. É o sol iluminando a lua para que haja luz dentro da noite. Muitas saudades, aqui todos amam você como um filho ou um irmão. E não é isso que você é? Até agora Odete lacrimeja com as suas palavras.

Medauar

** site na Internet dedicado ao Jorge Medauar*

Ainda nos anos 1980, fui almoçar com aquele ser de espírito nobre que é Ueze Zahran, na sua casa.

Pouco antes, tinha ido lá, com o Jorge.

Nas duas ocasiões ele foi de uma gentileza extrema.

A casa era uma verdadeira fortaleza, cercada por muralhas, câmaras de vigilância por todos os lados e seguranças armados.

Era impressionante.

Zahran começou muito pobre e tinha se tornado um homem rico.

Na primeira vez, quando entramos na casa, cercada de homens armados, num bairro de São Paulo, Zahran ainda não tinha chegado, estava preso no trânsito. Mas, telefonou para que preparassem uma calorosa recepção, com vinhos, queijos, pães e frutas.

Ueze Zahran chegou e reparei como estava vestido com simplicidade, tinha um rabo-de-cavalo – tudo o que vestia e até mesmo os seus gestos, a sua postura, estava impregnado de um inegável sentido estético.

Foi um almoço de família.

- Emanuel, ele começou carregando sacos de farinha nas costas! Hoje é dono de uma rede de rádio e televisão, uma empresa de gás, aviões e muito mais coisas. Mas, continua um homem bom e simples. Nunca se esquece dos outros. É uma pessoa maravilhosa. Há pessoas para quem o dinheiro “cai bem”. Para outras, é um desastre. Quando o dinheiro não faz diferença, não atordoa a pessoa, não a torna cega, ele “cai bem”. E o dinheiro “caiu” muito bem no Zahran. É importante que pessoas como ele tenham muito dinheiro. Eles enriquecem o mundo.

Lisboa, Novembro 3, 2002

Meu querido Jorge,

Só agora escrevo pois estava fora... e com problemas (nada graves) de comunicação.

Fico feliz por vocês terem gostado do site na Internet, que é dedicado a você. Há muito tinha planos de o fazer, e a minha intenção era de fazer algo melhor.

Mas, tudo se arrasta e o tempo vôa.

Deixe-me saber quando você tiver algum texto que gostaria de ver incluído no site.

Uma ideia: por que não ir escrevendo a sua mágica visão deste complexo mundo? O ideal seria termos textos breves, de tempos em tempos.

Por exemplo, cada mês uma breve reflexão sua. O que acha?

*Um muito afectuoso abraço e beijos a todos,
seu*

Emanuel

A minha ideia com o site dedicado a ele era criar uma porta para o mundo, um lugar, mesmo virtual, através do qual pudesse continuar a escrever, a realizar os seus sonhos.

No dia sete de Novembro de 2002, o Jorge escreveu, enviando-me um poema, seguramente, o último da sua vida:

Emanuel,

Este poema é para você. É muito pouco, eu sei... cada um dá o que tem e o que pode. Mas, muitas vezes é na pobreza que somos afortunados.

*Nesta noite,
Luto com minhas sombras.
E vou partindo, elo por elo,
Todos os fios que me ligam à vida,
- No meu último duelo.*

Um abraço, como se você estivesse ao meu lado, como sempre esteve.

Medauar

Fiquei profundamente emocionado.

Despedia-se.

No dia trinta de Dezembro daquele ano eu estava novamente em São Paulo.

Quando cheguei à casa do Jorge, Maria Matilde veio à porta para me receber.

O tempo tinha passado. A menina que eu conhecera tantos anos atrás, era agora mãe de duas filhas.

Continuamos sempre amigos, ao longo de todos estes anos.

Perguntou se eu tinha recebido uma mensagem que enviara uns poucos minutos atrás.

Naturalmente, eu não podia ter recebido.

- Ele está morrendo. Está lá em cima, à morte – disse sem esconder uma profunda consternação.

Tremeu, e eu tremi com ela.

Maria Matilde e o Jorge sempre foram muito próximos.

Jorge sempre a amou profundamente.

Subi, chocado com a notícia.

As escadas se tornaram subitamente pesadas.

O meu corpo estava pesado.

Tive medo de entrar no quarto.

Medo de não mais encontrar o meu bom e velho amigo. Medo de não conter as minhas emoções.

Maria Matilde mal continha as lágrimas face à inevitável aproximação da morte daquele a quem tanto amara, do pai que lhe fora uma referência central durante toda a vida.

Quando passei pela porta do quarto, Dona Odete se levantou.

Sobre a cama, o Jorge estava deitado de lado, com as costas voltadas para a entrada.

Olhos fechados, respiração curta e rápida.

Um pesado ambiente invadiu tudo.

Era como se uma estranha escuridão tivesse repentinamente tomado as nossas almas.

Sentei à frente dele – a cadeira estava na mesma posição que eu sentara trinta anos antes.

Foi difícil conter as lágrimas.

Fiquei com o peito apertado, eu próprio não conseguia respirar livremente.

Dona Odete explicava que Jorge tinha, inesperadamente, ficado naquele estado, com uma ligeira e contínua febre.

Tinham chegado de Ribeirão Preto, onde ele estivera muito bem, animado e falador, como sempre.

- Até anteontem ele estava ótimo. De repente, ficou assim...

Conversei com elas, medindo as palavras para não provocar uma situação ainda mais emocional.

Mostrei-lhes alguns dos meus trabalhos em fotografia que tinha levado comigo.

Procurei animar, na medida do possível, aquele pesado ambiente.

De repente, Maria Matilde disse que o Jorge estava chorando de emoção por saber que eu estava ali.

Ele abriu vagarosamente os olhos cheios de lágrimas.

Meu peito ficou ainda mais apertado, a garganta estrangulada.

Agora era eu quem não conseguia respirar.

Ele estava com barba por fazer e tinha um pequeno rabo-de-cavalo – muito diferente do *doutor* Jorge Medauar de outros tempos, que iluminava tudo por onde passava, com os seus elegantes fatos bem cortados, o seu inconfundível perfume, as suas belas gravatas de seda.

Mas ainda era ele.

Estava ali, inteiro, completo, apesar da vida, dos desencantos, do tempo – do mesmo tempo que nunca deixou de questionar.

Foi um momento de profunda emoção.

- Estou chegando perto do fim... – falou sussurrando.

Dona Odete chorou baixinho.

Maria Matilde também.

Trinta anos antes, eu tinha conhecido Jorge Medauar.

Ficamos logo amigos.

Apesar da grande diferença de idade, nós sempre fomos iguais um para o outro – tal como aconteceu comigo e John Cage ou René Berger.

Irmãos espirituais.

Trabalhamos juntos durante vários anos.

O Jorge foi meu mestre na arte de escrever, de analisar, e de muitas outras coisas.

Trinta anos antes, eu entrava naquela mesma casa, naquele mesmo quarto.

Então, Jorge Medauar estava deitado, na mesma cama, com graves problemas respiratórios.

Lembrei-me como, trinta anos atrás, ele brincou dizendo não ser muito preocupante, pois se tratava de «doença de poetas» e que, portanto, era antes um elogio para quem em tudo aspirava à poesia.

A casa atravessou idêntica todos aqueles trinta anos.

Os mesmos desenhos de Flávio de Carvalho, dedicados a ele, espalhados pelas paredes, Graciliano Ramos, Caribé, cartas dos seus *irmãos* Jorge Amado e Dorival Caymmi... Drummond, Guimarães Rosa.

Tudo continuava igual.

Agora, estava deitado de lado, barba por fazer, quieto, com uma grande barriga, quase morto.

Trinta anos tinham se passado!

Voaram!

Comecei a conversar com ele.

No início, o Jorge não respondia.

Depois de alguns momentos, reparei que ele começou a abrir novamente os olhos.

Muito lentamente.

Brinquei muito, contei novidades, fui falando com vagar e, gradualmente, ele foi melhorando.

A pele, muito pálida, macilenta, foi adquirindo cor, vida.

Os finos lábios moveram e as palavras começaram a fluir, de início muito fracas, débeis sussurros.

- Sabe, Emanuel. Eu não estou fingindo. Sinto-me tonto. É uma sensação estranha. Um estranho abandono. Pode ser da idade. Tive um pouco de febre. Mas, há um desconforto interno, uma sensação de abandono, tontura, desapego...

Lá pelo meio da tarde, com alguma dificuldade, levantou-se e, sozinho, foi fazer a barba.

Dona Odete comentou como tudo aquilo tinha sido rápido demais, inesperado.

- Eu nunca o vi assim! Ele já esteve mal, é verdade. Mas, nunca se abandonou dessa forma. Tenho medo. O que será? O que nós devemos fazer? Já chamamos o médico, que nos disse apenas para que o observássemos...

Voltou perfumado como sempre e mais animado.

Tinha voltado a ser o bom e velho Jorge Medauar.

Quase oitenta e cinco anos de idade.

Num ápice voltou a estar idêntico como sempre.

Sentou na cama, sorriu e começamos a conversar, como se tudo estivesse na sua plena normalidade.

Contei-lhe das coisas que tinham acontecido na minha vida. Dos mil problemas que tive de enfrentar. Das calúnias e ofensas de todo o tipo. Como se estivéssemos passando a limpo os trinta anos de amizade.

Jorge sorriu e disse ter ficado feliz pois, afinal, eu tinha sobrevivido àquilo tudo.

Conversamos sobre política.

Queríamos que o tempo não tivesse passado – que tudo não passasse de uma ilusão. Que fossemos os mesmos de há trinta anos.

Queríamos que tudo pudesse voltar, descer as escadas e reencontrar tudo como era antes, a rua, as árvores, os pássaros.

Afinal, ele estava lá.

Vibrante como sempre.

Mas, era evidente – até mesmo para os nossos mal acostumados olhos – que estávamos errados.

O tempo passara, afinal.

Implacável.

Liso e cruel.

Cheguei à sua casa eram cerca de três e meia da tarde.

Quando saí, quase às oito horas da noite, Jorge estava novamente bom, como sempre, idêntico a sempre.

Dona Odete disse, sem esconder a surpresa, que ele tinha estado naquele estado lastimável apenas durante os dois últimos dias – assim que chegara da viagem a Ribeirão Preto. Respirou aliviada, acreditando já ter passado o pior, jurando que tinha sido apenas um susto.

Contaram-me que estavam, todos eles, apavorados com a violência que tomou conta do país.

Não apenas, estavam todos revoltados com a corrupção generalizada.

Quando percebemos, estávamos os quatro conversando animadamente, como se estivéssemos num outro tempo.

- Você vê no que nós todos acabamos sendo transformados? Isto é uma guerra. Uma verdadeira guerra civil. Tudo se tornou selvagem, pior que animais. Fomos tomados pelos brutos, pelos bárbaros... – disse o Jorge, quase num sussurro, em tom confidencial, como se não quisesse preocupar a Dona Odete e a Maria Matilde.

Despedi-me do Jorge e lhe dei uma fotografia.

Creio que era do Hyde Park, de Londres.

Nos abraçamos.

Tive a triste e profunda sensação que não o iria encontrar novamente. Pelo menos, neste mundo.

No dia seguinte, voltei para a Europa.

Poucos dias depois, ele sofreu um acidente vascular cerebral.

Num lance de dados, o seu corpo diminuiu, o seu rosto perdeu a expressão, os seus olhos se tornaram baços.

Era como, se em algum sentido, a sua alma tivesse ido embora.

Nem a sua voz era a mesma.

Seis meses mais tarde, no dia do meu aniversário, o Jorge Medauar desaparecia de vez.

No momento em que morreu, ao seu lado estava a Lúcia Marques – a moça que tinha sido a sua assistente durante tantos anos, e que eu conhecera trinta anos antes.

Jorginho, o filho – desde cedo genial criador por passos próprios – mergulhou na sua mágica biblioteca e tratou de redescobrir um novo universo lançando para a luz o pensamento do pai.

Tudo isso aconteceu anos atrás.

O mundo nunca parou de se transformar.

Novas guerras surgiram e mesmo aquilo que imaginávamos ser eterno, desapareceu.

Vou me perguntando, quando releio estas páginas, se esta história fará algum sentido diante de tantos nomes, poetas, músicos, pensadores.

Para alguns certamente representará algo. Poderão ser símbolos que ampliam o cenário do imaginário.

Mas, há algo mais interessante – que está dentro daqueles símbolos, e dentro de cada cena. É a *qualidade* de tudo aquilo.

Algo muito para além do delicioso calor, do canto dos pássaros, dos sons dos vizinhos, do tacto daquele confortável sofá, dos quadros e desenhos, das conversas e histórias.

É a *imagem* daquele mundo, que já não existe.

E *imagem* não será a palavra certa – pois envolve tudo e não somente a visão.

O Jorge Medauar sempre foi uma pessoa discreta – sempre teve prazer na discrição. Quando saía de uma festa, fazia-o subtilmente, sem que as pessoas percebessem. Despedindo-se com muito cuidado aqui e ali, sem estardalhaço, sem confusão.

Sobre a morte, queria poder imitar Epicuro – sair de cena como um ator de teatro, no momento certo, preservando a dignidade. Esse era o seu desejo último.

Num certo sentido, o mais importante para ele era a memória.

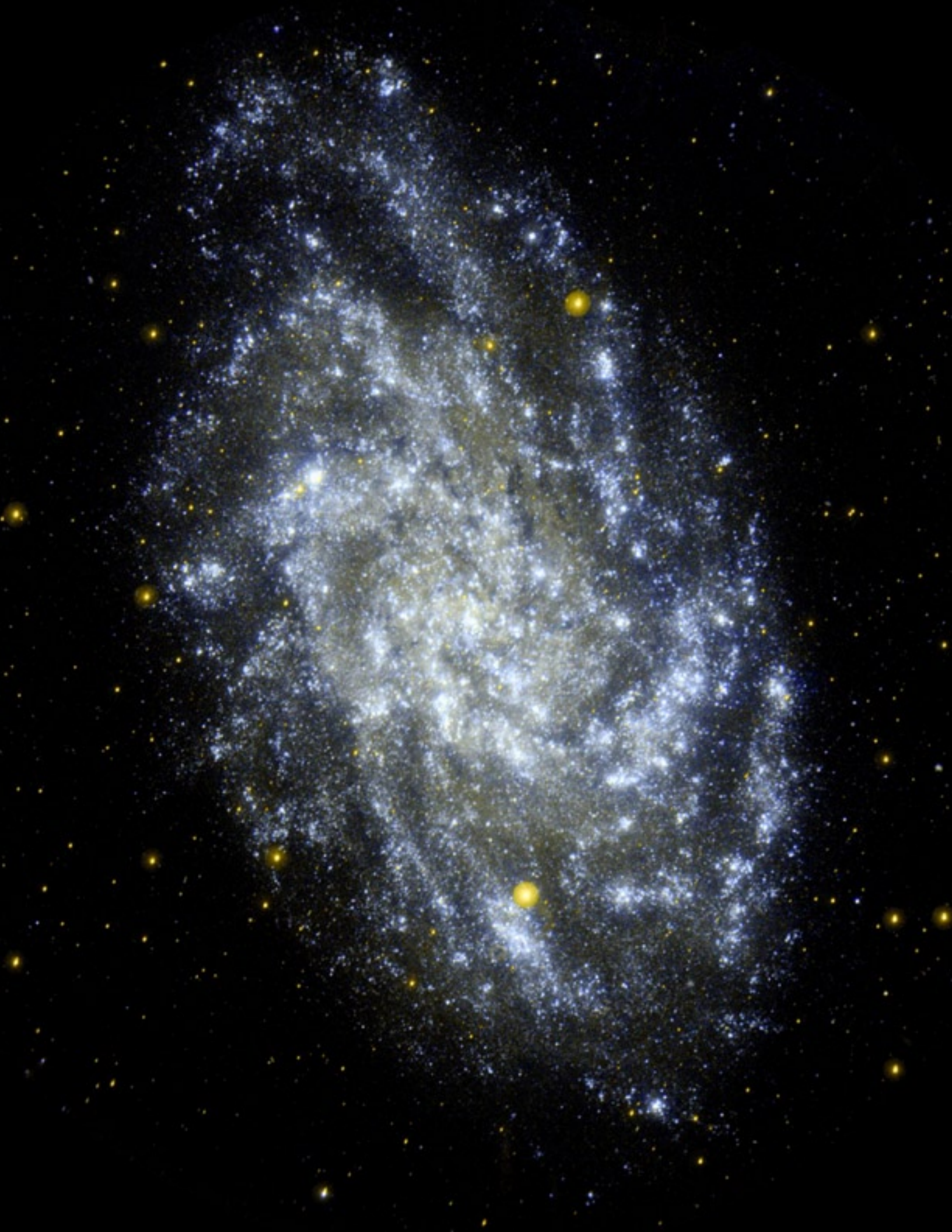
Todos estamos vivos na memória, e esse é o ensinamento deixado por nossos pais egípcios.

Pois agora, o Jorge Medauar nunca mais morrerá – pois já é parte de cada um de nós – parte dos nossos sonhos, para sempre.

Marcel Proust dizia que «o único paraíso é o paraíso perdido», pois quando ele termina é que nos damos conta de que existiu.

Agora, há neve lá fora.

É noite e ouço Mozart.



A poesia é mais importante que o poema

Texto foi escrito por Jorge Medauar como introdução do segundo livro de Emanuel Pimenta, publicado em 1980.

Quem quiser pesquisar a linguagem literária dos dias que correm, dias feridos por toda essa engrenagem da moderna comunicação electrónica, verá que poetas e escritores fugiram daquela língua clássica que vinha sendo cultivada e aplicada principalmente na poesia.

Antes, preocupavam-se com a palavra em si, seus valores intrínsecos e ainda com a correcção gramatical. Cuidavam da forma e do estilo e jamais se utilizavam de quaisquer vocábulos que não fossem considerados poéticos, na hora de tecer o soneto ou o poema.

A palavra vulgar, a expressão corriqueira ou popular era banida da peça poética, que muitas vezes era apenas arquitectura de palavras.

O sentido poético podia não estar presente, mas todo o poema era erigido de palavras que tinham sua carga poética.

Palavras seleccionadas e nobres, digamos assim, que poderiam, ou não, desencadear emoções ou transmitir o recado do poeta.

Hoje, o cuidado com a palavra, a correcção de linguagem e sobretudo a forma já não são tão rigorosos.

Estão ficando cada vez mais escassos e a tendência, a julgar pelo que vemos, é desaparecerem, dando lugar a uma outra expressão.

É que cada poeta já não leva a sério escolas e correntes.

Cada qual tem a sua própria embocadura – o que vale dizer: a sua linguagem própria construída como ele bem entender, obedecendo unicamente à sua intuição e não aos rigorismos gramaticais ou às imposições filosóficas. A isto, poder-se-ia chamar estilo.

Mas, não é bem estilo: é um jeito de dizer, subvertendo todas as formas e todas as *fôrmas*. Poderia ainda se dizer que é o estilo da época, em que há muito mais interesse por novelas e astros de televisão do que por artistas da palavra.

De qualquer maneira, foi essa liberdade de expressão que desmontou certo elitismo, que distinguia o poeta do romancista da massa popular, dando-lhe certo privilégio de mandarinato nas letras e até mesmo na sociedade.

Mas, a actual sociedade de consumo, totalmente independente da linguagem dos meios sofisticados de comunicação, não consome aquela poesia, a não ser como raras amostras nostálgicas.

Abertas as cancelas do idioma, o número principalmente de poetas que hoje vivem no mercado é fantástico, comparado ao tempo de Castro Alves e Bilac.

Multiplicou-se.

E parece seguir a mesma filosofia que orienta a produção em massa, dentro da mesma técnica industrial que só visa resultados, no chamado marketing. Resultados, diga-se em tempo, muito mais quantitativos que qualitativos. É o chamado lucro pelo volume.

Ora, meter poesia nessa linha, para ser consumida como massa de tomate ou maionese, não nos parece nenhum mal negócio.

Nem mesmo uma heresia. Antes, seria dar ao consumidor qualquer coisa que o alimentasse por outras vias que não as intestinais, e certamente sem riscos de perturbações digestivas, já que estamos passando pela fase da industrialização da cultura e que assistimos, na televisão, a actualizações de obras como Romeu e Julieta, personagens que vêm do passado para o vídeo, viverem, além da sua tragédia, os dramas da violência moderna, numa sociedade já adaptada ao estupro, aos tóxicos, ao crime de toda a espécie.

Emanuel Dimas de Melo Pimenta é bem um exemplo de poeta moderno, dessa geração de novíssimos, ainda cheirando a leite-em-pó, que rompeu, com a sua inquietação talentosa, sua inteligência aguda e penetrante curiosidade as limitações e as formas tradicionais do texto literário, tanto na prosa como no verso, que exerce ao seu modo, comandado unicamente pela sua febre de descobertas.

E como sabemos que diferir é quase agredir, pode-se acrescentar que é um destruidor de mitos, um autêntico subversivo, no seu verdadeiro sentido, que é o da criação, as invenção ou da recreação em outras dimensões e outros níveis. Conhecendo arquitectura, entre outras matérias que conhece por conta própria ou por currículo escolar, idealiza e realiza segundo seus próprios princípios.

Daí não ser parecido com ninguém.

Dói-me ficar apático – diz ele num dos seus módulos deste seu excelente poema, com esquema estrutural do mar, mas na verdade esquema e estrutura dele mesmo, que é um poeta que enxerga, com sua intuição, a forma do discurso, e sente, com a sua alma ainda orvalhada de inocência, o fluído essencial da poesia.

Esta sua obra pretende inaugurar uma nova forma na geografia inaugural do poema, que outra não é senão essa que o leitor descobrirá no curso da leitura, sentindo-lhe o fluxo e o refluxo do mar, de onde o poeta diz ter trazido toda a esquematização do seu canto poético.

Verá o leitor que, como o mar, o poema tem os seus momentos de luta e de paz, de marulho e de silêncio, de brisas, ondas murmurantes ou quebrar de vagalhões. E ainda,

como o mar, é todo tecido de salsugem, rebutalhos e algas, sem prejuízo da sua majestade oceânica.

Quem conhece Emanuel Dimas de Melo Pimenta, desde os seus verdes anos, sabe que ele, um dia, saindo das frias engrenagens da indústria do seu pai, viria buscar na música, na fotografia, no romance, na filosofia ou na poesia o ar de quem queria ser livre e preso também.

As suas experiências são mais do que simples abordagens de uma inteligência livre e curiosa. Iniciando-se na pintura ou na fotografia, não ficou pelos caminhos já palmilhados: abriu as suas próprias veredas. Fez o mesmo na música. É o que vem fazendo na literatura.

O seu primeiro livro *Lagoa da Canoa* – ele já escreveu inúmeros volumes de poesia, romances, contos, narrativas – revela o poder criador, a visão muito particular desse ser inquietantemente inovador, que joga o seu próprio jogo, fugindo dos catálogos, dos manuais e das bulas.

Sua arte é verdadeiramente a arte de quem a si mesmo se prende para poder se libertar, sabendo intimamente que a poesia é sempre muito mais importante que o próprio poema.

Jorge Medauar

Janeiro 1981

Fragmento do texto de Jorge Medauar “Personagens Árabes na Obra de Jorge Amado”

O fragmento aqui reproduzido, publicado originalmente na Revista de Estudos Árabes N. 1, DLO-FFLCHUSP, 1993, da USP Universidade de São Paulo, dá uma ideia da versatilidade, do refinamento e do brilho intelectual de Jorge Medauar.

Introdução: aspectos gerais da cultura Árabe

A civilização Islâmico-Árabe não deixou marcas unicamente no seu passado histórico. Sua influência ainda se espalha por todo o mundo contemporâneo, numa presença redutiva em quase todas as actividades do homem.

Já se tomou redundante a afirmação de que sem os algarismos arábicos, ou sem o símbolo zero, também projectado pelos Árabes, não existiria a matemática moderna e, conseqüentemente, as chamadas ciências exactas. Foi com sua absoluta confiança na verdade da teoria Árabe, de que o mundo era redondo, que Cristóvão Colombo zarpar para o ocidente. E os Portugueses, enfrentando problemas técnicos de cosmografia, convocaram mestres Árabes para os auxiliar. Os sábios Árabes, atraídos a Sagres, colaboraram não só na solução de aspectos de navegação, mas também contribuíram na solução de inquietações de ordem sociológica, problemas de compensação ou recuperação da população, bem como na solução de questões levantadas pelos contactos da cultura Portuguesa com a dos povos estranhos. Valeram-se, assim, dos exemplos que lhes ofereciam os Árabes com sua experiência e conhecimento de espaços extra-Europeus.

O aumento das populações nos trópicos aconteceu sob a égide do costume Árabe de considerar o filho mestiço detentor de todos os direitos. E Vasco da Gama, que teve como piloto Ahmad Ibn Majid, nascido na cidade de Julgar, em Omã, de antepassados beduínos da Arábia, aprendeu com os Árabes de Moçambique a técnica de construção de tanques de madeira para reservatório de água no fundo das embarcações. Com os mesmos Árabes de Moçambique, aprenderam a construção de barcos com velas tecidas de palmas. Também o valor antiescorbútico das frutas cítricas foi decididamente transmitido aos Portugueses por um chefe Árabe.

Assim, guerreiros e sábios de Allah se espalharam, do Crescente Fértil, acima da Península Arábica, para o Ocidente.

Para a França. Sicília. Espanha.

E ainda para o oriente — China e Índia —, deixando vínculos na filosofia, nas artes, arquitectura, metalurgia, etc.

Não deixa, pois, a História Árabe de ser um dos capítulos mais importante da própria História da Humanidade.

Os historiadores reconhecem que os eruditos Árabes estavam mergulhados em Aristóteles quando Carlos Magno e seus nobres ainda aprendiam a rabiscar seus nomes. Diz um historiador americano, contemporâneo, que em Córdoba, com suas dezassete enormes bibliotecas, uma só das quais possuía quatrocentos mil volumes, “cientistas se deliciavam com banhos luxuosos numa época em que, na Universidade de Oxford, considerava-se lavar o corpo um costume perigoso”. O Árabe, como é sabido e consabido, foi, por séculos, a língua da cultura e do pensamento progressivo por todo o mundo civilizado — vale dizer, a língua do próprio conhecimento, através da qual se expressavam cientistas, filósofos e matemáticos.

Trabalhos de natureza religiosa, astronómica e geográfica foram produzidos mais em Árabe do que em qualquer outra língua.

E o seu alfabeto, depois do latino, ainda é o mais usado em todo o mundo.

E agora será oportuno repetir as palavras de Philip Hitti, para que se tenha uma ideia menos confusa do que vem a ser “árabe” e “semita”, e sobretudo para que não se percam as raízes históricas do Islamismo e do Semitismo: “Dos dois povos sobreviventes que representam a etnia semita, o Árabe, muito mais que o judeu, preservou os traços físicos e mentais característicos dessa família. Sua língua, apesar de ser, do ponto de vista da literatura, a mais jovem do grupo semítico, conservou, contudo, mais que o Hebraico e suas outras línguas irmãs, um número maior de peculiaridades da língua materna, inclusive a flexão”.

O Islamismo, do mesmo modo, é, na sua forma original, a perfeição lógica da religião semita. Na Europa e na América, deram à palavra ‘semita’ o significado de judeu, mas os ‘traços semitas’, que incluem o nariz proeminente, não são absolutamente semíticos.

Estes característicos diferenciam o tipo judeu do semita e representam, evidentemente, uma aquisição resultante de antigo cruzamento entre os Hititas-Hurrianos e os Hebreus”. E mais adiante: “Foi na Arábia que os antepassados dos povos semitas — os Babilónios, Assírios, Caldeus, Amoritas, Arameus, Fenícios, Hebreus, Árabes e Abissínios — tiveram sua origem. Aí vieram, numa época remota, como um só povo”.

Quanto à presença dos elementos Árabes em nossa cultura, é preciso poupar palavras, como em sua marcha o Beduíno poupa água, para apertar em poucas páginas apenas um quadro reduzido dessa imensa presença, que principia com os Moçárabes — Cristãos arabizados da Península Ibérica que, no próprio século do Descobrimento, vieram com os colonizadores. Esses e os seus descendentes — e é bom que se diga, desde já, que, para

fazer descendência, o inflamado sangue Árabe fervia tanto quanto o lusitano, por antiga tradição e até por gosto, na verdade, sempre ambos competindo...

E nunca alguém de fora influenciou tanto na nacionalidade e no nacionalismo Português, desde a invasão da mouraria com seu convívio, e dos confrontos da Índia, com gentes de Gama, de Cabral, e sucessores.

Já no Brasil, as duas culturas continuaram a unir o sangue e o seu suor, tendo o sangue nos dado o adjetivo morena, a da cor moura, e o suor, este verbo prestigioso: mourejar. E ainda melenizar, ou melenização, que vem a ser o bronzear da pele, praticada em quase todas as praias Brasileiras, revelação de Gilberto Freyre, para mostrar que nossos antepassados Portugueses desejavam parecer tão pardos quanto os irmãos nativos das terras quentes.

As influências sociais e económicas não caberiam neste espaço, mas em compêndios. Das influências espirituais, basta algumas sejam lembradas para se avaliar sua presença.

Nem precisamos mencionar a picota, a cegonha, que retirou água nos primeiros poços nordestinos.

Nem a azenha ou moinho d'água, ou a irrigação por canais, trazida dos Omíadas do sétimo século. O café. A cana. O algodão. A laranja. O bicho-da-seda. A pólvora. O papel.

O rol é quase interminável.

Apenas um ou outro exemplo do criador mourisco de valores artísticos e intelectuais revela essa presença, a qual, mesmo diluída no tempo, é bem visível no que ficou do espírito Árabe na arquitectura quotidiana — no gosto pelo azulejo, no mosaico.

E desde os nossos tempos ancestrais, a janela de rótula.

Os balcões de fachada. Os portões e gradis ornamentais. Os espessos adobes. Os vitrais coloridos. Os caprichosos chafarizes. As telhas mouriscas e, embaixo delas, as crianças em classe cantando a tabuada, e no pátio a roda da cirandinha. As mulheres de mantilha.

O costume das pessoas anunciarem sua visita. A cozinha rica em especiarias. A profusão de doces.

E eis que surge um nome: Abd-al-Rahman. Numa festa de paz, em seu palácio, compõe versos líricos para a palmeira solitária, no seu jardim.

Aí está o lirismo Árabe, que ficou nos povos que acolheram aquelas duas culturas, das quais o Árabe foi na verdade origem e vector, marcando-as com seus sinais.

Acrescenta-se ainda Jábir Ibn Hayyan — al-Geber — dando nome à *álgebra*. Al-Khwarizmi, denominando o *algarismo*.

Nossa elite culta ainda se lembra de Rhazes, Avicena e Averróes.

E nos hinos Cristãos persistiu a poesia popular do vilancico — tudo isso pela crista sumária dos exemplos, como disse a respeito da influência Árabe em nossa cultura o pesquisador, poeta e dicionarista J. Martins Ramos, que tanto nos ajudou na elaboração do trabalho *A presença Árabe na cultura Brasileira*.

Continuando com mais os exemplos do cadinho Ibérico, onde se fundiu a língua, cujo ramo, vindo a nós ainda nos dá várias centenas de palavras — de A a Z —, algumas tão comuns no nosso dia-a-dia: açougue, açude, adobe, alarido, alazão, algibeira, algodão, andaime, anil, anta, armazém, arrabalde, arroba, arroz, azeite, azeitona. E para que não se diga que não passamos do A, temos bairro, beringela, cetim, cifra, elixir, enxoval, fardo, fulano, limão, marfim, nuca, oxalá, rês, roça, safra, salamaleque, sapato, sofá, taça, talco, tarifa, xadrez, xarope, xerife — e fomos até ao Z: zarcão, zénite.

Não significa, porém, terem tido, tantas palavras, berço unicamente Árabe. Muitas vezes vieram do Grego, Persa, Egípcio e até do Romano — e de quantos povos se incluíram na expansão Islâmica no século da Hégira e seguintes.

A todos os que nos transmitiram algo, ou muito da alma da cultura Árabes, alguns nomes podem ser lembrados em mínima resenha, ficando apenas para significar que a cepa permanece dando fruto e flor a nosso lado. Por isso, os Prolegómenos, a Muqaddamah ou Muqaddimah, de Ibn Khaldun, estão em vernáculo, sob o patrocínio do Instituto Brasileiro de Filosofia.

Durante quarenta anos foi traduzido, directa e integralmente, pelo casal Líbano-Brasileiro José Khoury e Angelina Bierrenbach Khoury (quase duas mil páginas, de três grandes volumes, apresentados pelo poeta, ensaísta e médico Jamil Almansur Haddad).

E assim se lê, em Português, o génio do século XIV, criador da teoria do Desenvolvimento Histórico, pai da Sociologia e da Filosofia Social, sem favor, um dos mais iluminados espíritos de todos os tempos.

Na linha dos mestres que vieram tocados da flama Árabe, há o erudito, mestre de gerações Brasileiras há mais de setenta anos, o matemático e linguista João Tomaz Ueb.

E, ao se falar em tradução e eruditos, avulta o nome de Antônio Houaiss, cuja tradução de Ulisses, de Joyce, encheria de júbilo Hunayn Ibn Ishaq, a quem o califa al-Ma'mun pagava em ouro o peso de cada livro que ele transpunha para o Árabe.

Mas há ainda em nossas letras, ciências e artes, sobreviventes de um Ali Ibn Kazm, ao qual se credita a autoria de quatrocentos volumes de História, Teologia, Lógica, Poesia e outras matérias. E ainda de um Ibn al-Khatib, médico, estilista, historiador, geógrafo e filósofo. De um al-Kindi, astrólogo, alquimista, perito em óptica e teorista musical. De um Ibn Zaidun e de Omar Khayyam, embora Persa, mas pertencente à galáxia Islâmica.

Acrescentem-se os teólogos Ibn Arabi e Mosheh Ben Maimon, o Maimonides, e os artistas da linhagem do Mucharig, que tinham uma cadeira posta junto ao trono, por Harun al-Rachid em pessoa.

E quantos têm mais que um vizirato, como Ibn Zaidun, que acumulava, ao da poesia, outros bastões; e se destacam pela fama, como Baybars e Saladino.

Aqui é preciso lembrar o caso do venerando frei Abrantes (1737-1811 ou 13), primeiro professor de Árabe no Brasil, vindo, como se sabe, com a família real, autor das Instituições

da Língua Arabêica para uso das escolas da Ordem Terceira (1774), a primeira em seu gênero em Português.

E, mais recentemente, o famoso Said Ali (1861-1953), que entre outros alunos teve Oswaldo Cruz, Antenor Nascentes e o poeta Manuel Bandeira. Sua obra filológica é uma das mais importantes do nosso idioma. Evanildo Banchara o focaliza nos seus Primeiros Ensaios sobre a Língua Portuguesa.

O rol dessa descendência é crescente e sua presença vive nas letras ou nas artes, na ciência ou na filosofia, no comércio, na indústria ou na política.

A poesia, o ensaio, o romance, o conto, a crítica, o teatro, o jornalismo, a música, as artes plásticas ou o cinema contam com a descendência de notáveis como Mário Neme, contista, teatrólogo, ensaísta, historiógrafo, filólogo, jornalista, humorista, director do Museu do Ipiranga, quando faleceu.

Do já citado Antônio Houaiss, cuja bio-bibliografia encheria páginas. Cecílio J. Carneiro, médico e romancista, premiado com o romance A Fogueira. Célio Salomão Deba, David Nasser, Floriano Faissal, Emil Farhat, Mário Chamie, Mussa Kuraïem, Paulo Tacla, Permínio de Carvalho Ásfora, Raduan Nassar, primoroso estilista de Lavoura Arcaica, Salomão Jorge e o grande poeta Carlos Nejar, já agora imortalizado com uma cadeira na Academia Brasileira de Letras.

Jorge Medauar

O INCÊNDIO

Emanuel Dimas de Melo Pimenta

Comentado por Jorge Medauar na sua correspondência, este texto de Emanuel Pimenta foi originalmente publicado em 1988, quando aconteceu o terrível incêndio na cidade de Lisboa.

Madrugada.

25 de Agosto.

1988.

Verão.

Céu limpo.

Uma parte antiga de Lisboa, destruída por um poderoso terramoto em 1755 e reconstruída um ano depois sob as ordens de um tirano – Marquês do Pombal – era novamente destruída, desta vez pelo fogo.

Aí tinha início uma velha história.

Uma história que arruinou Londres em 1666 – àquela época uma cidade de madeira – para projectar o nome de um influente arquitecto da Corte: Wren.

Uma velha história, que pode ser facilmente reproduzida em várias cidades Europeias.

Na verdade, o incêndio não foi tão grave como se previu no início.

E, apesar de, em muitos momentos, o fogo se manifestar incontrollável pelos bombeiros, ameaçando se espalhar por toda a cidade, somente uma pequena parte do sector antigo foi destruída.

Na Ladeira do Carmo, um dos pontos mais atingidos pelo incêndio, havia sempre um cego tocando uma melodia judaica numa pequena gaita.

Todos o conheciam.

Em Madrid, José Saramago escrevia: «Em Lisboa, até um cego sabia que no dia em que houvesse um incêndio na Rua do Carmo seria uma catástrofe. Houve o incêndio e tivemos a catástrofe».

Dois mortos e dez feridos, um gravemente. Número surpreendentemente pequeno para um incêndio tão violento.

A carga térmica naquela região de construções do século dezoito era muito maior que o esperado.

Conclusão: havia combustível armazenado clandestinamente dentro das construções, muitas vezes nos sótãos, nos porões.

O fogo se propagava por convecção.

Os bombeiros não escondiam o desespero.

O Presidente da Câmara Municipal de Lisboa dava uma entrevista afirmando nunca dispor de meios legais para controlar o armazenamento de produtos combustíveis naquela zona.

As televisões e as rádios davam boletins a todo o tempo, que muitas vezes pareciam indicar uma catástrofe sem precedentes.

Alguns, até arriscavam dizer que era uma desastre ainda maior que o de 1755.

Tubagens de gás explodiam por todos os lados.

A tudo isso se aliava o vento, que mudava de direcção.

Em Saramago, na carga térmica violentamente maior e no pequeno número de mortos e feridos há uma série de pistas.

O centro de Lisboa é hoje, literalmente, desabitado.

Ocupado por bancos, escritórios, armazéns e lojas, praticamente não possui qualquer manutenção.

Os edifícios se encontram num preocupante estado de degradação, por dentro e por fora.

Lisboa é, praticamente, uma cidade abandonada, mas ocupada por muitas pessoas.

Há cerca de dois anos, em 1986, um incêndio num edifício localizado na mais importante avenida da capital Portuguesa vitimou algumas pessoas e colocou a descoberto um gravíssimo problema urbano, que todos sabiam e ainda sabem, mas que nunca é oficialmente admitido: cerca de cinquenta pessoas vivendo num único apartamento!

Retornados da África.

Um deles subarrendava a sua casa: um guarda roupa!

Quando Portugal abriu mão das suas colónias, na década de 1970, foi obrigado a receber milhares de Africanos, com estatuto de cidadãos Portugueses.

Milhares de pessoas que fugiam de uma realidade escravocrata transformada num turbilhão de conflitos políticos sem solução à vista.

Pessoas que, muitas vezes, tinham vivido desde o nascimento em ambiente tribal.

Pessoas que passaram a se instalar em luxuosas casas recém abandonadas ou em hotéis cinco estrelas, arrendados ou transformados em propriedade do Estado para enfrentar a terrível situação de não possuir habitações para um fluxo migratório tão grande.

Muitas daquelas pessoas se concentraram no centro da cidade, parte mais antiga.

Simultaneamente, um sistema que regula a locação imobiliária em Portugal, vigente há cerca de cinquenta anos, foi reforçado após a Revolução de 1974: um sistema pelo qual o inquilino praticamente adquire o direito de propriedade sobre o imóvel, mas não a

responsabilidade pela sua manutenção.

Isso, acompanhado de um congelamento quase eterno dos valores de arrendamento e uma razoável inflação, provocou uma profunda deterioração dos edifícios.

O raciocínio é claro e simples: o inquilino não mantém, porque não possui realmente a propriedade; o proprietário não mantém, porque alega que o rendimento do imóvel não o permite.

As pessoas vindas da África traziam também outra tradição de espaço, outra vivência, outra experiência.

Uma sensibilidade acústica, que não combina muito bem com aquelas edificações-monumento, construídas pelo olho, e que necessitam de uma abordagem muito mais visual que acústica.

Assim, uma verdadeira salada de intervenções sobre intervenções, acabou provocando uma fuga dos habitantes originais, para outras regiões, mais periféricas.

Muitas das pessoas vindas da África acabaram por se afastar também, ou para a Alfama, ou para constituir várias bairros de lata que compõem actualmente o tecido urbano. O centro desvalorizou, provocando um processo de periferia pelo avesso.

O centro antigo, a Baixa Pombalina, que possui uma das mais interessantes praças do século dezoito em toda a Europa, comparável e mais interessante que a de Bordéus, a conhecida Praça do Comércio – assim chamada, paradoxalmente, pelo rei! – foi sendo mais e mais ocupada por um caos visual, feito de placas, fios, letras, luzes, coisas penduradas, sujidades, automóveis, autocarros, eléctricos, camiões, buracos de metropolitano; e por um poderoso caos acústico: buzinas, camiões, lojas de discos, autocarros e mais buzinas; sem qualquer planeamento.

Actualmente, a Praça do Comércio, que representa um dos marcos na superação do Barroco pelo Neo-Classicismo, é utilizada como estacionamento de automóveis!

Até há cerca de cinco anos, não se conhecia o desenho das condutas de esgotos da Baixa. O mapeamento ainda está sendo feito. Portanto, até hoje os edifícios daquela região utilizam o mesmo sistema de esgotos construído na época de Pombal!

E, o que é pior, ou melhor, sem manutenção...

Todo o famoso bairro da Alfama, nas encostas de uma das sete colinas que formam Lisboa, está na mesma situação de degradação.

A parte alta da cidade, o Bairro Alto, com as suas pequenas e labirínticas ruas, típicas de uma judiaria, está completamente degradada.

Nas ruas, muitas vezes, as pessoas afirmam que é essa perigosa degradação que dá uma graça à cidade, e lutam contra qualquer tipo de intervenção mais profunda.

A cidade do Porto, mais antiga que Lisboa, implantada numa maravilhosa encosta, com um fabuloso potencial visual e uma belíssima ponte projectada por Eiffel, está, seguramente, ainda em piores condições.

Muitos problemas.

A burocracia é excessivamente lenta e pesada.

Para se fazer uma ideia do que é esse peso burocrático, a televisão Portuguesa, que gera dois canais considerados fracos comparativamente a outros do género na Europa ou nos Estados Unidos, cuja difusão não atinge sequer a totalidade do pequeno território, e que estão activos somente algumas horas por dia, possui cerca de mil e quinhentos funcionários!

A aprovação de um projecto de arquitectura pode demorar vários meses e até anos.

Quem projecta o traçado viário de novas partes da cidade não é a respectiva Câmara Municipal, mas sim o proprietário do pedaço de terra.

O resultado é um violento tráfico de influências, uma completa ausência de planos directores e uma colcha de retalhos, um urbanismo ainda medieval.

Muito se tem falado sobre esses problemas, mas a quantidade de pessoas envolvidas directamente é tão grande que fica cada vez mais difícil.

Nos países Europeus as brincadeiras do dia primeiro de Abril, o dia da mentira, são especialmente cultivadas.

Há três anos, o mais importante noticiário da televisão Portuguesa, em horário nobre, colocou no ar uma matéria sobre um novo edifício para a Câmara Municipal de Lisboa.

Era um projecto razoavelmente alto – com cerca de quarenta pisos, muito alto para os poucos três ou quatro pisos que caracterizam a volumetria urbana Lisboaeta. As suas fundações, anunciava o entrevistado, tinham sido projectadas para resistir ao mais violento terramoto, e no topo do edifício: a forma de um imenso abacaxi!

O repórter acrescentava, ainda, notícias sobre a transferência da maioria dos funcionários burocráticos para outros sectores do Estado: estaria em andamento acelerado um processo de informatização, após o qual a aprovação dos projectos de arquitectura e de engenharia levariam no máximo de sete a quinze dias, enquanto que vistos e outras exigências burocráticas, apenas quinze minutos!

Essa reportagem causou grande polémica, mas no dia seguinte todos souberam, afinal, que era primeiro de Abril.

Para além de tudo, a actual legislação Portuguesa praticamente compara arquitectos a técnicos com formação secundária, dando a estes todos os direitos profissionais dos arquitectos.

Para completar, o planeamento urbano é uma atribuição orientada com exclusividade aos engenheiros.

Em Portugal, arquitecto não é urbanista.

A formação nas escolas de arquitectura é, ainda, na maior parte dos casos, considerada uma extensão das belas-artes.

Falar em novos espaços, novas concepções urbanas ou vigorosas intervenções

espaciais é, praticamente, provocar a imediata repulsa do interlocutor, muitas vezes até mesmo quando é arquitecto.

Portugal é um país que permaneceu congelado no campo, no mundo agrário, durante vários séculos, até há muito pouco tempo.

A coluna de fumaça subia muito alto.

As cinzas caíam do outro lado do rio.

Um avião Hércules C-130 se preparava para a qualquer instante decolar e despejar uma grande quantidade de cal sobre a cidade.

Em toda a Baixa Lisboeta, actualmente, vivem apenas cerca de três mil e quinhentas pessoas – a maioria velhos, que não admitem nem pensar em sair de lá.

Todos foram ver o incêndio.

A cidade parou. O país parou.

O presidente da República chorou diante das câmaras de televisão, ao ver ruínas tornadas ruínas.

Eram tantas as pessoas que se amontoavam para ver o incêndio, que o iminente perigo de ampliação do foco, os riscos de desabamento e a falta de acessos, obrigou a um verdadeiro plano de evacuação.

Fortes suspeitas de fogo criminoso.

O fogo começou nos Armazéns do Grandela, uma grande loja de departamentos, sem quaisquer condições de segurança.

O dono, também proprietário dos Armazéns do Chiado – muito famoso em Lisboa – tinha acabado de sair de um julgamento, acusado de ter posto fogo num outro negócio, anos antes.

Ao ser interpelado pela imprensa, só pode dizer: é muita coincidência.

A televisão Portuguesa tratou de complicar ainda mais as coisas.

Num brilhante trabalho de jornalismo, colheu diversos depoimentos, localizando até mesmo a pessoa que primeiro chamou os bombeiros.

Identificou uma diferença entre a hora declarada nos depoimentos e a hora de gravação registada automaticamente pelo Corpo de Bombeiros.

Identificaram um considerável atraso entre chamada e atendimento.

O Corpo de Bombeiros afirmou o contrário.

Localizaram o representante da fábrica que forneceu os aparelhos de registo automático das chamadas telefónicas, para saber se seria possível uma adulteração das gravações.

O sujeito se enrolou todo, dizendo que nunca!... que seria impossível!... aí, o pessoal da televisão foi lá e adulterou as gravações de uma outra chamada em poucos minutos, à frente dos bombeiros.

Pânico.

A discussão passou rapidamente para o plano pessoal.

Ministros defendendo bombeiros, um morreu.

Jornalistas defendendo colegas.

O povo revoltado: pobres bombeiros, eles se sacrificam...

E tudo ficou como estava.

Esse pequeno mas tumultuado caso com a televisão ilustra o que poderá a ser o futuro das ruínas de Lisboa.

Alguns anos atrás, resolveram remodelar a Rua do Carmo.

Fizeram um concurso Português, nacional.

O que aconteceu?

Construíram verdadeiros caixotes de cimento rua acima, um considerável obstáculo ao fluxo de pessoas – que não é pouco – e ao fluxo de veículos numa emergência.

Finalidade: plantar árvores e arbustos, como se paisagismo fosse isso.

Não é preciso muita imaginação para chegar à conclusão: quando os bombeiros precisaram de vias rápidas dentro do sinuoso traçado daquele sector, não foi possível.

Depois, com mais calma, o chefe dos bombeiros viria afirmar nunca ter sido necessário trafegar pela Ladeira do Carmo – ponto nevrálgico do incêndio – mas que, se tivesse precisado, não teria sido possível.

O que se espera agora?

Assim que o incêndio foi controlado, arquitectos foram chamados à Assembleia da República para discutir os rumos e avaliar os danos sofridos naquele espaço.

Houve garantias, por parte das autoridades governamentais, de que dentro de um ano – como em 1755 – tudo começará a ser reconstruído.

A Associação dos Arquitectos Portugueses decidiu realizar um concurso.

Alguns arquitectos se ofereceram para ajudar.

O presidente da Câmara Municipal pediu pela elaboração de uma lei que proíba o armazenamento de combustíveis dentro de casas.

Na realidade, já existe uma lei que regulamenta a instalação e manutenção de combustíveis naquela região, com aprovação submetida a vistoria e direito a certificado.

O prazo legal para vistorias acabara havia mais de um ano, e até ao momento não tinha sido expedido sequer um único certificado.

Os responsáveis pelo Estado argumentam que a lei não os obriga a solicitar ou realizar vistorias e que nem mesmo possuem verbas ou pessoal para as fazer.

Argumentam, ainda, que nem mesmo uma relação das lojas e escritórios instalados naquelas ruas eles possuem!

Bastaria consultar a lista telefónica...

O pior é que todos se esquecem de que o maior risco para Lisboa não é o incêndio, mas sim um novo terramoto.

Que virá, já se sabe, mas contra o qual nada foi feito, nada está sendo feito e assim, portanto, nova catástrofe se avizinha.

Desta vez, bem maior e verdadeiramente incontrolável.

O Serviço Nacional de Protecção Civil solicitou dois inquéritos para tornar possível uma profunda análise da situação em caso de ocorrer um terramoto na escala 9 de Richter.

O estudo foi subitamente interrompido, sem se saber por que razões.

A reconstrução deverá demorar cerca de cinco anos.

O que se fará daquelas ruínas?

Há duas correntes bastante distintas e, também, bastante inimigas.

Uma, quer recuperar *ipsis literis* o que lá estava, uma verdadeira reconstrução.

É uma corrente que defende o restauro puro e simples dos edifícios, uma corrente para a qual a cidade deve lutar para congelar ao máximo os seus espaço e tradições.

Caso essa corrente vença – e é, diga-se de passagem, a corrente que parece contar com o apaixonado apoio da opinião pública e que, portanto, deverá gerar mais votos – o programa do concurso será, fundamentalmente, um programa de restauro e não de arquitectura no seu *lato sensu*.

A outra linha, liderada pelo polémico arquitecto Tomás Taveira – que é acusado de copiar projectos de Ricardo Bofill – prega mudar tudo.

O novo pelo novo.

Cobrir as ruas e transformar os antigos armazéns em cinemas.

O problema é que, ainda que algumas das suas ideias possam ter pontos interessantes, os projectos do Taveira, geralmente, são considerados fracos, extremamente comerciais, superficiais.

O maior problema, ainda, é que possivelmente essas duas correntes nunca sentarão juntas e trocarão ideias, mas sempre lutarão ferozmente nos bastidores pelo domínio de uma possibilidade que poderia idealmente projectar uns ou outros para uma almejada posteridade.

Entre todas essas posições, mais ou menos radicais, entre as lutas de bairro, entre diversas facções, chamar Álvaro Siza Vieira para participar – arquitecto do Porto, que venceu o concurso internacional para remodelação e reciclagem do bairro judeu de Veneza, à frente de Aldo Rossi, Bofill e Botta, e que ganhou, este ano, o ambicionado prémio Alvar Aalto – pareceria coisa impossível, coisa de outro mundo.

E foi o que aconteceu.

Pressionado pelo descontrolo do incêndio e procurando desesperadamente – pelo que todos falam e pelo que tudo indica – uma reeleição para a presidência da Câmara Municipal da cidade, o engenheiro Krus Abecassis espantou todos ao anunciar, numa verdadeira operação surpresa, o convite a Siza.

Não houve concurso.

Interpelado pelos jornalistas, que perguntavam se o concurso anunciado pela Associação dos Arquitectos Portugueses não seria algo mais democrático, Abecassis respondeu – «O que diriam os nossos descendentes, daqui a duzentos anos, se soubessem que tínhamos um arquitecto do porte de Álvaro Siza, e não o tivéssemos convidado para o trabalho?»

Abecassis, político tarimbado, descobriu a sua única tábua de salvação: convidou o mais importante arquitecto Português da actualidade, contra tudo e contra todos.

Não se deve esquecer que em Portugal há uma profunda rivalidade entre Lisboa e Porto, e que Álvaro Siza – do Porto – tem sido frequentemente esquecido na sua própria terra.

Os conflitos permanecem.

A Câmara Municipal de Lisboa ainda não tem contrato assinado com Siza.

Siza ainda não disse se aceita ou não – mas é claro que aceitará.

O trabalho de Siza será um plano geral, ao qual poderão estar associados vários escritórios Portugueses e, talvez, até de outros países.

As regras ainda não foram definidas e a Associação dos Arquitectos Portugueses ainda não se manifestou.

Certa vez, pouco antes de morrer, Heitor Villa-Lobos – então, já mundialmente consagrado, e já bastante marcado por vários e injustos esquecimentos, especialmente nos momentos mais difíceis da vida – recebia de um portador oficial e especial um honroso convite para jantar com o então presidente do Brasil, Juscelino Kubitcheck.

Ao receber o convite, que vinha num envelope enorme – Villa-Lobos respondeu: «Diga ao Presidente que agora a minha fome já passou».

Para Álvaro Siza, talvez ainda não.

A história de uma cidade nunca passa ao largo da história das pessoas que nela moram.

Mas, muitas cidades-monumento foram feitas com outro carácter.

Um carácter de durabilidade, de distanciamento das pessoas, de eternidade, de ausência e de idealismo máximo.

Cidades-escultura.

Cidades-casca, típicas de uma mentalidade mecânica e hierarquizante.

Aí, vale lembrar Thoreau: «o melhor governo é aquele que não governa coisa alguma; e quando os seres humanos estiverem preparados, este será o governo que terão».

Emanuel Dimas de Melo Pimenta

Lisboa. 1988

Breves comentários sobre O Incêndio (2003)

O Incêndio foi escrito em 1988.

Mais de quinze anos se passaram e a cidade de Lisboa mudou.

A reconstrução da área destruída levou vários anos – mas foi feita e terminada com grande sucesso.

Praticamente, foram eliminados todos os bairros de lata em Portugal – substituídos por bairros sociais. E quase já não há pessoas vivendo em condições como aquelas de 1988.

Os inquéritos foram sempre inconclusivos no que diz respeito a um ou mais culpados em relação ao incêndio.

A Praça do Comércio não é mais utilizada como estacionamento de automóveis. Muitas ruas da Baixa foram desobstruídas e interrompidas ao tráfego.

Os problemas com os esgotos foram resolvidos.

Tanto a Alfama como o Bairro Alto estão sendo objecto de um contínuo trabalho de remodelação.

Portugal ainda continua extremamente burocrático e pouco eficiente.

Ainda não foram resolvidos sérios problemas em relação ao risco de abalos sísmicos.

Álvaro Siza ganhou a obra e optou – como era o esperado – por uma estratégia bastante conservadora.

Tomás Taveira se viu envolvido em graves escândalos e acabou praticamente ostracizado.

A cidade melhorou.

Mas, continua sendo uma cidade – e se quisermos, quando quisermos, não será difícil apontar mil defeitos, erros e coisas para mudar.

Com tudo isso, Lisboa continua sendo uma cidade mágica – daquelas que nos aperta o coração quando dela nos aproximamos.

Emanuel Dimas de Melo Pimenta

Lisboa. 2003

Crónica de Paris sem Julio Cortázar

Jorge Medauar

Vazia a Place Pigalle, Ninguém
No Café de La Paix.

Chove uma poeira cinza sobre todas as pontes que cortam o Sena.
O próprio Sena parece voltar. Tenta trazer de volta a imagem que, um dia, sobre as águas
trémulas se reflectiu.

O rosto de Julio desceu nas dobras do Sena, seguiu o mesmo destino das águas de todos
os rios. Mas eis que a suavidade do vento tange de volta o rosto largo de Julio Cortázar.

Chove mais sobre Paris. Um choro triste de chuva fina geme a ausência de Julio.
Sobe um tango quase sufocado das vielas. Lá longe, a rua do Gato que Pesca perde suas
cores.

Julio Cortázar saiu do hospital Saint-Lazare sem ver árvores nem bosques. Vincennes e
Fontenbleau ouvem o vento chorando por entre as folhas das suas árvores.

No cemitério de Montparnasse Julio deita-se ao lado de Carol e dorme. Sua casa na rua
Martel está cheia de livros e discos, mas Julio já não senta-se ao por-do-sol diante da sua
janela que se abre para a rua do Paradis, por onde muitas vezes, só, caminhava. Lá pelo
Boulevard Magenta até a gare de l'Est. Na esquina da rua Saint Laurent parava com suas
recordações de Buenos Aires. Agora o seu corpo enorme dorme na solidão desta manhã
de chuva cinza sobre Paris. Voz abafada, vinda de longe,

Edith Piaf canta. Depois, tudo silencia.
Sem Julio Cortázar.

Algumas obras de Jorge Medauar

Chuva sobre a tua semente (poemas)

José Olympio, Rio de Janeiro, 1945

Morada da Paz (poemas)

Brasiliense, São Paulo, 1949

Prelúdios, Noturnos e Tema de Amor (poemas)

José Olympio, Rio de Janeiro, 1954

Às estrelas e aos bichos (sonetos)

Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1956

Água Preta (contos)

Brasiliense, São Paulo, 1958

Fluxograma (poema)

Clube da Poesia, São Paulo, 1959

A procissão e os porcos (contos e novela)

Francisco Alves, São Paulo, 1960

Histórias de menino (contos)

J. Ozon, Rio de Janeiro, 1961

Jogo Chinês (poema)

Imprensa Oficial, Salvador, 1962

O incêndio (contos)
Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1963

Coleção imbondeiro (contos)
Angola, 1963

Medauar conta histórias de Água Preta (contos)
GRD/INL, Rio de Janeiro, 1975

No dia em que os peixes pescaram os homens (infanto-juvenil)
Pioneira, São Paulo, 1978

Bom como Diabo (infantil)
Pioneira, São Paulo, 1982

Contos encantados (contos)
Edicom, São Paulo, 1985

Viventes de Água Preta (contos)
Rio Fundo, Rio de Janeiro, 1996

A vida não pode ser uma ponte sem rio

Jorge Medauar Jr.

Em Abril de 2004, mês e ano em que meu pai faria oitenta e seis anos, estive em Água Preta, na Bahia, com minha mãe, para atender um de seus últimos desejos: jogar, da ponte que hoje leva o seu nome, as suas cinzas no rio em que passara a sua infância, entre mergulhos e olhares escondidos sobre as cochas das lavadeiras que batiam roupa, de cócoras nas margens.

Na terra em que brincara de bodoque, arco e flecha, picula pelas ruas estreitas, batidas de terra, onde trafegavam jegues e burros com seus caçuás de aipim, laranja, banana da terra e cacau.

Antes de atender àquele pedido, alguns intelectuais, familiares e amigos, estiveram reunidos para falar um pouco sobre a sua vida e a sua obra.

Uma dessas pessoas disse uma coisa bastante interessante: que Água Preta só teve história até quando se chamava Água Preta. Depois que mudaram o nome para Uruçuca, ninguém nunca mais ouviu falar daquela cidade perto de Ilhéus. E isso se devia ao trabalho literário de meu pai e, portanto, a cidade tinha, para com ele e com a família, uma enorme dívida, que seria paga através de acções que pudessem perenizar o seu nome e a sua obra. Já estamos trabalhando nisso fortemente, com a inauguração da Biblioteca Jorge Medauar, no colégio em que ele estudou, com o Memorial de Jorge Medauar, com o lançamento do Concurso Literário Jorge Medauar, entre outras homenagens.

Ao ser convidado pelo velho e querido amigo Emanuel Dimas de Melo Pimenta para escrever uma biografia do meu pai, confesso que senti uma punhalada por dentro, pois estava diante do maior desafio de toda a minha vida.

Afinal, a não ser pelo facto de ser seu filho, quem sou eu para escrever ou falar sobre

alguém cuja a maior de todas as obras, foi ter conseguido escrever o nome de sua cidade no mapa literário e geográfico do Brasil e do mundo?

Aliás, já houve quem dissesse que, “ao cantar a sua aldeia, estarás cantando o mundo”. Foi isso, em resumo, o que meu pai fez, como escritor. Cantou a sua aldeia. Projectou-a para o mundo.

Mas por trás do escritor de “Chuva sobre a tua Semente”, “Morada de Paz”, “À estrela e aos bichos”, “Histórias de Menino”, “O incêndio”, “Visgo da Terra”, “Água Preta”, “Bom como diabo” – só para citar alguns de seus mais de vinte livros de poesia e contos e sem falar na presença em dezenas de antologias publicadas no Brasil e no exterior – tivemos, Emanuel, eu e tantos outros, a oportunidade de conhecer e conviver com um homem que, para além da dignidade, da bondade, do carácter, da educação, tinha um bom humor invejável. Contava anedotas, percebia coisas extraordinárias, ria e fazia rir.

Só para se ter uma ideia, não conheço nenhuma fotografia em que meu pai não apareça com os olhos puxados e a boca rasgada, como se desenhada com a ponta de um punhal, quero dizer, com a cara aberta, a expressão alegre, como foi o seu coração, a sua alma, a sua casa.

E foi isso que o aproximou de tanta gente boa. E foi isso que aproximou tanta gente boa dele. Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade, Érico Veríssimo, Luiz Carlos Prestes, Raquel de Queirós, Guilherme de Almeida, Mário de Andrade, Antonio Olinto, Moreira Campos, Hélio Pólvora, Ana Maria Martins, Cassiano Ricardo, Graciliano Ramos, Di Cavalcanti, Clóvis Graciano, Heitor Villa Lobos, Renato Castelo Branco, Antonio Houassis, Roberto Duailibi, Breno Caldas, Rivadávia de Souza foram algumas dessas pessoas, em São Paulo, na Bahia, no Rio de Janeiro, em Porto Alegre. Mais que colegas no ofício das artes e das letras, foram amigos.

Quase parentes.

O que, certamente, contribuiu para sua formação como homem e como poeta.

Como memorialista, contista, ensaísta, publicitário, jornalista, conferencista, professor. Como boémio, pai, amigo, conselheiro.

Ele costumava dizer que a gente nunca iria ver um intelectual saindo de uma leitaria. Hoje nem existe mais leitaria.

E, com certeza, também já não existem mais intelectuais como antigamente. Como alguns citados aqui. Como ele, afinal.

Privilegiados, posso dizer sem modéstia, foram aqueles que puderam participar, em sua companhia, de um prato de lentilhas, sentir o cheiro do assado tomando conta da casa, do vinho sobre a mesa, das viagens, das caminhadas na praia, das madrugadas regadas com muita música e poesia.

Meu pai, por fim, apesar de toda essa mala cheia de histórias e relacionamentos, foi um homem simples e humilde, porque foi criado no meio da gente miúda da sua terra – tropeiros,

flautistas, maquinistas, cegos, aleijados, bicheiros, rezadeiras, parteiras, candomblezeiras, pescadores, taifeiros, jagunços, trabalhadores das roças de cacau, tabaréus, enfim. Afinal, este foi seu mundo.

Esta foi a sua aldeia.

Foi com eles que aprendeu essa arte.

A arte de cativar, de sensibilizar, de tocar, de emocionar através do gesto comedido, da palavra lapidada, do rigor consigo mesmo.

Agora, chegando perto do final desse pequeno texto, continuo sentindo a ponta do punhal, continuo chorando por dentro.

Mas feliz por ver que, além do povo de Água Preta, ainda tem gente, do outro lado do mar, que também trabalha para reconhecer e eternizar o seu nome e a sua obra.

Continuo chorando por dentro, só que agora de alegria.

Por este presente que, afinal, ele, eu, toda a minha família e todos os seus amigos, estamos recebendo do querido Emanuel.

Obrigado Emanuel.

De onde meu velho e querido pai estiver também estará se alegrando e, a seu modo, também há de lhe agradecer. Esta é uma forma de continuarmos tendo nosso pai no meio de todos nós.

De não sentirmos a sua falta como uma ponte sem rio.

Porque, afinal, o que é a vida senão um balaio cheio de azeite e tâmaras, de dendê e farinha, de retratos, lembranças e sonhos que nunca merecem morrer?

Jorge Medauar Jr., 2004

Emanuel Pimenta é arquitecto, compositor de música experimental e fotógrafo. Trabalhou com John Cage, durante os seus últimos sete anos de vida, é compositor para Merce Cunningham desde 1986, publicou mais de trinta livros e mais de vinte compact discs em diversos países. Vive entre Locarno, Suíça – sua residência principal, Lisboa e Nova York. O seu site é www.emanuelpimenta.net

créditos

Fragmento do texto de Jorge Medauar “Personagens Árabes na Obra de Jorge Amado”.
Texto integral publicado originalmente na Revista de Estudos Árabes N. 1, DLO-FFLCHUSP, 1993.

Fotografia de Jorge Medauar - realizada por Emanuel Dimas de Melo Pimenta, em São Paulo, Brasil, no ano de 1997, parte da coleção SOULS.

Fotografia da Galáxia Triangular M33: NASA/JPL-Caltech

ÍNDICE ONOMÁSTICO

Abecassis, Krus
Abrantes (Frei)
Al Khwarizmi
Alexandria, Paladas de
Ali, Said
Almeida, Guilherme de
Amado, Jorge
Andrade, Carlos Drummond de
Andrade, Mário de
Andre, Carl
Anjos, Augusto dos
Arabi, Ibn
Arafat, Yasser
Araripe, Oscar
Aristóteles
Ásfora, Permínio de Carvalho
Assis, Machado de
Atache, Élcio
Avicena

Balzac, Honoré de
Banchara, Evanildo
Bandeira, Manuel
Barbosa, Rui
Barreto, Efigênia Menna
Bashô, Matsuo
Baudelaire, Charles
Becheli, Ricardo
Berg, Alban
Bilac, Olavo
Blake, William
Bofill, Ricardo
Bolivar, Simão
Bonomi, Maria
Borges, Jorge Luis
Botta, Mario
Brahms, Johannes
Brecht, Berthold
Brown, Joe
Byron, George Gordon, Lord

Cabral, Pedro Álvares
Cage, John
Caldas, Breno
Camões, Luís de
Campos, Moreira
Caribé
Carneiro, Cecílio J.
Carvalho, Flávio de
Castañeda, Carlos
Castelo Branco, Humberto de Alencar

Castelo Branco, Renato
Castro, Fidel
Caymmi, Dorival
Cervantes, Miguel de
Chamie, Mário
Chopin, Frederic
Churchill, Winston
Clark, Reginald
Colombo, Cristóvão
Corona, Eduardo
Cortázar, Julio
Craft, Robert
Cummings, Edward Estlin
Cunningham, Merce

David-Neel, Alexandra
Deba, Célio Salomão
Debussy, Claude Achilles
Delaunay, Robert
Demócrito
Derani, Álvaro Zarzur
Di Cavalcanti
Doesburg, Theo Van
Duailibi, Roberto
Dubuffet, Jean
Dutra, Reginaldo

Elliot, T. S.
Eiffel, Gustave
Einstein, Albert
Erlich, Max
Espinoza, Bento

Faissal, Floriano
Farhat, Emil
Flaubert, Gustave
France, Anatole
Freyre, Gilberto

Galilei, Galileu
Gama, Vasco da
Gantois, Mãe Menininha do
Gershwin, George
Gershwin, Ira
Ghiurghi, Alberto
Gombrowicz, Witold
Gouveia, Teresa Patrício
Graciano, Clóvis

Haddad, Jamil Almansur
Hawking, Stephen
Hayyan, Jábir Ibn
Hegel, Georg Wilhelm Friedrich

Heifetz, Jacha
Heráclito
Herrigel, Eugen
Hesse, Hermann
Hitti, Philip
Holanda, Chico Buarque de
Horowitz, Vladimir
Houaiss, Antônio
Hugo, Victor
Hussein, Saddam

Ishaq, Hunayn Ibn

Jaguaribe, Hélio
João VI, Dom, Rei de Portugal
Jorge, Salomão
Joyce, James
Jung, Carl Gustav

Kafka, Franz
Kant, Emanuel
Kazm, Ali Ibn
Kennedy, John Fitzgerald
Khatib, Ibn al
Khayamm, Omar
Khoury, Angelina Bierrenbach
Khoury, José
Kieffer, Anna Maria
Koellreutter, Hans Joachim
Koestler, Arthur
Kubtscheck, Juscelino
Kuraïem, Mussa

Lacerda, Carlos
Levi, Rino
Lessa, Elsie
Lima, Maurício Nogueira
Lizst, Franz
Lobato, Monteiro
Lula, Luiz Ignácio da Silva

Machado, Luiz Toledo
Magno, Carlos
Mahler, Gustav
Majid, Ahmad Ibn
Maimon, Mosheh Ben, Maimonides, Rambam
Maquiavel, Nicolau
Martins, Ana Maria
Martins, Ivan Pedro
Marx, Karl
Mateus, Maria do Carmo, Micá
Matos, Gregório de
Medauar Jr., Jorge Emílio

Medauar Correa, Maria Matilde
Medauar, Odete
Medawar, Peter
Mallarmé, Stephanie
Mello, Eduardo Kneese de
Melo Neto, João Cabral de
Mesquita, Júlio
Milton, John
Minkowski, Hermann
Mondrian, Piet
Monod, Jacques
Montesquieu, Charles Louis de Secondat, ou de La Brède

Nani, Rodolfo
Nassar, Raduam
Nasser, David
Nejar, Carlos
Neme, Mário
Neves, Tancredo de Almeida
Niemeyer, Oscar

Olinto, Antônio
Olivetto, Washington
Ovídeo

Pedro I, do Brasil, D. Perdro IV de Portugal
Peixinho, Jorge
Pessoa, Fernando
Pignatari, Décio
Pimenta, Laura Filipa Moniz Freire Dimas de Melo
Pimenta, Luciana Moniz Freire Dimas de Melo
Pires, José Cardoso
Platão
Plutarco
Poe, Edgar Allan
Pólvora, Hélio
Prestes, Luiz Carlos
Prokovief, Sergei
Proust, Marcel
Pugliese, João Baptista

Quadros, Jânio
Queirós, Raquel de
Queiroz, Dinah Silveira de
Queiroz, Eça de
Quintana, Mário

Rachid, Harun al
Rahman, Abd Al
Ramos, Graciliano
Ramos, J. Martins
Rhazes
Ricardo, Cassiano

Rietveld, Gerrit
Roosevelt, Theodor
Rosa, João Guimarães
Rosa, Noel
Rossi, Aldo
Rubinstein, Arthur
Rulfo, Juan

Saladino
Sanguinetti, Julio María
Saramago, José
Satie, Eric
Schopenhauer, Arthur
Schwarz, Alfred Gehrard
Sharon, Ariel
Silveira, Helena
Sócrates
Sófocles
Souza, Rivadávia de
Steinbeck, John
Strawinsky, Igor

Tacla, Paulo
Taveira, Tomás
Thomas, Lewis
Thoreau, Henry David
Turin, Roti Nielba

Ueb, João Tomaz

Valery, Paul
Varèse, Edgar
Vasarely, Victor
Veloso, Caetano Emanuel da Silva Teles
Veríssimo, Érico
Villa-Lobos, Heitor
Voltaire, Francois-Marie Arouet

Warhol, Andy
Welles, Orson
Wheeler, John Archibald
Wren, Christopher

Zahran, Ueze
Zaidun, Ibn
Zappa, Frank
Zola, Emile

ÍNDICE TEMÁTICO

acarajé
Água Preta
Alemanha
Alfama
Angola
Apologia de Sócrates
arak
Argentina
Arjuna
arquitectura
arquitectura japonesa
arte

arte conceptual
minimal
optical art
orfismo
arte povera

Asilah
Associação Brasileira de Marketing
Atenas
atractores matemáticos

Bagdade
Bahia
Banco Central Europeu
Bororo, índios
Brasil
Brasília
Budapeste
Buracos Negros

Campo Grande
Campos do Jordão
Canudos
carurú
Casablanca
Cascais
chancklich
ciberespaço
City Center Theatre
Coca-Cola
Colômbia
comunicação
Comunidade Económica Europeia
Copagaz
corrupção
criatividade
Crônica de Paris sem Cortázar

De Still
dialéctica
ditadura

doppler, efeito

Egipto

El Niño

Eldorado, rádio

electrónica

electricidade

Erva do Diabo, A

esfiha

Espanha

Espírito das Leis, O

Estado de Direito

Estados Unidos

estética

estilo

Europa

Fabrications

fado

Fiji, Ilhas

fotografia

França

Fundação Jorge Amado

guerra

Gibraltar

Gravity Sound Waves

Grupo 9

Grupo Zahran

holografia

hipotaxe

hummus

Ilhéus

Inglaterra

Ipiranga

ISIS – Symmetry

Israel

Itália

Japão

jornalismo

kibe

Krishna

Lisboa

literatura

Londres

Lusíadas, Os

Macbeth

Maranhão

marketing

Marrocos

matemática

medicina

Medusa e a Lesma, A

Mil e Uma Noites, As

Moçambique

monarquia

Monções

muqueca

música

Nações Unidas

neolítico

neutrino

Nova República

Nova York

O Estado de São Paulo, jornal

On Béla Bartók

ouzo

Paraguai

Paraíso Perdido, O

parataxe

Paris

paste-up

Pernambuco

poesia

poesia concreta

vilancico

Pompeia

Porto Alegre

Porto

Porto Seguro

Portugal

Praça da Sé

pré-história

publicidade

pulsar

quarks

quasar

Ratos e Homens

Razões da Coincidência, As

Realidade Virtual

Recife

Rede Globo

relatividade, princípio da

Renascimento Italiano

Revolução Industrial

Ribeirão Preto
Rio de Janeiro
Rio Grande do Sul
Roma
Rubaiyat

São Paulo
Salvador
Schwarzchild, borda
semiótica
Serra da Estrela
Setembro Negro
Shell
ShortWaves 1985
sincronicidade
Sintra
socialismo
Stonehenge

Tanger
Tapas – A Impermanência das coisas e das idéias
teatro
tele-presença
televisão
tempo
Terceiro Mundo
Tocaia Grande
Toltecas
tragédia Grega

Ulisses (Homero)
Ulisses (James Joyce)
urbanismo
Uruçuca
Uruguai
vatapá

vídeo-games
vinho
 Dão
 Periquita
violência
Volkswagen

z'atar
Zen